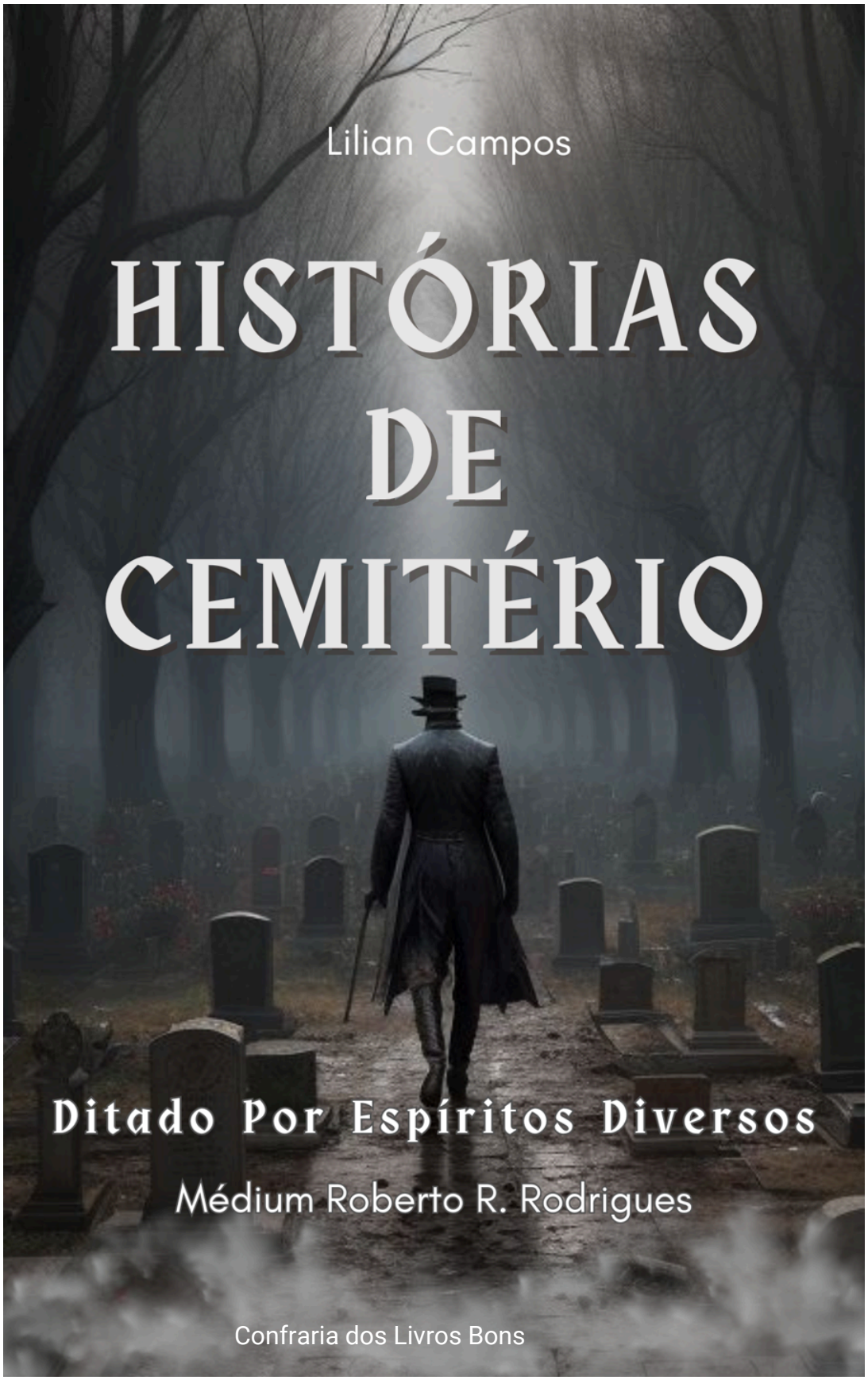
Lilian Campos
HISTÓRIAS DE CEMITÉRIO
Ditado Por Espíritos Diversos
Médium Roberto R. Rodrigues
Confraria dos Livros Bons

HISTÓRIAS DE CEMITÉRIO

Em meio ao silêncio sepulcral que amedronta a maioria, se faz presente a agitação de um mundo extraordinário comandado pelos Guardiões dos Cemitérios.

Através de cinco histórias, os amparadores espirituais apontam de forma categórica os graves desequilíbrios mentais e morais que lançam encarnados e desencarnados nas valas do desespero causando sérias perturbações nos ambientes astrais e físicos dos Campos Santos.

Penetre esse plano oculto cheio de surpresas, descubra um novo Universo e mude a sua maneira de ver, entender e sentir os espaços sagrados que atuam como a última morada do corpo.

A morte não é o fim, ela se apresenta como o passaporte de liberdade para o espírito que já cumpriu o estágio obrigatório.

Um Espírito
Ensinou

HISTÓRIAS DE CEMITÉRIO

Pelos Espíritos

Sete Porteiras

Clóvis

Lebeau

Médium Roberto R. Rodrigues

∞Lilian Campos∞

Copyright/2024

1ª edição

Confraria dos Livros Bons

Copyright © Lilian Campos. 2024

ISBN: 9786500983890

Autoria

∞Lilian Campos∞

Capa

∞Lilian Campos∞

Diagramação

Roberto R. Rodrigues

Revisão

Alexandre Farinon de Aguiar

Roberto R. Rodrigues

C198c

Campos, Lilian
Contos de Cemitério / Lilian Campos – 1. Ed. – Foz do Iguaçu – PR: Edição da autora, 2024.

ISBN: 9786500983890

1. Espiritismo. 2. Mediunidade. I. Título.

CDD: 133.93
CDU: 133.7

Confraria dos Livros Bons

ATENÇÃO!

Como aviso, esclarecemos que as histórias deste livro são baseadas em fatos reais e podem apresentar temas adultos, abusos de substâncias, mortes brutais, descrições perturbadoras e palavras ofensivas.

Tenha cuidado com menores de 16 anos. Para preservar a identidade de encarnados e desencarnados citados e envolvidos nas obras, todos os nomes, datas e locais foram propositalmente modificados.

Tal medida não altera a essência do trabalho, que mantém a autenticidade dos ensinamentos e veracidade dos acontecimentos principais.

Essa obra tem como objetivo principal mostrar a realidade dos fatos que permeiam a vida da humanidade, portanto, muitos relatos podem parecer desagradáveis e insensíveis, pois expõe com clareza a condição evolutiva dos seres que hoje estagiam no campo terreno.

SUMÁRIO

CARTA AO LEITOR

Relatos de Um Morto Sobre a Morte

O Velório

O Anel

O Carona

A Top Model

CONHEÇA AS OUTRAS OBRAS DA ESCRITORA

CARTA AO LEITOR

A dinâmica dos velórios é quase sempre a mesma, os encarnados em baixa frequência levam os seus acompanhantes desencarnados que, na maioria das vezes, são espíritos inferiores e dispostos a tudo para subtrair uma porção de ectoplasma que os ajude a se sentir materializados.

Os vícios, a inconsciência, os apegos, o materialismo e tantas outras paixões mundanas, são verdadeiras correntes que mantêm milhares de desencarnados no plano astral da Terra. Para satisfazer as necessidades do corpo denso, a maioria busca nos encarnados com baixa vibração a fonte de ectoplasma necessária, e quando encontram a oportunidade de saquear um cemitério, prontamente se alegram com a ocasião.

Os velórios são como banquetes para espíritos inconscientes que precisam se abastecer de algum tipo de energia telúrica, pois além de reunir muitos encarnados em baixas vibrações, ainda oferecem um recém-desencarnado que, na maior parte dos casos, está impregnado de ectoplasma com baixíssima frequência, visto que, a morte é sempre um processo que causa medo, dúvidas, culpas e sentimentos de baixa vibração.

Muitos dos espíritos perdidos que acompanham os encarnados reconhecem a condição fora da matéria, sabem que os cemitérios são protegidos por guardiões e usam de artifícios absurdos para se aproximar do caixão.

Alguns se apresentam como familiares, amigos, mostram-se devotos querendo prestar condolências ao falecido e, por mais insensato que pareça,

existem os que rezam sobre o recém-desencarnado, em uma tentativa desesperada de se aproximar para extrair um pouco da energia que os fará sentir-se na matéria.

Respeitando as Leis do livre arbítrio, os guardiões permitem a entrada desses espíritos desajustados, que chegam como convidados dos encarnados. Mas diante de qualquer tipo de perturbação ou profanação, na condição de representantes da Lei Maior, eles têm o direito e o dever de impor a ordem[1] .

É importante observar que grande parte dos desencarnados perdidos no plano astral da crosta mantém as crenças de céu e inferno, sendo assim, são mentalmente vulneráveis às figuras diabólicas e temem profundamente os castigos infernais.

A intenção desta obra é mostrar de maneira clara e objetiva a dinâmica entre encarnados e desencarnados, como também, conscientizar os irmãos que estagiam na matéria.

Espero sinceramente que as próximas histórias possam, de alguma maneira, atenuar as ocorrências lastimáveis que diariamente transformam cemitérios e capelas mortuárias em palcos de disparates.

Faço votos de uma boa leitura.

Sete Porteiras – Dezembro de 2023.

[1] Nota do Editor: O Livro “Os Intocáveis do Além” oferece exemplos e elucidações mais detalhadas sobre os diferentes trabalhos dos guardiões e os acontecimentos que permeiam o plano astral dos cemitérios.

Relatos de Um Morto Sobre a Morte

Em certa ocasião, eu acompanhava mais um enterro e me encantava com a bela despedida organizada pelos familiares, quando avistei o guardião Rodolfo e o seu protegido se aproximando.

Eu já estava aguardando a chegada dos visitantes e sabia que um ator famoso seria levado para o nosso campo santo e ficaria sob a minha supervisão.

Ciente de que o novo estagiário mantinha uma personalidade difícil, eu segui ao encontro do Rodolfo, o cumprimentei cordialmente e quando notei o semblante irritado de Golias, não pude deixar de observar o campo áurico flamejando tons purpúreos.

Fingindo não perceber a intensa irritação, eu mantive o bom humor, abri os braços para Golias e exclamei:

— Seja bem vindo ao nosso campo santo! Saiba que eu sou seu fã e sempre amei as suas novelas!

Com o rosto contorcido e notável asco, Golias correu os olhos pelas minhas roupas alegres e coloridas, retribuiu o abraço, deu leves tapinhas nas minhas costas fingindo interesse e perguntou:

— Os mortos assistem televisão?

— No almoxarifado dos coveiros encarnados têm um televisor, quando eles assistem aos programas televisivos eu me aproximo para compartilhar o momento. Eu adorava os seus filmes, principalmente as pornochanchadas!

Golias estalou os olhos mostrando espanto e questionou de maneira acusativa:

— Então os mortos assistem pornochanchadas?

— Não é como você está pensando! Nós já aprendemos a ver o sexo com naturalidade, não nos excitamos e nem criamos fantasias libidinosas carregadas de energias impuras! Saiba que os seus filmes oferecem excelentes dados para estudos! E quer saber algo interessante? O que você fazia naqueles filmes era fichinha se comparado às coisas que eu fiz durante a vida!

Com o semblante ainda mais carregado de repulsa, Golias deu um passo para trás, me olhou de cima a abaixo e interrogou:

— Mas quem é você? Ou melhor, o que é você? Esse é o tipo de gente que povoa o mundo dos espíritos? Você é veado?

Rodolfo bufou mostrando cansaço e falou entredentes:

— Golias, eu já falei para manter a boca calada! Lebeau é o guardião chefe desse cemitério, ele é um Tata Caveira, não o provoque! Você não sabe com quem está mexendo!

Ignorando a grosseria de Golias e ciente de que ele expressava o que carregava em seu íntimo, eu expliquei:

— Durante a vida terrena eu fui um homossexual. Como aqui não existe preconceito, eu decidi manter-me como fui quando encarnado, eu gosto de me expressar dessa maneira e não faço mal a ninguém! Os detalhes sobre a minha vida passada foram transformados em um livro, se quiser leia e limpe esse preconceito horroroso[2] !

2.Nota do Editor: Livro: Lebeau - A Intrigante História de um Guardião.

Rodolfo estendeu a mão e disse:

— Lebeau, eu preciso voltar ao meu posto de trabalho, fiz a minha parte com o Golias, agora é com você. Boa sorte!

— Pode deixar comigo! O Golias vai aprender muitas coisas em nosso campo santo!

Quando Rodolfo atravessou o portal aberto no cruzeiro e nos deixou sozinhos, eu olhei para o rosto irritado de Golias e falei com a habitual animação:

— Vou explicar como é feito o novo trabalho! Siga-me!

Mostrando impressionante petulância, Golias revirou os olhos e respondeu com impaciência:

— Acho bom, até o momento não me explicaram nada, apenas me jogaram nesse lugar e falaram que preciso trabalhar!

— Bem… Se as coisas aconteceram dessa maneira certamente havia um motivo! Estou correto?

— Não sei, ainda estou me situando!

Depois de alguns passos, quando paramos na frente da sepultura, eu apontei explicando:

— Você vai começar por essa cova! Sabe quem está enterrado aqui?

Golias respondeu com truculência:

— Não sei! Como posso saber? Não sou adivinho!

Consciente de que precisava ser paciente, mas ao mesmo tempo impor limites e assegurar o respeito e a ordem entre os trabalhadores, eu falei com austeridade:

— Essa é a sua sepultura! Está vendo aquela gosma preta nojenta? Ela é a sua herança para a Terra, são fluidos contaminados por pensamentos e sentimentos de baixas vibrações! Esse ectoplasma precisa ser removido e descartado em um aterro especial onde essa matéria será desintegrada. Nosso trabalho é impedir que essa substância contaminada caia nas mãos de trevosos e seja usada para prejudicar outros seres.

Golias arqueou o corpo sobre a cova, olhou com extrema repugnância e exclamou:

— Tenho que limpar essa porcaria?

— Sim! É a sua porcaria! O Rodolfo exigiu que deixássemos a limpeza por sua conta!

Golias deu alguns passos para trás e afirmou:

— Não vou limpar isso!

— Ahh, vai sim! Vou providenciar uma pá, um carrinho e você vai deixar essa cova brilhando!

Quando eu olhei para o final da ladeira e avistei o guardião Augusto, instantaneamente fui iluminado por uma ideia brilhante. Aquele era o trabalhador ideal para fazer parceria com Golias, pois além de extremamente paciente, Augusto transmitia uma humildade quase incomum. Decidido a apresentar à dupla, eu levantei o braço acenando e chamei:

— Augusto! Venha aqui, eu tenho um trabalho para você!

Coberto dos pés a cabeça com uma capa marrom, Augusto caminhou lentamente na nossa direção, se aproximou desceu o capuz e perguntou:

— Em que posso ajudar, chefe?

Ao se deparar com a caveira medindo quase dois metros de altura, rosto esquelético e órbitas vazias, Golias deu um salto para trás, arregalou os olhos, empalideceu e apontou gritando:

— Meu Deus do céu! O que é isso?

Cuidadosamente segurei o braço de Golias e pedi:

— Calma! Calma! Não tente correr! Está tudo bem! Esse é o Augusto, ele é o guardião chefe dos coveiros!

Quando Augusto voltou-se para mim deixando a mostra as grandes órbitas vazias, a arcada dentária branquíssima e o rosto cadavérico, eu falei mentalmente:

— Nossa Senhora! Às vezes até eu me assusto com a sua cara! Credo! Não é à toa que o Golias quer fugir!

Sem os músculos da face para expressar os sentimentos, Augusto soltou uma estrondosa e divertida gargalhada, mas o rosto esquelético manteve-se imóvel e a risada ecoou apenas nas nossas mentes.

Percebendo que Golias estava paralisado, em estado de choque e pronto para criar mentalmente um infarto, eu esclareci:

— Golias, não precisa ter medo! Augusto é um irmão espiritual que nos ajuda muito, é uma pessoa do bem! Durante a vida terrena ele foi extremamente materialista e apegado ao corpo. Após o desencarne e o enorme sofrimento nos vales de expurgo, Augusto decidiu se juntar às

falanges de Cristo, e para nunca esquecer a importância de vencer as fraquezas espirituais, ele escolheu manter a aparência do longo período em que passou pelo doloroso expurgo.

Com os olhos esbugalhados e queixo caído, Golias balbuciou:

— Isso é uma pessoa? É gente?

— Sim, é gente! Sempre acho interessante a reação das pessoas diante de uma caveira! Os encarnados têm tanto medo da morte, que se apavoram ao ver aquilo que inevitavelmente se tornarão um dia! O ego sofre imensamente quando percebe que não é especial, que no final será como todos os outros corpos, apenas um monte de ossos!

Pressentindo que Golias estava prestes a correr, eu não consegui conter a gargalhada, ri alto e falei:

— Augusto é um protótipo de gente! Ele passou pelas câmaras de retificação, recuperou o corpo espiritual, mas prefere ficar com essa aparência.

No plano espiritual alguns irmãos fazem essa escolha. Para Augusto é uma maneira de fixar no mental a importância do desapego. Será muito bom para você trabalhar ao lado dele.

— Eu vou trabalhar com isso?

— Sim! O Augusto vai te ensinar o novo ofício, explicar como as coisas acontecem no astral e compartilhar as experiências que obteve após anos de sofrimento e expurgo preso em um corpo podre!

Augusto entregou uma pá para Golias e disse:

— Vou buscar um carrinho!

Golias olhou para a pá e interrogou:

— O que é isso?

Certo de que inconscientemente ele buscava uma maneira de escapar do trabalho, imediatamente respondi:

— É uma pá! Eu sei que você nunca precisou pegar em uma pá! É lógico que uma pessoa com tanta fama e dinheiro jamais se sujeitaria, você poderia comprar qualquer coisa ou pessoa, não é mesmo?

Golias reclamou:

— Como vocês sabem tantas coisas sobre a minha vida?

— O seu guardião me forneceu um relatório sobre as suas duas últimas existências. Parece que essa arrogância o acompanha há muito tempo! Vou te dar um conselho que vai poupar muito sofrimento! Aqui todos são iguais, na Terra os encarnados ainda não conseguem praticar essa verdade, mas aqui temos maior consciência! Não importa o que a pessoa foi durante a vida, nós vemos o espírito eterno que muda de personalidade como quem muda de roupa. Aqui a sua fama, o seu brilho, o seu dinheiro e destaque social não valem nada! Entendeu? Não valem nada! Absolutamente nada!

Golias olhou de canto, observou Augusto sentado sobre uma sepultura com as pernas cruzadas balançando pacientemente a longa tíbia e lamentou:

— Eu não acredito que isso está acontecendo comigo!

— Está acontecendo sim! Você tem uma maravilhosa oportunidade de aprender! Eu e Augusto estamos dispostos a te ensinar e ajudar, mas você precisa se abrir para a lição! Acredite em mim, esse trabalho o ajudará muito! Trabalhe, reflita e em breve a sua mente vai clarear.

Convicto de que Augusto poderia ser uma força propulsora na consciência do Golias, eu retornei ao meu trabalho e os deixei na limpeza da sepultura.

Alguns anos depois, eu fazia uma vistoria no cemitério quando avistei Golias limpando uma cova recém-desocupada. Enquanto ele jogava o ectoplasma escuro no carrinho, reclamava e perpetuava o desgosto pelo trabalho, eu me aproximei perguntando:

— Tudo bem por aqui, Golias?

Ele contorceu o rosto, soltou a pá e se queixou:

— Veja como é a vida, ou a morte, nem sei ao certo o que dizer! Na Terra eu era uma pessoa famosa, uma celebridade que vivia cercada por bajuladores, tinha o bom e o melhor e nunca precisei trabalhar como faxineiro! Aqui, eu sou um Zé ninguém e tenho que limpar essas porcarias! Dê uma olhada nessa cova, está imunda!

Por alguns instantes eu procurei as melhores palavras para confortar o amigo e falei:

— Você está se saindo bem! Muitas pessoas famosas quando desencarnam entram em revolta e sentem falta dos bajuladores.

Você compreendeu e aceitou a condição de igualdade que impera no astral. Veja que maravilha, você até transfigura a aparência para evitar tietagens!

— É verdade, eu não gosto de puxa-saco! Até por aqui os bajuladores aparecem! Eu decidi adotar a aparência de uma vivência antiga, dessa maneira ninguém me reconhece! O anonimato é a melhor coisa!

— Existem bajuladores nos dois planos, não podemos esquecer que as pessoas trazem para o astral as manias que cultivavam na matéria! Eu confesso que gostava muito do seu trabalho, mas nunca adularia um famoso, afinal, ele não é melhor que ninguém! Na sala dos coveiros encarnados tinha um televisor, na época em que você estava no auge da fama eu sempre assistia às suas novelas. Hoje em dia os coveiros abandonaram o televisor e passam a maior parte do tempo no celular, mas quando eles começam a ver algum filme eu me aproximo para compartilhar. Sempre fui um fã da arte cinematográfica!

Notando que Golias se desprendia do aborrecimento e começava a mostrar um semblante mais tranquilo, eu continuei com empolgação:

— Quer saber? Quando eu comecei a trabalhar nesse cemitério ficava a maior parte do tempo assistindo televisão com os coveiros encarnados, isso me rendeu vários problemas!

— Já ouvi alguns comentários sobre os seus métodos de trabalho. Confesso que achei extremamente intrigante e até inimaginável!

—Eu faço o que é preciso para manter a ordem, mas vamos deixar minhas performances para outra conversa. Eu adorava suas interpretações!

Golias sorriu de canto e respondeu:

— Era apenas um texto decorado! Eu me esqueci de quase todos, lembro-me apenas de uma ou outra fala! Você pensa que eu li os livros que deram origem à novela? Eu nunca lia e nem queria saber, o que me interessava era o dinheiro! Veja como é a vida, nós acumulamos tanto na Terra e não trazemos nada para esse lado! A única coisa que eu consegui trazer foi a minha própria consciência, que hoje trabalha para conquistar um pouco mais de maturidade e ajudar dentro desse campo santo! A vida desse lado é assim, tudo que temos está em nós! Eu vou continuar trabalhando até me chamarem para a reencarnação.

— Você sabe quando vai reencarnar?

— Ainda não, eu estou esperando os meus familiares. Provavelmente com o tempo vou vencer esse apego e partir para uma nova experiência, mas ainda sinto falta dos meus filhos, quero dar um último adeus.

— Você sabe como foi o seu velório e enterro?

— Eu recordo de algumas coisas, foram experiências muito vívidas e marcantes.

— Eu lembro muito bem! O seu enterro foi uma loucura! Milhares de fãs queriam se despedir! Hoje você sabe como as coisas funcionam, quando uma multidão de encarnados entra no cemitério, geralmente vem

acompanhada por um batalhão de sofredores! Eu tive que me virar em dez para colocar ordem no caos que se instalou por aqui.

— Eu acredito que não foi fácil! Muitas pessoas carregam tristezas, se apegam a uma figura e não se conformam quando um ídolo morre, junto da tristeza sempre tem espíritos que gostam dessa energia de baixa frequência!

— É verdade. Eu sempre me surpreendo com esses acontecimentos, não consigo imaginar como foi para você.

Golias se aquietou e logo em seguida perguntou:

— Você quer saber como foi o período em que estive no velório e enterro?

A oferta de Golias soou como música para os meus ouvidos. Eu percebi que estava prestes a conseguir mais uma história para os encarnados e senti o coração espiritual bater mais forte. Tentando conter a emoção, as mãos trêmulas e a empolgação, eu respondi:

— Eu gostaria muito de saber! Posso levar o seu relato para uma trabalhadora encarnada que escreve livros sobre a vida após a morte?

— Como é esse trabalho? É livro espírita?

— Vários irmãos espirituais se apresentam para o trabalho e através de um médium de psicofonia transmitem as histórias e ensinamentos que em seguida são organizados, escritos e transformados em livros para despertar os encarnados.

— Entendi! Pode repassar o meu depoimento, mas não quero expor a minha identidade verdadeira, temo que isso chegue às mãos da minha família e crie confusões!

— Não se preocupe! Os encarnados são instruídos a mudar todos os nomes, datas e locais. Na maioria das vezes eles nem sabem de quem estamos falando! Faça uma pausa e me conte como aconteceu o seu desencarne, eu peço para outro irmão remover esse ectoplasma e fazer a limpeza.

Golias olhou para a sepultura impregnada de ectoplasma escuro e comentou:

— Veja o resultado das ações de um político! Esse homem roubou durante anos! O espírito foi removido e eu não sei para onde os guardiões o levaram, mas a sepultura ficou cheia dessa gosma nojenta que ele alimentou durante a vida!

— Não se preocupe, o aterro fragmenta tudo isso! Vamos achar um lugar tranquilo para conversar.

Eu e Golias demos algumas voltas e quando nos sentamos em um banco sobre uma árvore, eu pedi:

— Me conte, estou curioso! Como foi?

Golias se calou, rememorou os acontecimentos e iniciou o relato:

— Bem... Eu sabia que estava perto da morte, era apenas uma questão de semanas, dias ou horas! Nos últimos meses de vida eu passei muito tempo acamado e tive a oportunidade de refletir bastante. Eu me perguntava o que fiz da vida, se valeu a pena trabalhar tanto, juntar bens e acumular dinheiro! Tudo que eu ganhei ficou para trás e hoje a minha família aproveita. Eu me sentia preso ao leito e pressentia a aproximação do fim, mas não sabia quando ia acontecer. Poderia demorar alguns segundos, dias ou semanas.

— Você morreu no hospital?

— Sim, foi após mais uma cirurgia! Eu morri de falência múltipla de órgãos, algo natural para uma idade tão avançada. Quer saber? Eu estava cansado de ir e voltar do hospital! Sempre que eu era internado pensava que aquela seria a última vez, mas quando acordava estava no quarto ou em casa. Muitas vezes me perguntei por que Deus estava jogando comigo. Por que demorava tanto para me levar e acabar com aquele sofrimento? Chegou um tempo em que me conformei e parei de acreditar que a morte estava próxima, foi nesse período que desencarnei e fui pego de surpresa.

— Até imagino o que aconteceu! No mínimo você deve ter pensado que estava vivo, quando na verdade estava desencarnado.

— Isso mesmo! Na última vez que eu fui internado desencarnei! A morte realmente não avisa!

— É verdade, Golias, a morte nunca avisa!

— A única maneira de saber a hora exata é prendendo uma bomba relógio no corpo! Depois da cirurgia eu entrei em coma. No começo eu ainda estava um pouco consciente e ouvia a minha família pedindo para eu aguentar. Diante daquelas súplicas eu me perguntava o que eles tinham na cabeça? Eu estava com mais de oitenta anos, o que eles queriam? Que eu vivesse eternamente?

Notando que Golias parecia alterado, eu pedi:

— Fique calmo! Você não precisa reviver as sensações desagradáveis, apenas relate os fatos e não se afete!

Ele balançou a cabeça concordando, puxou e soprou o ar como quem tenta relaxar e prosseguiu:

— Eu ouvia tudo ao meu redor, mas não conseguia me mover! Era possível sentir os tubos e aparelhos ligados ao meu corpo, então pensei que precisava ter paciência, pois em breve eu estaria em casa. Esse foi meu último pensamento de encarnado, quando eu despertei já estava morto.

— Onde estava o seu corpo quando você despertou do sono pós-morte?

— Acordei no meu velório! Eu me sentia como se estivesse voltando da anestesia. Durante a vida eu fiz muitas cirurgias e a sensação de torpor era idêntica! Depois de passar um tempo completamente apagado, a gente acorda se sentindo desorientado e confuso. Era exatamente o que eu estava sentindo quando despertei no caixão!

— Como foi? Como aconteceu?

— Quando eu comecei a ter um pouco de lucidez e senti o cheiro das flores ao redor do caixão, tentei abrir os olhos, mas não consegui.

— Isso é natural, você ainda estava entorpecido.

— Exatamente, eu estava ouvindo tudo, sentindo os cheiros, o meu corpo e tudo que acontecia ao redor, mas não conseguia acordar completamente, era como se eu estivesse voltando de um sono profundo.

— Cada ser humano vive essa experiência de uma maneira diferente, tudo depende do grau de consciência espiritual. Logo após o desencarne o espírito passa por um estado de tormento que pode ser descrito de inúmeras maneiras, cada indivíduo vai relatar aquilo que conseguiu conceber. Para algumas pessoas essa transição é macabra, pois está ligada às escolhas da vida e a companhias astrais inferiores. Sejamos francos, você cometeu alguns erros feios durante a vida, mas no final das contas podemos dizer que você foi um bom sujeito e mereceu amparo no momento derradeiro.

— É verdade, eu admito que cometi muitos erros! Sabe como é, no ramo artístico não existe fidelidade! Eu traí a minha esposa várias e várias vezes, mas ela também me traiu!

— Vocês fizeram um troca-troca do diabo, não é verdade?

— Sim, não existia um relacionamento de boa moral e voltado para o amor, tudo se apoiava em interesses.

— O importante é que em meio a tudo isso vocês conseguiram manter certo nível de dignidade e foram pessoas boas. Agora me conte o resto, o que aconteceu em seguida?

— Ouvindo todo aquele falatório à minha volta, eu pensei que estava com visitas no quarto do hospital. Novamente acreditei que estava bem e bastava ter paciência para despertar da anestesia.

Eu ouvia as pessoas falando que eu era tão jovem e me perguntava o que estava acontecendo, será que estavam cegas e não viam que eu tinha mais de oitenta anos?

— Você frequentava alguma religião quando encarnado?

— Não, nunca gostei de religião! Eu ouvi falar do espiritismo, mas não estava interessado nessas coisas! A certa altura uma amiga comentou: “Coitado, ele foi embora tão cedo, era tão jovem!” Aquele comentário me perturbou e no mesmo momento me perguntei: “eu fui embora para onde? Jovem com oitenta anos?” Pouco depois eu ouvi as pessoas oferecendo pêsames, chorando e apoiando meus familiares. A essa altura meus amparadores estavam fazendo o meu desligamento, mas eu não conseguia vê-los e inconscientemente impedia o término do trabalho, pois parte minha acreditava que estava viva e continuava criando laços de união entre o corpo astral e a matéria. Depois de um tempo, eu consegui abrir os olhos espirituais e a sensação foi muito estranha, eu sentia os olhos de carne fechados, mas a visão espiritual olhava diretamente para o teto da capela!

— O seu caixão estava aberto, correto?

— Sim, a tampa estava aberta, mas eu não conseguia mover a cabeça para os lados! Às vezes eu via algum rosto que se aproximava para me olhar e prestar condolências.

— Eram rostos de encarnados ou desencarnados?

— Eu via os encarnados e os desencarnados perdidos que estavam em vibração semelhante à minha! Eu não tinha frequência para ver os meus amparadores. Quando cansei de tentar movimentar o corpo paralisado, concluí que tinha sofrido um AVC, mais uma conclusão errada que adensou a minha ligação com a matéria! A pior coisa que eu fiz foi pensar naquele AVC! Eu comecei a ficar com medo, imaginar sondas na uretra, paralisia da fala, surdez e uma porção de desgraças! Enquanto eu me debatia em tormentos mentais e me via como um vegetal, meus familiares decidiam o melhor horário para o enterro.

— O seu velório foi muito longo, uma multidão se reuniu na frente da capela para se despedir!

— Eu sei! Ouvi a minha esposa reclamando que não aguentava mais estender o velório, pois fazia quase trinta e seis horas que aguardavam a dispersão dos fãs!

— Além de acompanhar de perto, eu também assisti na televisão, eles pareciam loucos! Muitos fãs choravam desesperadamente, acendiam velas e deixavam flores! Um verdadeiro espetáculo!

— Eu ouvi a minha esposa comentar que o povo estava louco! Sinceramente? Eu não sei o que acontece com as pessoas, como elas se apegam a imagem de um personagem? É apenas uma pessoa que ganha a vida atuando! Será que não percebem que tudo não passa de fingimento? Uma bela propaganda para ganhar trabalho, fama e dinheiro?

— As pessoas não conseguem se amar, então buscam ídolos! E mesmo ouvindo os comentários sobre o enterro você não concluía que ainda estava vivo?

— Eu não conseguia compreender! Estava preocupado com as sondas e a paralisia do AVC! Você não pode imaginar meu desespero, eu imaginava sondas no reto, na uretra, na garganta e em todos os orifícios!

Atento a narração, naquele momento eu precisei conter a risada, a aflição de Golias era real, mas não pude deixar de pensar na quantidade de bobagens e fantasias que a mente cria quando sente medo.

Quando Golias fez uma breve pausa, eu perguntei:

— O que você fez para sair da situação?

— Entrei em desespero e tentei mover as mãos! Foi então que senti os dedos do corpo espiritual se movendo, fiz mais um esforço para me levantar e quando não consegui, me entreguei ao pranto!

Enquanto eu sofria com o aprisionamento em meu corpo de carne e chorava, uma amiga se aproximou da minha esposa e falou com preocupação:

— Elisabete, eles estão falando que o enterro será daqui doze horas, mas acho muito tempo! Esse velório já se prolongou demais!

Minha esposa perdeu o controle e gritou:

— É culpa desse bando de fãs loucos! Por que não vão embora e nos deixam em paz?

Golias fez uma pausa, abaixou a cabeça e depois de alguns instantes de reflexão disse:

— Ao ouvir esse diálogo, eu comecei a me perguntar se estava morto e senti um medo terrível! Ainda mais desesperado, eu comecei a rezar e pedir para Deus me tirar do corpo! No Ministério do Esclarecimento eu fiquei sabendo que por muito pouco o desespero não me lançou em uma zona umbralina, o que me segurou foi à prisão do corpo carnal e a ajuda dos amparadores que aplicaram passes de alta frequência. Quando comecei a clamar por Deus, minha vibração aumentou um pouco e logo em seguida consegui ouvir o meu guardião perguntando:

— Golias, você está me ouvindo? Já entendeu o que está acontecendo? Sei que você se sente paralisado, mas você pode falar mentalmente, eu consigo te ouvir!

Envolvido pela voz grave que invadia a minha mente, eu perguntei com profundo receio:

— Quem é você? Eu consigo te ouvir!

— Meu nome é Rodolfo, estou aqui para ajudar. Você está errado, não é um AVC! Consegue entender o que aconteceu?

— Acho que sim, eu morri?

— Exatamente! Você desencarnou! Entende?

— Entendo, e o que eu faço agora?

— Não adianta entrar em desespero, você tem que deixar esse corpo. Os seus familiares estão quase levando o seu caixão para a cova, quer ficar preso em um buraco escuro e cercado de terra?

— Não quero! Mas não consigo me mexer!

— Então pense por que ainda está preso nessa carcaça velha, eu não posso arrancá-lo do corpo! Por favor, faça um esforço! Você tem merecimento, mas quero que se esforce um pouco! Eu já volto!

Quando a voz se calou eu fiquei apavorado. Aquela conversa e a maneira como o homem desconhecido falou me pareceu muito estranha. Eu nunca tinha ouvido falar sobre guardiões e tudo aquilo era novo para mim!

— Você lembra como se sentia?

— Sim, eu sentia muito frio! Era um frio inexplicável, o meu corpo parecia congelado! Eu falava, mas não movia a boca, enxergava, mas não abria os olhos, sentia, mas não movia o corpo! Era algo semelhante a uma prisão! Na verdade era uma prisão de carne! Muitas coisas me passavam pela mente, eu pensava no juízo final, em alma penada, no inferno, no céu, na

minha família e no enterro, que se aproximava. Depois de alguns minutos, eu consegui me acalmar, comecei a refletir e logo conclui que certamente se tratava de uma questão de decisão! Eu precisava querer sair do corpo! Mergulhado nessas reflexões, eu perdi a noção do tempo e quando finalmente comecei a aceitar a morte, Rodolfo retornou perguntando:

— Quer sair desse corpo?

— Quero! Quero muito!

— Então largue tudo e venha comigo! Deixe no passado o que pertence ao passado! Sei que você já pensou sobre isso!

— Sim, eu pensei e concluí que não posso levar nada, apenas o que sou agora! Eu não quero ficar aqui, mas não tenho um manual de instruções para sair! Não sei quem é você, mas peço que me ajude! Eu não quero ficar em um corpo velho e podre! Já que morri, então quero ir embora desse lugar!

— Você sabe o que acontece se você ficar no corpo?

— Não faço a menor ideia!

— Você vai sentir o apodrecimento da carne e te garanto que é horrível! O corpo em decomposição fede, e fede muito!

— Não, por favor! Não quero sentir isso! Quero ir embora, como eu faço?

— Não se preocupe, vamos dar um jeito!

Após a breve explicação, Rodolfo sumiu e mais uma vez eu caí no embate contra o silêncio, que me parecia assustador! Depois de um tempo, que não sei precisar quanto, eu percebi uma silhueta praticamente invisível parada ao meu lado. Sem supor que era um amparador que ajudava no desligamento, eu confesso que senti um frio na coluna, pensei que se tratava de um fantasma e fingi que não estava vendo, mas a voz grave afirmou:

— Eu sei que você está me vendo!

— Sim, eu estou te vendo, mas é meio transparente!

— Então se concentre e vai me enxergar com mais precisão!

Eu segui o conselho, fechei os olhos e quando olhei novamente, lá estava ele, parado e me encarando com seriedade. Ante aquele olhar perscrutador, eu senti um misto de medo e conforto, algo me dizia para confiar, mas os receios eram gigantescos. Captando meus pensamentos, anseios e receios, o homem me olhou com bondade e disse:

— Você ficará bem, estamos terminando o desligamento. Golias, você tem merecimento para ser levado, mas precisa deixar tudo isso para trás! Entendeu?

— Sim, não quero saber de mais nada! Estou cansado e quero ir embora!

Quando terminei de falar, os últimos laços foram cortados, eu perdi a consciência e ao acordar estava em uma colônia de tratamento.

— Você ficou muito tempo inconsciente?

— Eu acordei alguns meses depois, me sentindo muito bem, mas completamente esquecido do desencarne. Percebendo que eu estava sentado e lúcido, o administrador do hospital se aproximou perguntando gentilmente:

— Como você se sente, Golias? O meu nome é Carlos, sou um colaborador e estou aqui para ajudar!

Esquecido da minha nova condição, eu retomei os velhos hábitos arrogantes e perguntei:

— Por que estou em um hospital público? Eu posso pagar um leito particular!

— Meu amigo, nesse hospital nós não temos leitos particulares, todos são muito bem cuidados, mas dividem a enfermaria.

— Eu não quero ficar na enfermaria! Por favor, me transfira para um hospital melhor, se me fizer esse favor prometo construir um novo prédio e faço uma doação de equipamentos com a mais alta tecnologia!

Com a minha ficha cármica nas mãos e conhecendo as manias que há séculos me acompanham, Carlos manteve a tranquilidade e explicou:

— Infelizmente não posso removê-lo, você terá que aguardar mais um pouco. Em breve um grande amigo virá te visitar! Você recorda os últimos acontecimentos antes de acordar em nosso hospital?

— Recordo que passei por uma cirurgia! Tive alguns sonhos esquisitos e achei que tinha morrido, mas estou bem! Só não consigo entender como vim parar nesse hospital de quinta categoria! Por que me trouxeram para um hospital do governo? Eu posso pagar os melhores tratamentos, tenho muito dinheiro, sempre fui um homem de gosto refinado e não me agrada esse tipo de lugar!

— O senhor não precisa se preocupar com dinheiro, aqui o tratamento é gratuito!

Enquanto Carlos ouvia pacientemente as minhas reclamações, meu guardião captou meus pensamentos e se projetou para o hospital.

Ao avistar o homem alto com roupas antigas, eu tive certeza de que estava em um hospital para favelados, apenas essa conclusão poderia explicar a vestimenta do século passado, que certamente foi doada por alguém que gostava de guardar velharias.

Ciente de que eu estava dando um espetáculo de arrogância, Rodolfo apertou a mão do Carlos, agradeceu o liberando da tarefa, me olhou fixamente e exclamou:

— Chega Golias! Você esqueceu que desencarnou e está em outra dimensão?

— Que brincadeira é essa? O senhor é algum tipo de pedinte? Precisa de dinheiro? Eu posso te dar uns trocados, mas antes quero ir para um hospital decente e me recuperar!

— Você esqueceu que estava preso ao corpo? Que sem a nossa ajuda estaria até agora atado a uma carcaça podre? Sabe quantos irmãos ajudaram em seu desligamento?

— Não sei do que você está falando!

— Fomos obrigados a levar dez irmãos para proteger o perímetro e te tirar daquele lugar tomado por frequências baixas dos fãs que acreditavam nas suas mentiras! Você nos deu muito trabalho! Agora cale a sua boca, respeite o lugar que o acolheu e agradeça a Deus por estar aqui!

Naquele momento eu não entendi o que ele falou, mas senti que era melhor ficar quieto e refletir. Capturando as minhas telas mentais, Rodolfo percebeu que eu estava me esforçando para entender e disse:

— Você desencarnou e nós o trouxemos para este hospital no plano espiritual!

— Então não foi um sonho? Tudo aquilo foi real?

— Sim, foi real e eu estava ao seu lado!

— Então foi você que me ajudou quando eu estava preso no corpo!

— Sim, eu sou o seu guardião, ou melhor, fui! Minha missão com você acabou, eu o guiei durante o tempo de vida na Terra, fiz o possível para ajudar, mas agora vou realizar a minha última tarefa com você e voltar para o meu trabalho!

— Que tarefa?

— Nós precisamos conversar e o assunto é sério! Faremos uma breve conscientização. Antes de reencarnar você poderá passar por um esclarecimento mais profundo!

Rodolfo fez uma pausa, plasmou uma poltrona ao lado da cama, alisou a barba e disse sem rodeios:

— Primeiro de tudo, você está em uma colônia de baixa frequência! Esse é o motivo de tanta precariedade. A energia que permeia colônias como essa é muito densa, isso impede a criação de ambientes e aparatos mais sofisticados! Infelizmente é apenas isso que você pode ter no momento! Durante a vida terrena você foi um materialista da pior espécie, um canalha! O que o salvou das zonas umbralinas foram os atos caritativos, que cá entre nós, eram para promover a sua imagem e cativar o público! Você nunca se importou com os pobres, mas os ajudou! E isso conta dentro das Leis Cósmicas!

Eu fiquei atônito diante das palavras banhadas por ácida sinceridade, mas minha perplexidade foi inútil, mesmo captando meu assombro, Rodolfo continuou:

— Você adorava fazer papel de filantropo diante das câmeras, mas nos bastidores reclamava do trabalho e mostrava o quanto detestava ficar no meio dos pobres. A reclamação sempre foi o seu ponto mais forte! Para o público você mostrava a imagem do homem sensível, caridoso e preocupado com o próximo, mas em casa era o oposto! Fique sabendo que inconscientemente você roubou do universo! Quando mentimos e

enganamos, estamos roubando a confiança e as boas intenções do próximo, isso é o mesmo que roubar do universo!

O problema, meu amigo, é que tudo aquilo que é lançado no universo, um dia retorna ao ponto de partida! Ou seja, você deu mentiras, falsidade, traição e hipocrisia? É isso que vai receber na próxima vida, portanto, se acostume com a ideia!

— Eu fiz muita caridade durante a vida! Por vários anos seguidos eu subi os morros e me enfiei nas favelas para promover campanhas e chamar a atenção de empresários que podiam doar grandes quantias e melhorar as comunidades!

— Ah, sim! Você está falando daquele programa anual que reúne uma porção de gente famosa? O mesmo que arrecada uma quantia enorme de doações para ajudar os pobres?

— Sim, durante anos eu participei desse programa e nunca cobrei cachê!

Com um sorriso irônico e intimidador, Rodolfo exclamou:

— Estou diante do bom samaritano que doava o cachê! Mas que lindo! Seria realmente tocante se fosse uma atitude sincera! Você não cobrava cachê porque ganhava uma fortuna com a repercussão do programa! Era uma promoção e não existia o interesse verdadeiro de ajudar os pobres! Você queria aparecer na mídia e posar de bonzinho! Até hoje seus fãs lamentam a morte de um homem que, na verdade, nunca existiu! Era apenas

uma mentira, uma farsa, mais um personagem muito bem elaborado! Você ainda não acordou para a realidade espiritual e não sabe o que está acontecendo!

— Eu sei muito bem o que está acontecendo! Eu morri e sou uma alma penada! O que você quer fazer? Convencer-me de que esse hospital de quinta categoria é bom? Quer que eu me sinta culpado? Diga-me o que você quer ouvir?

Espantado com a minha demonstração de ignorância espiritual, Rodolfo respondeu:

— Não quero te convencer de nada! Meu trabalho é mostrar a raiz de todos os seus problemas! Você acha que foi um bom samaritano? Um filantropo verdadeiro? Um homem de bom coração? Não! Você não foi! Você criou um personagem, colocou uma máscara e vendeu uma imagem falsa! Por favor, Golias, se enxergue! Você se fazia de bonzinho, subia o morro e pegava as crianças no colo somente para falar que ajudava os pobres! Não esqueça que sempre tinha uma câmera para filmar sua atitude nobre! Você enganou tão bem os seus fãs, que após a sua morte eles fizeram uma fila quilométrica para prestar as últimas homenagens! Todos choraram sinceramente por que acreditavam na sua mentira! Você cativou milhares de corações que vibravam amor, mas recebiam desprezo!

Enquanto Rodolfo discursava, eu percebi que ele parecia profundamente decepcionado. Após falar incansavelmente, ele se calou por alguns instantes e quando eu pensei que tinha acabado, ele perguntou:

— Você sabe por que ficou preso ao corpo?

— Por que eu achei que estava vivo!

— Não! Não minta para você! Seu corpo se transformou em uma prisão porque você é um materialista que só pensa em ter, ter e ter! Você nunca se viu como um espírito, sempre valorizou excessivamente os prazeres da matéria! Afinal, aquele corpo te serviu para fazer sexo com várias mulheres! Ou esquece que perdeu as contas de quantas vezes traiu a sua esposa?

— Ela também me traía! Posso saber como você conhece tantos detalhes sobre a minha vida?

— Eu o conheço há séculos, tenho seu arquivo espiritual e estive ao seu lado durante a sua última vida! Golias, você fez muitas bobagens e continua fazendo! Olhe para o tamanho da sua arrogância! Você quer saber o que aconteceu com seus bens materiais?

— O que aconteceu? Não me diga que dilapidaram o meu patrimônio!

—Não dilapidaram, mas estão gastando muito! A sua esposa vendeu a mansão de Angra, ela é uma mulher muito inteligente!

— O quê? Aquela oportunista vendeu a minha mansão preferida?

— Ela vendeu, investiu o dinheiro e já ganhou quase o dobro! Desperte Golias, você perdeu tudo! Aqui a sua fortuna não vale nada! O maior valor de um espírito é a consciência que ele adquire durante a caminhada! No seu caso a aquisição de consciência foi uma vergonha! Em outras palavras, a sua vida foi uma merda!

Apesar de sentir o coração assolado pelas duras verdades, eu não conseguia enxergar meus hábitos daninhos, que se manifestavam a todo instante por meio da arrogância instalada em meu ser. A cada palavra de Rodolfo, a minha revolta crescia, e quando ele fez uma pausa, eu perguntei de maneira desafiadora:

— O que será de mim? O que você quer que eu faça? Quer que eu enfie os dedos no meu rabo e me castigue?

Rodolfo olhou para baixo, balançou a cabeça negativamente e disse:

— Você é um petulante! Um atrevido arrogante que não consegue enxergar a verdade! Você vai trabalhar e reencarnar no momento oportuno! Saiba que a sua missão na Terra era de autoajuda! Você reencarnou sabendo que encontraria fama, muito dinheiro e precisava vencer as fraquezas morais do passado! A sua primeira missão era com você mesmo, em seguida com a sua esposa e seus filhos, que se transformaram em verdadeiras sanguessugas! A sua missão também abarcava o trabalho social, uma tarefa que deveria ser realizada com amor e humildade!

— Então eu reencarnei sabendo que seria um ator famoso e rico?

— Sim, tudo fazia parte do seu projeto! Você poderia ter escolhido outros caminhos, mas esse chamado foi muito forte e você o seguiu! Infelizmente o planejamento afundou quando você se entregou ao materialismo, à vaidade, ao orgulho e perdeu os propósitos evolutivos!

— Mas um ator famoso está constantemente cercado pela mídia! É normal que tenha vaidade e se ocupe das coisas materiais!

— Com certeza! Nós entendemos que esse ofício tem certas exigências, mas isso não significa que o encarnado deva devotar toda a sua vida, foco, intenções e desejos para a matéria! Você não precisa aparecer na mídia toda vez que decide doar um pedaço de pão! O que a mão direita dá, a esquerda não precisa saber! Quantas vezes você fez uma caridade sem esperar reconhecimento e aplausos? Responda-me!

— Não sei! Essa conversa está me cansando! O que você quer? Fale de uma vez!

— Quero que solte as máscaras e reconheça o que domina seu íntimo! Aqui não existem mentiras e todos são obrigados a encarar o que são de verdade!

— Tá, eu admito que fui um pouco materialista, mas não é para tanto!

Convencido de que eu estava muito longe da aceitação, Rodolfo pediu:

— Levante-se e vista a roupa que está na cômoda ao seu lado! Vamos para o local onde será o seu trabalho!

— Trabalho? Que trabalho?

— Golias, já que você está cansado dessa conversa, eu vou resumir o assunto e deixar os detalhes para o Ministério do Esclarecimento! Quero mostrar algo interessante!

Rodolfo plasmou uma pequena tela, colocou em minhas mãos e perguntou:

— Você conhece esse lugar?

— Sim, estive várias vezes nesse morro, é onde eu fazia trabalhos sociais!

— Eu sei, é o morro lotado de fãs que te adoravam! Eles acreditavam na sua farsa! É nesse lugar que você vai reencarnar!

— O quê? Você está dizendo que eu vou nascer na favela?

— Sim, a reencarnação é feita por meio de uma equalização vibratória entre os espíritos envolvidos, os reajustes cármicos, a frequência do lugar, as provas a serem superadas, os méritos de outras existências e mais um apanhado de condições! No final temos um resultado que determina onde o espírito pode reencarnar, no seu caso, é nessa favela!

— Isso é uma brincadeira? Vou nascer na miséria?

— Você vai nascer no lugar onde tem as maiores oportunidades de aprendizado! A sua família conquistou um pouco de consciência e pode reencarnar em condições melhores, com exceção da sua esposa, que terá uma experiência mais difícil que a sua!

— A Elizabete também vai nascer em uma favela?

— Sim, mas em condições mais difíceis!

— Ah-ah-ah! Bem feito para ela!

Rodolfo arrancou a tela da minha mão e lamentou:

— É triste! Pense o quanto é difícil ajudar espíritos na sua condição! Você se felicita com as dificuldades e tristezas do próximo! Eu sou um guardião, me sinto péssimo ao ajudar uma pessoa que pensa dessa maneira!

Rodolfo fez uma pausa em busca de calma, e depois de algumas respirações profundas, explicou:

— Você pode trabalhar e melhorar a sua condição de reencarnação. Se conquistar um pouco de consciência talvez consiga uma família que vive no sopé do morro, mas continuará entre pessoas pobres! É nesse ambiente que aprenderá a ter mais humildade e generosidade.

— Um dia vou ser ator de novo?

Rodolfo sorriu de canto mostrando cinismo e respondeu:

— Mas é claro! Você é um espírito que nasceu para brilhar! Em determinada época vão se apresentar situações que podem levá-lo à fama, ao dinheiro e a todas as provas que você sucumbiu na última existência! Tudo dependerá das suas escolhas, mas a missão será a mesma! Em primeiro lugar vencer essas manias horrorosas, em seguida ajudar as pessoas mais próximas e quando conquistar uma quantia razoável de bens, tudo o levará aos trabalhos filantrópicos, que devem ser realizados com sinceridade e amor verdadeiro!

— Da próxima vez eu vou acertar! Sinto que farei melhor!

— É sério? Você falou a mesma coisa antes de reencarnar! Há séculos você repete essa frase e quando reencarna esquece de tudo e se entrega à

podridão! Agora vamos, o trabalho o aguarda!

Depois de mais alguns esclarecimentos desagradáveis e tristes, eu acompanhei o Rodolfo e vim para esse cemitério. O resto da história você conhece.

— Sim, eu conheço o restante da história e garanto que você melhorou muito! É óbvio que ainda reclama bastante, mas muitos traços de arrogância foram vencidos, você está mais humilde e não fala com tanto atrevimento!

— É verdade, o Augusto deu-me várias demonstrações de humildade e me ajudou bastante. O trabalho me fez enxergar que somos responsáveis pela energia que criamos e emanamos! Se as pessoas pudessem refinar a própria sensibilidade, certamente conseguiriam sentir quando um mentiroso se aproxima. A boca pode falar belíssimas palavras, mas a energia nunca mente! Durante a vida, eu coloquei uma linda máscara de bom samaritano, mas aqui tudo caiu.

— Você já passou pelo Ministério do Esclarecimento?

— Sim, eu enfrentei a dura verdade sobre o que eu ainda sou, conheci meu mentor e outros irmãos que ajudaram em minha caminhada terrena e durante o desligamento.

— Como foi o seu esclarecimento?

— Foi muito difícil! Para aniquilar definitivamente a minha arrogância, eles criaram uma tela de cinema e mostraram meus hábitos de vaidade, exibicionismo, arrogância e manipulação! Também assisti as traições conjugais, os momentos de alcoolismo, drogadição, orgias sexuais e todas as ações de baixa vibração!

— Eu sei como é difícil, também passei por algo semelhante, mas posso garantir que, em meu caso, foi bem pior! Golias, agora nós precisamos deixar essa história no passado, eu agradeço o relato e sua disposição, mas para continuar na luz e em boas frequências, é imprescindível que volte ao trabalho e esqueça esse assunto!

— Eu sei que não posso ficar remoendo as coisas do passado, mas sinto vergonha e tristeza! Eu poderia ter aproveitado melhor as oportunidades! Eu perdi uma existência com futilidades que não me ensinaram nada de valor!

— Você não é o único, o plano astral está cheio de irmãos que sentem a mesma coisa e aguardam a reencarnação para começar uma nova etapa! No momento certo voltaremos a matéria e tentaremos fazer melhor.

Após a longa conversa, eu me levantei, abracei Golias e me despedi com mais um ensinamento para os irmãos que estão na matéria.

Independente da fama ou do anonimato, no fim da jornada o espírito leva apenas aquilo que está na mente e no coração. Reflitam e extraiam tudo que conseguirem dessa história, ela pode fazer uma grande diferença na caminhada evolutiva.

Nunca subestimem o valor de uma existência!

Jean C. Lebeau - Novembro de 2022

O Velório

No ano de 1990, Durval pendurou o elegante terno no cabide, alisou a peça cuidadosamente costurada, afastou-se alguns passos e admirou o trabalho feito com esmero.

Na casa dos quarenta e cinco anos, Durval cultivava a reputação de melhor alfaiate da região e a admiração dos clientes. O ofício herdado do pai sempre garantiu uma vida digna, o sustento da esposa Edinéia e das filhas Luana e Adriana, duas garotinhas com seis e oito anos.

Na condição de empregado, frequentemente Durval fazia jornadas extras para aumentar o salário no final do mês e trabalhava até altas horas. Entre os moldes, os tecidos finos, as agulhas e linhas, ele tecia o sonho da independência profissional e com um sorriso nos lábios imaginava o atelier próprio, nada luxuoso e extravagante, mas o necessário para garantir o trabalho honesto e o conforto da família.

O homem de origem humilde, que desde a tenra idade aprendeu o valor do trabalho, nunca se deixou corromper pelas armadilhas do dinheiro fácil, mas apesar da simplicidade, sempre apreciou a boa aparência, a vestimenta elegante, os modos cavalheirescos e o vocabulário refinado livre de palavrões e gírias.

Edinéia, uma nordestina de personalidade altiva que evitava rodeios e sempre ia direto ao assunto, nunca conseguiu compreender as manias do

marido, que apesar de viver na pobreza, mostrava elegância e refinamento em todas as atitudes.

Entre a criação das filhas e algumas dificuldades financeiras, que eram superadas com trabalho árduo, o casal vivia em paz e sem as costumeiras brigas que contaminam os relacionamentos conjugais.

Após mais um dia de trabalho, às dezoito horas, Durval admirou mais uma vez o terno recém-costurado, correu os olhos pelo espaço e após se certificar de que tudo estava em ordem, apagou a luz do atelier, fechou a porta e seguiu para o merecido descanso.

Depois de enfrentar a longa fila do ponto de ônibus, o transporte lotado e o trajeto demorado, finalmente Durval desembarcou a alguns metros de casa, caminhou lutando contra o cansaço nas pernas e quando atravessou a porta da sala deixou o corpo cair no sofá.

Ao ouvir o ruído da porta, Edinéia correu para a sala e, ao se deparar com Durval esticado no sofá, prontamente se espantou com a palidez que realça as olheiras escuras e denunciava a saúde debilitada.

Convicta de que o marido estava doente e cansada de sugerir uma consulta médica, Edinéia colocou a mão na cintura, enrugou a testa e clamou:

— Em nome de Deus homem! Tu precisa procurar um médico! Faz tempo que tô avisando, tem coisa errada, a tua cara tá amarelada!

— Não se preocupe Edinéia! Tá tudo bem, isso é cansaço, estou trabalhando muito! Onde estão as meninas?

— Foram pra casa da mana e vão ficar por lá esse final de semana.

Edineia se aproximou alguns passos, observou o abdômen de Durval e falou com preocupação:

— Homem de Deus, deixe de ser teimoso! Têm semanas que tu não come direito, sofre com diarreia, vômito e inchaço na barriga que tá cada dia maior!

— Pare de pensar besteira! Eu estou bem, mas não tenho fome, isso deve ser estresse! O senhor Euclides me cobra demais! Ele pensa que sou uma máquina. Estou com encomendas atrasadas, tenho que entregar três vestidos de noiva e cinco fraques até o final do mês! Se Deus quiser um dia vou ter o meu cantinho e um pouco de paz!

— Tu anda fumando muito e até acorda no meio da noite pra fumar, isso não presta!

Pressentindo o pior, Edinéia sentou-se ao lado de Durval, acariciou o rosto amarelado e apelou:

— Vá pro médico! Eu te acompanho! Por favor, eu não quero insistir, é a última vez que peço, tu sabe que não tenho paciência pra essas coisas! Se tu continuar teimando, eu vou encerrar essa conversa e não falo mais nada!

— É só uma fase Edinéia! Vai passar! Termine a janta, quero comer um pouco, tomar banho e descansar.

Derrotada pela teimosia do marido, Edinéia deu uma última olhada, balançou a cabeça mostrando reprovação e voltou para a cozinha.

Quando Edinéia se afastou, Durval recostou a cabeça na almofada e suspirou profundamente como quem tenta se libertar da exaustão. Ignorando os sinais do corpo, que há tempos pedia atenção, diariamente ele passava longas horas em desequilibrado jejum, consumia altas doses de cafeína, fumava um cigarro atrás do outro e suportava em silêncio os incômodos do corpo e a rotina estressante.

Duas semanas após a conversa com Edinéia, Durval entrou em casa, foi subitamente atacado por intensa confusão mental e sentou-se olhando fixamente para o vazio.

Certa de que o marido acabara de chegar, Edinéia seguiu para a sala e quando se deparou com o semblante ligeiramente contraído e o olhar fixo, perguntou:

— O que foi homem? Viu fantasma?

Percebendo que Durval continuava imóvel e em completo silêncio, Edinéia o sacudiu com força e perguntou:

— O que tu tem?

Durval piscou várias vezes, balançou a cabeça lentamente e balbuciou:

— Não sei, estou me sentindo estranho!

— Meu Deus do céu, tu tá falando enrolado! Vou te levar pro hospital agora mesmo! Eu sabia que isso ia acontecer, tanto que pedi pra tu ir no médico! O que vamos fazer? O posto de saúde já fechou e a única opção é o hospital municipal, vamos pedir a Deus que tenha médico pra te atender!

Alheio ao que se passava ao redor, Durval manteve-se com o olhar perdido e boca entreaberta.

Depois de correr em busca da bolsa e dos documentos, Edinéia chamou um táxi, meia hora depois desembarcou na frente do hospital, ajudou Durval a caminhar até a entrada e quando atravessou a porta se deparou com o saguão lotado de pacientes.

Ciente de que o atendimento poderia demorar horas, ela acomodou o marido em um banco, pegou uma senha, sentou-se ao lado e aguardou.

Duas horas depois, Durval passou pela triagem, foi encaminhado para o consultório e sentou-se na frente do médico.

Lutando contra o nervosismo, Edinéia olhou com notável pavor e explicou:

— Doutor, eu acho que o meu marido tá tendo um derrame, ele não fala e só resmunga umas coisas que não dá pra entender!

Irritado com as condições precárias do hospital, o excesso de trabalho e o baixo salário, o médico manteve os olhos fixos na tela do velho computador e resmungou:

— Hã, hã.

Mostrando completa falta de interesse, o médico ouviu as queixas e alguns minutos depois interrompeu perguntando com truculência:

— Por que a senhora não deixa o seu marido falar?

Espantada com a grosseria, Edinéia contorceu o rosto e retrucou:

— Oxe, eu acabei de falar que ele só resmunga! O senhor não me escutou? Então pergunte pra ele!

Pela primeira vez o médico olhou com atenção para Durval, fez alguns questionamentos e diante da mudez, da pele amarelada e do olhar petrificado, ele percebeu que o caso era grave, adotou uma postura completamente diferente e pediu:

— Ajude-o a se deitar na maca, quero examiná-lo.

Guiado pela esposa, Durval se acomodou com dificuldade na maca, fixou o olhar no teto branco com grandes manchas esverdeadas causadas pelas infiltrações e gemeu.

Sentindo uma ponta de culpa pelo comportamento antiético, o médico apalpou o abdômen inchado, fez alguns exames rápidos e perguntou com interesse:

— Quando foi o último check-up?

— Meu marido não faz essas coisas! Nunca foi ao médico!

— Quantos anos ele têm?

— Fez quarenta e cinco!

Ciente de que o estado de Durval era grave, o médico preencheu rapidamente a guia de encaminhamento, entregou para Edinéia e explicou:

— Leve esse papel para a recepcionista e diga que é urgente! Quero que o seu marido seja internado o mais rápido possível!

Assustada com a urgência, Edinéia questionou:

— É grave doutor?

— Ainda não sei, mas ao que tudo indica o seu marido está com sérios problemas renais! Essa confusão mental não é um AVC, é um sintoma de intoxicação provocada pelo mau funcionamento dos rins! Vá, não demore, desculpe a maneira de falar, mas o seu marido está com o pé na cova!

— Oxe! É tão grave assim?

— É sim senhora! Se as minhas suspeitas estiverem certas, os rins do seu marido estão parando! Ele é alcoólatra?

— Não! O Durval fuma bastante, mas não é de ficar bebendo!

— A senhora sabe se alguém da família teve problemas renais?

— Acho que o pai dele morreu de alguma doença do rim!

— Mais uma confirmação que apoia a minha suspeita, provavelmente é genético! Vou pedir uma bateria de exames para saber exatamente qual é o problema.

Edineia conduziu o marido até a recepção, uma hora depois Durval foi internado e no dia seguinte a insuficiência renal crônica foi confirmada.

Diante da sinceridade dos médicos e das baixas expectativas de cura, Durval e a família viveram períodos de profunda tristeza, medo e preocupação. Sem condições de trabalhar, ele fez um acordo com o patrão, acionou o seguro desemprego e em seguida começou as sessões de hemodiálise. Além dos gastos com medicamentos e transporte, frequentemente Durval era internado às pressas, passava dias hospitalizado, e apesar da luta pela sobrevivência, dois meses depois desencarnou de falência renal.

Completamente desamparada e sem o mínimo respaldo financeiro, Edinéia enfrentou uma verdadeira batalha para sepultar o marido. Contando com a ajuda dos vizinhos, parentes e amigos próximos, ela começou uma triste peregrinação em busca de ajuda financeira. Batendo de casa em casa pedindo doação, apelando para os comerciantes da região e suplicando por

algumas moedas, depois de quarenta e oito horas Edinéia conseguiu o suficiente para comprar um caixão barato e programar o velório para o final do mesmo dia.

Sozinha na capela mortuária, um espaço precário com paredes inacabadas, Edinéia parou ao lado do caixão, secou as lágrimas que desciam pelo rosto, alisou o terno de tecido fino e lamentou:

— Que tristeza! Tu fez esse fraque tão bonito pro casamento da nossa Luana. Olha como é a vida? A roupa que era pra comemorar acabou virando o terno do teu enterro! Que Deus te leve em paz, meu querido companheiro!

Depois de espiar as outras capelas em busca do endereço correto, Edivânia parou na porta, olhou para o espaço vazio e quando avistou Edinéia ao lado do caixão entrou apressadamente falando com alívio:

— Oxe mana, até que enfim entrei na capela certa! Ainda não chegou ninguém?

— Ainda não, é muito cedo, o povo vai chegar daqui uma ou duas horas.

Vendo que lágrimas grossas se aglutinaram no queixo de Edinéia, Edivânia a abraçou pedindo:

— Não chore, tu vai ficar bem, visse! Vamos te ajudar, o Edson e a Edilene tão cuidando das meninas! Daqui a pouco eles chegam!

Edinéia estendeu as mãos sobre o rosto, se entregou ao pranto e murmurou:

— O que vou fazer? Meu Deus do céu, o Durval nunca se preocupou com o nosso futuro! O coitado nem imaginava que tinha essa doença e ia morrer tão cedo! Ele não deixou nada!

— Oxe, tu vai receber a pensão dele!

— A pensão mal dá pra comprar a comida! Como é que vou pagar aluguel, água, luz e as coisas pras meninas? O dinheiro que eu ganho com as faxinas é uma miséria!

— Calma mana! A gente vai achar um jeito!

Completamente desolada, Edinéia falou:

— Tu nem imagina o que passei nesses últimos dois dias! O corpo do Durval ficou no necrotério, o médico disse que eu tinha 48 horas pra providenciar o enterro, se demorasse mais ele tinha que desocupar o lugar e mandar o Durval pro cemitério dos indigentes! Nunca passei tanta vergonha, tive que sair batendo de casa em casa pedindo ajuda pra comprar o caixão!

— Poxa vida, mana! Esqueceu que eu tava com você? Nós te ajudamos com tudo que foi possível, visse! Não deu pra arranjar um mausoléu bonito, mas o importante é que achamos um espaço pra enterrar o cunhado! Tem que agradecer a dona Teresinha que emprestou a cova da família!

Edinéia passou o lenço no rosto, suspirou mostrando a dor comum aos corações feridos e disse com profunda tristeza:

— Até agora não sei onde fica essa cova que a dona Teresinha emprestou

— É lá pros fundos do cemitério, naquela parte nova, sabe?

— Nos fundos do cemitério? Deus do céu Edivânia, não me diga que é lá naquele lamaçal?

Edivânia mostrou um sorriso forçado, deu de ombros e respondeu:

— É mana, foi o que deu pra arrumar! Dê graças a Deus que o Edson conseguiu a sepultura e essa capela. A coisa tá difícil, hoje em dia não dá nem pra morrer! Tudo tem que pagar, pagar e pagar! Tu acredita que até o padre quis cobrar pra dizer umas palavras antes do enterro?

Empenhada em consolar a irmã, Edivânia correu os olhos pelas paredes de tijolo a vista, em seguida pelo teto com grandes manchas de mofo, notou o chão de cimento bruto, o caixão frágil apoiado sobre banquetas que pareciam prestes a desabar e disse com forçada alegria:

— O importante é que nós conseguimos o caixão, um lugar pro velório e uma cova pro enterro! Vai dar tudo certo!

Edinéia olhou com tristeza e lamentou:

— Meu Deus do céu! Nesse cemitério nem tem lápide, o povo faz um buraco, joga o caixão dentro e coloca uma cruz de madeira!

— Eu sei que é ruim, mas depois nós fazemos uma lápide bonita pro cunhado! Ele era um homem tão bom, sempre sorrindo e falando coisas bonitas pra todo mundo.

— Eu nunca pensei que um dia ia passar por uma coisa assim! Até pra trazer o corpo foi um sacrifício, o funcionário do necrotério não quis saber do assunto e disse que não podia ajudar! O Edson bateu boca, foi uma discussão dos infernos e no final das contas acabamos pegando dinheiro emprestado pra pagar um carro de funerária.

— Mana, não adianta cair em desespero! Olha como o cunhado tá bonito! Que terno chique né!

— É verdade, o Durval gostava de andar bonito, ele fez esse terno com tanto carinho e nunca usou, estava esperando pra usar no casamento da Luana.

Percebendo a entrada de Edson e das filhas, Edinéia correu ao encontro, os abraçou com força e falou em prantos:

— Venham se despedir do painho.

Luana olhou para o caixão e perguntou:

— O painho tá dormindo?

— Não filha, ele morreu.

— O painho morreu? Ele nunca mais vai voltar?

— Ele não pode voltar. Agora tá sentado ao lado de Jesus e vai ficar ocupado ajudando a cuidar das pessoas que ficaram aqui na Terra!

Adriana olhou para o rosto de Durval, sentiu o coração apertar no peito e choramingou:

— Eu quero o meu painho!

Lutando para mostrar força e confiança, Edinéia pediu:

— Não chore, minha filha! O teu painho tá no céu!

Edson acariciou a cabeça das sobrinhas e aconselhou:

— Oxe, nada de choradeira, visse! Sentem naquele cantinho e fiquem quietinhas! Depois a tia Edilene vai levar vocês pra casa!

Confusas e sem condições psicológicas de compreender a profundidade dos acontecimentos, as meninas se sentaram nos bancos encostados no fundo da capela e se aquietaram.

Uma hora depois, os primeiros amigos começaram a chegar e à medida que os encarnados prestavam as últimas homenagens, na dimensão astral os amparadores trabalhavam arduamente para garantir a proteção do local e a finalização do desligamento.

Fora do campo de visão dos encarnados, Freitas parou na porta da capela, olhou com espanto para a grande quantidade de espíritos perdidos que

acompanhavam os encarnados, e com muita dificuldade equalizou a frequência até visualizar um amparador que trabalhava ao redor do caixão.

Ciente de que se tratava de um trabalhador da luz, Freitas se aproximou pedindo respeitosamente:

— Com licença? Meu nome é Freitas, eu sou o coveiro do cemitério, o chefe pediu para perguntar se vocês precisam de ajuda.

O guardião suspirou mostrando cansaço e respondeu:

— Eu sou o guardião do falecido, pode me chamar de Moisés. Há horas tentamos fazer o desligamento, mas ele está em uma espécie de transe profundo e inconscientemente cria novos laços que o prendem ao corpo.

— Oxe! Mas que danado é isso?

Notando que Freitas mostrava inexperiência e certamente estava há pouco tempo no cemitério, Moisés perguntou:

— Faz pouco tempo que você entrou na equipe? É recém-chegado?

— Não moço! Faz tempo que tô por aqui! Mas quase não saio do meu perímetro de trabalho!

— Entendo, pelo visto você não frequentou as escolas astrais.

— Oxe! Que escola nada! Quando era vivo e morava lá pros cantão do sertão nordestino até frequentei uma escolinha improvisada, mas não durou muito. Aqui eu tô cumprindo tempo de trabalho porque falaram que é melhor pra minha reencarnação! Tu não pense que eu gosto de ficar aqui, visse!

Percebendo a movimentação de energia ao redor do caixão, Freitas perguntou com curiosidade:

— Em quantos vocês estão? Não consigo ver os irmãos com frequências muito além da minha!

Ciente de que muitos trabalhadores do plano astral não se interessam pelos estudos e carregam os perniciosos hábitos alimentados durante a vida terrena, Moisés explicou:

— Estamos em um grupo com cinco irmãos, o mentor e mais quatro amigos que ajudaram Durval durante a vida terrena.

Freitas se concentrou tentando aumentar a frequência, conseguiu vislumbrar algumas silhuetas e disse:

— Oxe! Quanta gente pra soltar um morto! Se precisarem de ajuda podem chamar, eu trabalho na alameda onde o seu protegido será enterrado e vou remover as últimas energias dos despojos carnais. Qualquer coisa que precisar, eu estou à disposição visse!

— Obrigado Freitas. Por favor, avise o Custódio que não sabemos quanto tempo vai demorar, é muito provável que o Durval seja enterrado junto com o corpo! Se não conseguirmos removê-lo antes do enterro, ele ficará sob a guarda de vocês.

— Eu falo pro chefe, até mais ver!

Intrigado com a grande quantidade de espíritos perdidos que acompanhavam os encarnados, Freitas se apressou em busca do guardião chefe, transmitiu as palavras de Moisés, e seguindo as orientações, muito a contragosto retornou para a capela.

Parado na porta e atento a todas as movimentações de energia, Freitas observou os espíritos perdidos andando de um lado para o outro e rapidamente concluiu que a maioria estava desorientada e sequer entendia a própria morte. Consciente de que espíritos com padrões vibratórios distintos atuam em dimensões diferentes, ele usou do pouco conhecimento conquistado durante os anos de trabalho no cemitério, aguçou a visão, e por breves instantes conseguiu visualizar os guardiões que faziam a proteção do

local, mas mantinham-se em frequências altas e inacessíveis aos espíritos perdidos[3] .

3.Nota do Guia Espiritual: Um mesmo espaço físico pode ocultar diversas dimensões com frequências diferentes. Os espíritos fora da matéria se agrupam e trafegam em dimensões com padrão vibratório semelhante. Quando instruídos, os espíritos aprendem a equalizar a frequência e acessar dimensões diferentes. Dentro dessa compreensão, é natural que vários espíritos ocupem um mesmo espaço, mas não interajam, pois estão em padrões vibratórios diferentes.

Ao lado de Durval, os amparadores continuavam aplicando passes de alta frequência para desfazer os cordões energéticos, quando Carmelo comentou:

— Estou sentindo muitos deslocamentos de energia, alguém poderia verificar o que está acontecendo?

Atendendo ao pedido do mentor, Jesuíno reduziu a frequência vibratória, visualizou os espíritos perdidos e disse:

— São irmãozinhos perdidos! Certamente entraram com os encarnados.

Carmelo perguntou com contida preocupação:

— Tem guardiões no perímetro?

— Vou verificar.

Mais uma vez Jesuíno ajustou a frequência vibratória, avistou vários guardiões dentro da capela e respondeu:

— Sim, tem um grupo de guardiões protegendo o local! Mas têm muitos irmãozinhos precisando de ajuda!

Conhecendo o histórico espiritual dos colaboradores que atuavam no desligamento, Carmelo lembrou-se que Jesuíno ainda alimentava as crenças espíritas e explicou:

— Cada um tem o seu momento, Jesuíno. O espírito tem o direito de vivenciar aquilo que escolhe, seja como encarnado ou desencarnado! Não podemos arrastá-los para um hospital!

Com a mente enraizada nos conceitos doutrinários que nem sempre se aplicam a todos os casos, Jesuíno insistiu:

— Venerando Carmelo, nós poderíamos fazer uma elucidação! Esses irmãozinhos sofrem na ignorância!

— Jesuíno, toda ação exige planejamento e foco! Nós estamos aqui para fazer o desligamento do Durval, não viemos com o objetivo de resgate! Certamente todos esses irmãos já receberam ajuda, mas escolheram continuar na crosta. Eles sentem prazer com as energias telúricas. Você quer ajudar? Então aprenda a respeitar a escolha do próximo! Esse hábito inadequado de sair por aí elucidando, catequizando e até manipulando, também é um sinal de ignorância espiritual! Nem todos querem ser resgatados!

Ante a severa e esclarecedora repreensão, Jesuíno abaixou a cabeça e se concentrou na tarefa.

Ainda na porta da capela, Freitas assistia o comportamento dos encarnados que prestavam condolências, quando a voz grave e carregada de indignação soou em sua mente:

— São uns hipócritas!

Captando a vibração do guardião, Freitas aguçou a percepção visual e logo avistou o homem alto, de cavanhaque espesso, olhar misterioso e cabelo negro penteado para trás. Observando com discrição a roupa excêntrica composta por um terno aveludado cor de carmim, camisa e gravata em tons de vermelho claro e sapatos cromados bordô, Freitas se perguntou por que aquele singular guardião sempre usava tonalidades tão chamativas, e rapidamente desviou o olhar curioso.

Coberto por uma capa preta que descia da cabeça até os pés, e até certa medida escondia a vestimenta vermelha, Euclides removeu o capuz, deu um

sorriso enigmático e perguntou:

— Como você está, Freitas? Precisa de ajuda?

— Oxe! E isso é jeito de chegar? Se eu não tivesse captado sua energia nem ia saber que tu tava se aproximando!

Euclides inclinou levemente a cabeça para trás, deu uma alta gargalhada, olhou profundamente nos olhos do coveiro e perguntou:

— Eu o assustei? Está com medo?

— Não, eu senti a tua energia e sabia que era você! O que tu tá fazendo aqui?

— Que pergunta é essa? Esqueceu que eu trabalho nesse cemitério e a capela está no meu perímetro? Vim dar um jeito nessa bagunça!

— A coisa tá feia! Tem um monte de sofredores chupando energia dos encarnados. Os guardiões estão protegendo o defunto e a equipe que faz o desligamento, mas não dão conta de fazer tudo sozinhos! Tem muito espírito perdido aqui dentro e estão começando a fazer algazarra!

— Não se preocupe! Vou dar um jeito nisso e acabar com essa bagunça!

Ao terminar a frase, Euclides reduziu o padrão vibratório, no mesmo momento transfigurou o corpo espiritual tornando-se um ser diabólico e mostrou-se para os espíritos em baixa frequência que se acumulavam dentro da capela.

Ante a figura musculosa com quase três metros, pele e olhos vermelhos, narinas dilatadas soltando fumaça, chifres, garras, presas e rabo pontiagudo, se formou um verdadeiro tumulto. Apavorados com a aparição demoníaca, os invasores começaram a correr em busca de uma saída. Para garantir a debandada completa, Euclides plasmou um tridente com pontas brilhantes, estufou o peito, abriu os braços e bradou com voz cavernosa:

— Eu vou arrastar todos para o infeeernooo! Ah-ah-ah! Agora vocês são meus! Meeeus!

Quando a ameaça soou alta dentro da capela, o assombro foi ainda maior e os baderneiros evadiram se atropelando, gritando, chorando e chamando por Deus.

Diante da assustadora encenação, Freitas sentiu o calafrio percorrer a coluna e reclamou:

— Oxente, eu nunca vou me acostumar com essas fantasias, dá até medo!

Euclides se curvou na direção do coveiro, contraiu os olhos vermelhos como brasa, bufou soltando fumaça espessa pelas narinas e respondeu:

— Deixe de ser medroso! Isso é somente uma transfiguração! Pelo amor de Deus, você tem que aprender a colocar esses desordeiros para fora!

Freitas encostou-se ao batente da porta, cruzou os braços e falou com indiferença:

— Eu não! Isso é com você! Meu trabalho é limpar as covas! Não quero ficar correndo atrás de egum!

Euclides perguntou com indignação:

— E você não quer ser um guardião? Até quando vai ficar na função de coveiro?

— Vou ficar até o dia da minha reencarnação! Só tô esperando me chamarem! Deus me livre, toda vez que tem um velório aparece um monte de baderneiros querendo invadir o cemitério pra roubar ectoplasma! Eu não quero ficar aqui não!

Indignado com a demonstração de comodismo e covardia, Euclides assoprou uma longa nuvem de fumaça pelas narinas e exclamou:

— É por isso que logo, logo você vai embora! Nós precisamos de funcionários eficientes e guardiões determinados a colocar os invasores para correr! Colaboradores iguais a mim! Ha-ha-ha-ah!

Freitas olhou com desdém, contorceu o nariz, deu um sorriso de canto e interrogou de maneira provocativa:

— Não me diga que tu vai ficar com essa aparência feiosa? Sai pra lá!

Compartilhando a provocação travessa, Euclides retrucou:

— Não seja frouxo! Ah-ah-ah-ah! Essa aparência coloca medo em todos! Se quiser eu posso plasmar um anjo com asas e auréolas! Você quer?

— Eu não! Pra quê? Já sei que tu não é anjo nem diabo, é só mais um espírito que viveu na Terra e agora tá na erraticidade! Deixa de ser abestado homem!

— Então voltarei a minha aparência normal. Essas transfigurações custam uma grande quantidade de energia.

— Acho bom! Essa cara vermelha é muito feia, visse!

Entre as brincadeiras e as risadas divertidas, Euclides retomou a aparência do singular cavalheiro de vermelho, balançou a cabeça mostrando pesar e disse com seriedade:

— É muito curioso ver o que acontece nesses velórios. As pessoas oferecem os pêsames, abraçam a viúva e choram, mas na verdade estão pouco se importando! É uma hipocrisia desgraçada! Olha lá, está chegando mais uma fingida, essa veio com o guardião, ao menos está bem acompanhada.

No plano físico Marilda abraçou Edinéia e falou com voz embargada:

— Meus pêsames! Coitadinho do Durval, ele era tão bom! Que pena, que tristeza! Meu Deus do céu, pra morrer basta estar vivo!

Notando que o guardião de Marilda observava de longe e mostrava desagrado, Euclides sorriu de canto, acenou e disse respeitosamente:

— Seja bem vindo amigo! Com todo o respeito, você sabe que ela está sendo falsa, toda essa encenação é pura hipocrisia, concorda?

O guardião olhou atentamente para Euclides, hesitou por alguns instantes, mas ao decodificar a frequência do agrupamento deu um sorriso, esticou o indicador desenhando no ar o símbolo da falange e deixou um rastro energético levemente iluminado que em pouco tempo se desfez.

Ciente de que estava entre amigos, o guardião se aproximou falando:

— Salve Cristo! Eu sei que é hipocrisia e não concordo com essa falsidade, mas o que posso fazer? É a mania que ela arrasta pela vida!

— Os encarnados têm umas coisas esquisitas, às vezes eu até me assusto! Qual é a sua graça, amigo?

— Pode me chamar de Edélcio!

— Esse baianinho nanico do meu lado é o Freitas, coveiro na nossa calunga, eu sou o Euclides, um dos guardiões do cemitério.

Quando mais uma conhecida abraçou Edinéia e falou em prantos mostrando exagerada emoção, Euclides apontou com indignação:

— Olha lá, outra hipócrita! É uma falsidade espantosa!

Edélcio perguntou:

— Vocês veem muito dessas coisas por aqui?

— O tempo todo! Eu já assisti inúmeros velórios, as demonstrações de insensibilidade são assustadoras e sempre acontece alguma coisa esquisita!

— Eu imagino. Os encarnados sempre nos surpreendem!

Euclides alisou o cavanhaque, recordou uma situação inusitada e disse:

— Certa vez, uma senhora prestou os pêsames à viúva, chorou, fez uma longa declaração, rezou ao lado do falecido e quando se sentou logo em seguida começou a cantarolar mentalmente.

O pensamento carregado de energia e profundamente focado na música criou uma tela mental tão nítida, que eu consegui ver de longe. Completamente indiferente à dor dos familiares, enquanto cantava ela reparou em todos os detalhes da capela, dos adornos, do caixão, da roupa do falecido e da viúva, e pensou: “o que será que significa pêsames?” Será que vem de peso? Será que é porque o defunto é pesado?

Edélcio cobriu a boca tentando disfarçar o sorriso e perguntou:

— Será que essa senhora ao menos se deu ao trabalho de procurar a resposta em um dicionário?

— Duvido! Até parece que a preguiça vai deixar! Mas digo que não acabou por aí! Enquanto ela pensava no significado dos pêsames, novamente desviou a atenção para a música e ficou o resto da noite cantando mentalmente.

Freitas perguntou com curiosidade:

— O que ela estava cantando?

Euclides deu de ombros mostrando não entender exatamente o significado da música e cantarolou:

— Pêsames, pêsames mucho! Como se fueras esta noche la última vez!

Edélcio falou entre risos:

— Não conheço essa música, não é da minha época.

Freitas gargalhou demoradamente e disse com empolgação:

— Eu conheço, eu conheço! Essa música fez muito sucesso, mas não é pêsames mucho! O correto é bésame mucho! É bésame de beijar!

Novamente Euclides alisou o cavanhaque, olhou para o alto e concluiu:

— Ao menos ela foi criativa! Ah-ah-ah-ah! Eu aprendi a dar risada, mas é uma tristeza! Pelo que vejo nesse velório, parece ser uma boa família, mas não tem jeito, é sempre a mesma coisa, em toda cerimônia tem uma choradeira ou um escândalo! Os encarnados não aprendem! Energia de baixa frequência atormenta o irmão que está sendo desligado e atrai espíritos inferiores!

Edélcio observou o burburinho entre os encarnados e concordou:

— Nós sabemos que a perda de um ente querido causa dor e tristeza, mas não existe a necessidade de escândalos, revolta, fofocas, buchichos e bagunça! O silêncio é uma prece! Por que não se calam e rezam? Certamente poderiam ajudar mais!

Freitas perguntou:

— Será que nos cemitérios de gente rica é diferente?

Euclides afirmou:

— Sim, é diferente! Durante um período eu trabalhei em um cemitério de pessoas com muitas posses. Certamente o dinheiro e o status não fazem diferença no plano espiritual, mas influenciam diretamente na dimensão física e na educação dos participantes.

Freitas olhou de canto e perguntou com curiosidade:

— Como assim?

— Nesses cemitérios não têm tantos desordeiros! Os espíritos perdidos que acompanham os encarnados se comportam de outra maneira, geralmente são arrogantes, mesquinhos, petulantes e extremamente materialistas, mas mantém certa postura. Perceba que esse tipo de pessoa não gosta de vexames, elas prezam as aparências e quando desencarnam continuam com os mesmos hábitos.

Edélcio lembrou-se de um fato e comentou:

— Certa vez, eu fui a um funeral onde uma pequena orquestra entoava suaves melodias e o cortejo foi conduzido ao som de “Sonata ao Luar", realmente tinham poucos perdidos acompanhando os encarnados.

— Esse tipo de organização desagrada os espíritos desordeiros! A maioria se irrita ao entrar em contato com músicas de frequência mais elevada, eles gostam de desordem, escândalos, desespero e tudo que gera energia de baixa frequência.

Freitas perguntou com simplicidade:

— Oxe! Então é só colocar uma música clássica pra espantar esses eguns?

Euclides indicou três senhoras que cochichavam entre risos e sequer imaginavam que ao lado dois eguns se divertiam com a fofoca, e respondeu:

— Não é tão simples, Freitas! Não se trata apenas de uma música, mas de semelhança vibratória! Você acha que um encarnado que gosta de Beethoven vai atrair espíritos que apreciam heavy metal? Ou um encarnado discreto vai atrair fofoqueiro?

— Acho que não! Quando eu estava vivo gostava de um forrozinho, sempre achei música clássica muito chata, depois de morto continuo com o mesmo gosto!

— É exatamente essa a questão! A passagem de um plano para o outro não muda aquilo que o espírito aprecia! O desencarnado que decide ficar na crosta procura aquilo que gostava durante a vida terrena. E não podemos nos esquecer que nem todos os desencarnados que perambulam por aí são ignorantes. Alguns já foram recolhidos, esclarecidos, trabalharam por um tempo nas colônias espirituais, mas decidiram voltar para a crosta e ficar zanzando sem fazer nada. Esses irmãos se entediam com a rotina nas colônias, eles gostam de agitação e voltam para a Terra em busca daquilo que os satisfaz. Alguns até conseguem manter uma boa frequência.

Freitas bufou enrugando a testa e resmungou:

— Essas coisas são difíceis de entender!

— Claro que parece difícil, você nunca quis estudar! Escute bem, meu amigo Freitas, não se trata de gosto musical, mas sim, de afinidade vibratória! Se durante a vida o encarnado foi um fanático religioso, após o desencarne vai procurar algum templo e se juntar aos fiéis mais propensos ao fanatismo! Se ele era alcoólatra, vai se grudar a um viciado! Se durante a vida ele foi sexolatra, após o desencarne vai procurar irmãos com a mesma necessidade! Se o encarnado era "um boca suja" que falava palavrão, após o desencarne vai se sentir à vontade ao lado de pessoas com esse hábito! O espírito apegado à matéria que decide continuar na crosta vai sempre procurar semelhantes, é por meio dessa afinidade vibratória que ele consegue a energia para se sentir como se ainda estivesse na carne.

Freitas contorceu o rosto mostrando dificuldade para compreender e interrogou:

— Se o encarnado gosta de rock in roll, forrozinho ou samba vai atrair egum?

— Claro que não! Tudo depende da conduta, das escolhas em favor do bem maior, da bondade, honestidade e valores nobres. Um encarnado pode ouvir a música que quiser, mas precisamos concordar que a música tem uma frequência que ressoa e interfere na vibração dos corpos, tanto dos encarnados, quanto dos desencarnados. Aquilo que é compatível agrada e causa boas sensações, o incompatível desagrada e causa incômodos. Uma

música de baixa frequência causará incômodo ao espírito que já alcançou padrões um pouco mais elevados. Músicas de alta frequência fazem o mesmo com espíritos em baixo padrão vibratório, portanto, voltamos ao início da conversa, semelhante atrai semelhante.

— E se durante a vida o encarnado gosta só de música clássica, mas é um sujeito sem princípios nobres? O que ele vai atrair?

— Ele vai atrair espíritos semelhantes às crenças e atitudes que alimenta! Ele pode passar a vida ouvindo Ave Maria de Bach, mas se a conduta for imoral, ele terá companheiros que comungam das mesmas ideias. Mas devemos considerar que, dificilmente um encarnado em baixa vibração se sentirá bem ao ouvir esse tipo de música. O som tem o poder de ativar, animar e provocar os chakras. Cada nota coincide com um chakra. Quanto mais telúrico é o espírito, mais se sente atraído pelas notas musicais que estimulam os chakras inferiores.

Edélcio observou a discussão calorosa entre Edivânia e Edson e disse:

— A diferença e a exclusão social também interferem nessas dinâmicas! O encarnado que tem boas condições monetárias e melhores oportunidades geralmente investe mais em educação e cultura. Isso afeta diretamente o comportamento e a maneira de entender o mundo.

Euclides concordou:

— Isso é verdade! Uma boa educação faz muita diferença! Tem outro detalhe importante, enquanto o rico gosta de manter a pose, a maioria dos pobres estão pouco se importando com o que o outro pensa ou deixa de pensar! Dê uma olhada naqueles dois, faz meia hora que estão batendo boca por causa de uma garrafa de café! Um rico jamais se sujeitaria a isso, para ele seria uma humilhação. É lógico que isso não é uma regra, alguns encarnados que em vida passada foram da elite, continuam defendendo a aparência diante da sociedade. É muito curioso, alguns até fingem ser algo que não são, tudo para se manter a pose.

Edélcio disse entre risos:

— Alguns encarnados, principalmente os da alta sociedade, fazem de tudo para manter a pose! Esse tipo de discussão não acontece em funerais da elite! É um ambiente com pessoas e energias completamente diferentes. Nesses funerais predominam outros tipos de inferioridades, enquanto aqui se destaca a falta de educação e os modos grosseiros, entre os mais abastados a arrogância, a soberba, o materialismo e a mesquinharia ganham destaque! Mas em todos os ambientes existe algo em comum, a hipocrisia humana!

Freitas olhou ao redor, sentiu-se entediado com a conversa e disse:

— Acho que vou voltar para o meu perímetro!

Euclides pediu:

— Espere um pouco, eu vou fazer uma ronda e já volto! Se aparecer mais invasores, reduza a frequência e tente estabelecer uma conversa! Você sabe como fazer, basta se conectar mentalmente e oferecer ajuda, se eles não quiserem conversar, deixe de lado, depois nós removemos!

Freitas enrugou a testa e reclamou:

— Meu trabalho é limpar as covas! Não gosto de conversar com esses invasores, eles são agressivos!

— Deixe de má vontade! O cemitério está cercado, lá fora tem uma multidão de loucos que há tempos tenta tomar o campo santo! Não reclame e ajude! Vou fazer a ronda e volto rápido!

— E por que não chamamos a tropa dos Caveiras? Eles acabam com essa bagunça rapidinho!

— Porque eles não são nossos servos! Estamos aqui para cuidar do cemitério! É o nosso trabalho! Os Caveiras se apresentam apenas em casos de urgência!

Evidenciando a falta de consciência e a grande necessidade de amadurecimento espiritual, Freitas resmungou:

— Eu não quero ficar aqui, esse não é o meu trabalho! Vou voltar para o meu perímetro!

Euclides esbravejou:

— Então vá! Eu dou um jeito! Quer saber? Vou ficar por aqui, é muito interessante observar esse povo!

Peça para o João fazer a ronda no meu perímetro, eu vou proteger a capela!

Quando Freitas se afastou, Euclides observou o deslocamento de energia, se concentrou tentando visualizar outros trabalhadores, percebeu que vários guardiões acompanhavam os encarnados e disse:

— Muitos irmãos do plano astral estão acompanhando seus protegidos, mas infelizmente não conseguem ajudar, o padrão vibratório desses encarnados é tão baixo que repele qualquer espírito com um pouco de luz!

Captando a aproximação de outro guardião, Euclides disse com entusiasmo:

— Parece que mais um irmão vai se juntar ao nosso debate!

Vitório aproximou-se falando com alegria:

— Salve Cristo! Como vai Euclides?

— Salve Cristo, meu irmão! Eu estou muito bem, o que você faz por aqui?

— Vim acompanhar o Afonso, ele é patrão do falecido.

Euclides contorceu o rosto e perguntou com surpresa:

— O mesmo Afonso que esteve aqui mês passado? Se não me engano ele veio no velório de um parente.

— Exatamente, ele está prestando solidariedade à viúva.

Euclides observou os trajes elegantes de Afonso e disse

— É uma completa discrepância! Afonso se destaca no meio dessa pobreza. Chega a ser cômico! Mas o morto não fica atrás, é um cadáver com fraque dentro de um caixão podre e comido por cupins!

Edélcio acrescentou:

— Foi a primeira coisa que me chamou a atenção quando entrei na capela! O terno do defunto é finíssimo, mas a pobreza ao redor é marcante!

Conforme os guardiões conversavam, observavam e analisavam os encarnados, Afonso apertou solenemente a mão da viúva, parou ao lado do caixão, abaixou a cabeça mostrando tristeza e pensou:

— Deus do céu! Vou passar o resto da vida sustentando esse povo! Será que um bom advogado consegue me livrar desses direitos trabalhistas?

Distraindo-se com a beleza do terno bem costurado, Afonso olhou discretamente para os familiares e refletiu:

— Como pode um homem tão elegante e educado se misturar com esse tipo de gente? Durval sempre teve bom gosto, falava bem e se portava como um verdadeiro cavalheiro. Não entendo por que foi se juntar com pessoas tão baixas!

Captando a baixa frequência de Afonso, Euclides disse:

— Olha lá Vitório, o seu protegido é mais um que finge tristeza, mas, na verdade, está pouco se importando!

Vitório franziu a testa mostrando desagrado e exclamou:

— Nem quero ver! O Afonso está morrendo de medo de ficar no prejuízo! Ele só pensa na pensão que terá que pagar para a viúva. Além de mostrar uma mesquinharia assustadora, ainda é hipócrita.

— É justamente sobre isso que estávamos falando! A hipocrisia parece uma doença entre os encarnados! Todos querem mostrar algo que não são, mas em situações como essas muitas máscaras caem! Observe a safadeza! Aquele grandalhão é o irmão da viúva, preste atenção.

Edson se aproximou de Edinéia, secou os olhos úmidos e disse com fingida tristeza:

— Mana, eu não tô mais aguentando de tristeza, visse! Vou dar um pulinho no boteco aqui da frente e comprar umas garrafas de cachaça pro povo aguentar a noite inteira.

No astral Euclides exclamou:

— Mentiroso! Safado! Você quer encher a cara, tá pouco se importando com o defunto e com o povo!

Edinéia secou as lágrimas e disse:

— Não precisa de cachaça, eu trouxe café, tem uma garrafa cheinha!

Edilene olhou de canto para Edson e falou entredentes:

— O café tá frio! Alguém deixou a tampa aberta! É por isso que eu tava brigando com o Edson, mas ele jura que fechou a garrafa! Pois eu duvido, tu se lembra que na casa da mainha ele sempre deixava a garrafa aberta?

Edinéia esbravejou:

— Mas que inferno! Será que a mão que abre não pode fechar? E agora? Vamos passar a noite bebendo café frio?

Ansioso para fugir das irmãs, rapidamente Edson falou:

— Eu vou buscar a cachaça e já volto!

Uma hora depois, Edson retornou lutando para caminhar em linha reta e esconder a embriaguez. Depois de deixar as garrafas e alguns copos de plástico no aparador, ele se sentou sem chamar a atenção, cruzou os braços e logo caiu no cochilo.

Atento a todos os acontecimentos, Euclides comentou:

— Olha lá! Eu falei! Ele queria encher a cara, foi comprar a cachaça e voltou bêbado!

À medida que os guardiões observavam o comportamento dos encarnados, no plano físico o relógio marcava quase meia noite quando um pedinte atravessou a porta da capela, entrou em passos cambaleantes e parou ao lado do caixão.

Pedro, irmão de Durval, que até aquele momento apenas observava em silêncio, aproximou-se impondo:

— Saia daqui, o senhor não percebe que é um momento de família?

Mostrando perturbação e desequilíbrio, Edinéia se levantou em defesa do pedinte e gritou:

— Não fale assim! Seu desalmado! Ele precisa de ajuda!

Edivânia apelou:

— Mana, por favor, fique quieta e deixe o Pedro colocar esse mendigo pra fora!

Edinéia correu até o pedinte, o segurou pelo braço e apelou em prantos:

— Venha aqui moço! Deixe esse povo preconceituoso de lado! Você quer um café? Tá um pouco frio, mas ainda dá pra beber.

No mesmo momento o pedinte estalou os olhos mostrando completa alienação e balbuciou:

— Um café? Um café? A senhora vai me dar café? Um cafezinho? Um cafezinho?

— Sim moço, eu te dou um cafezinho! Venha!

— Humm! Cafezinho é bom, é bom cafezinho! A senhora me dá um cafezinho bom?

Empolgado com o cafezinho, o pedinte esqueceu-se de que estava em um velório, cambaleou de um lado para o outro e se apoiou no caixão, que prontamente tombou para o lado e caiu fazendo um enorme estrondo.

Surpresos com o estouro, os participantes que cochilavam foram despertados pelo susto, os fofoqueiros se calaram, os mais sensíveis exclamaram mostrando assombro e o alvoroço tomou conta da capela.

Ultrajado com a falta de respeito, Pedro parou ao lado do caixão, olhou com perplexidade para Durval caído com o rosto rente ao chão e gritou:

— Edson, Wilson, me ajudem aqui! Deus do céu, coitado do Durval, nem depois de morto tem paz! Edinéia, por favor, tire esse mendigo daqui, tenha um pouco de respeito, é o velório do meu irmão!

Edinéia bateu no peito e pranteou aos berros:

— É o meu marido que morreu! O meu marido, o meu maridooo!

Aterrorizadas com o alvoroço, Edilene e Edivânia cercaram Edinéia, ofereceram água com açúcar para acalmar os nervos, e apenas com muito esforço conseguiram controlar a viúva exaltada e pronta para atacar.

Quando Durval foi colocado no caixão e acomodado no lugar, Pedro soprou o ar com alívio e comentou:

— Não sei como esse caixão aguentou! Parece que está podre! Meu irmão era tão bom, sempre foi um homem elegante, educado e de gosto refinado, ele merecia um enterro mais digno.

Wilson respondeu:

— Olha, se eu fosse você agradecia a Deus! Foi um sacrifício enorme conseguir o dinheiro pra esse caixão! Ainda bem que não quebrou!

Edson secou a testa suada e lamentou:

— Coitado do cunhado, nem depois da morte tem sossego! Ele não merecia essa desgraça, nunca vi uma criatura tão boa!

Enquanto os homens conversavam, Edinéia se afastou das irmãs, serviu um copo de café, puxou o pedinte pela mão, o levou até a cadeira e pediu:

— Sente aqui do meu lado, e tome seu cafezinho! Não ligue pra essas pessoas desalmadas.

O pedinte sentou-se, entornou o copo de café e ao ver as garrafas de cachaça no aparador atrás de Edinéia, abriu um largo sorriso de satisfação e pensou:

— Humm! Cachacinha, cachacinha, cachacinha!

Alheia aos verdadeiros interesses do mendigo, Edinéia desabafou:

— É o velório do meu marido, o senhor sabia?

Com os olhos grudados nas garrafas, o pedinte murmurou:

—Hum, hum!

— O senhor tem nome?

— Me chamam de Zé!

Tomada pela desordem mental, Edinéia olhou para os lados e sussurrou:

— Senhor Zé, esse velório é do meu marido, ele era um homem bom, vou sentir muita saudade. Às vezes o Durval queria fazer sexo a força, mas nunca me fez maldade! Nos últimos tempos ele tava doente, eu tinha medo dele desmaiar ou me passar alguma coisa ruim com o sexo! O senhor entende?

— Hum, hum!

— O senhor tá com fome? Quer um pão com mortadela?

— Mortadela? Humm, pão com mortadela é gostoso! A senhora me dá pão com mortadela? É muito bom pão com mortadela!

— Eu vou buscar pro senhor! Coitadinho, deve tá com muita fome! Quer mais um cafezinho?

Zé apontou para as garrafas e pediu com um sorriso acanhado:

— Posso tomar um golinho daquela cachaça?

— O senhor bebe aguardente?

— Bebo sim! Bebo aguardente, cachaça, pinga...

— Pode pegar, fique à vontade.

Edivânia aproximou-se olhando de maneira ameaçadora e pediu:

— Edinéia, venha aqui!

— Não quero! Deixe-me em paz!

— Pare de criancice, mulher! Venha aqui, a Edilene quer falar com tu!

Quando Edinéia decidiu atender ao apelo, Edivânia a puxou para o canto e falou:

— Tu endoidou foi? Mande esse sujeito fedido embora!

— Deixe o coitado em paz! Ele só quer um pouco de atenção!

Edilene apontou com o rosto carregado de piedade:

— Olha lá as tuas meninas, pelo amor de Deus mulher! Tenha misericórdia das cabritinhas, elas tão dormindo encostada na parede! É quase meia noite! Por acaso, isso é hora de criança estar em velório? Quase todo mundo foi embora!

— Elas perderam o pai! O meu marido morreu! Ele morreu! Elas têm o direito de se despedir!

— As cabritinhas estão exausta e mal entendem o que tá acontecendo! Vou levar as meninas pra minha casa!

Edivânia concordou:

— A mana tá certa, é muito tarde pras cabritinhas ficarem aqui!

Edinéia estendeu as mãos sobre os ouvidos tentando escapar das repreensões e berrou descontroladamente:

— Então leve as minhas filhas! Faça o que quiser! Tire as meninas daqui e acabe com a despedida! Elas nunca mais vão ver o pai! Vocês não entendem a minha dooor!

Certa de que Edinéia estava a um passo da loucura, Edilene deu as costas, saiu batendo os pés e quando encontrou o marido fumando ao lado da capela, ordenou:

— Wilson, vamos embora!

Ansioso para escapar do velório, imediatamente Wilson lançou o cigarro para longe, pegou a chave do carro e disse:

— Vamos, vamos, estou pronto!

— Nós vamos levar as meninas, a mana tá louca e não tem condições de decidir nada!

— Então vamos pegar as meninas, eu te ajudo!

— É melhor deixar a mana se despedir das meninas!

— Tá, tá, a gente espera ela se despedir e depois vamos embora, não aguento mais!

Edilene franziu a testa e ameaçou:

— Tu não reclame, seu cabra frouxo! Já me basta a loucura da mana! Nem sei por que a Edinéia tá desse jeito! Ela vivia falando que não aguentava mais se deitar com o falecido! Todo santo dia a Edinéia reclamava do Durval e agora fica aí chorando!

Atacado pela curiosidade típica dos fofoqueiros, Wilson perguntou com interesse:

— Tua irmã falava mal do Durval?

— Falava sim! E tem mais, ela dizia que contava os segundos pro sexo acabar! A mana não suportava o cunhado, não sei por que fica dando uma de viúva triste! Vamos embora, tô cansada visse!

Profundamente revoltada, Edinéia se despediu das filhas, retornou para perto do mendigo e perguntou:

— O senhor quer um sanduíche de mortadela?

— Mortadela? Humm! Gostoso, quero mortadela! Mortadela é bom! É muito bom mortadela! Posso tomar mais um gole de cachaça? Essa marca é muito gostosa, é a melhor!

— Pode moço! Pegue o quanto quiser! Vou buscar o seu pão com mortadela!

Ao passo que Edinéia e o pedinte davam um verdadeiro espetáculo de insanidade e pareciam dois loucos conversando, no plano astral o desligamento prosseguia e os guardiões observavam a multidão de espíritos desequilibrados que acompanhavam o pedinte.

Após analisar a dinâmica por algum tempo, Euclides meneou a cabeça mostrando indignação, bufou e disse:

— Olha lá! O bando que veio com o mendigo já cercou o caixão! Parecem cães mortos de fome! Vou dar um jeito nisso!

Euclides se projetou para o lado do caixão, mais uma vez transfigurou a aparência mostrando a caricatura bizarra, bateu o tridente no chão emitindo um estrondo e gritou:

— Vou levar vocês para o infernooo! Sou o diabooo!

Apavorados com a inesperada aparição, no mesmo momento os perdidos se afastaram aos empurrões, gritos e pedidos de socorro. Para reforçar o assombro e garantir a evacuação, Euclides deu uma gargalhada assustadora e ameaçou:

— Voltem aqui! Vocês são meus! Suas almas são minhas! Ah-ah-ah-ah!

Captando as energias densas e desordenadas que envolviam o caixão, o mentor Carmelo pediu:

— Jesuíno, reduza o seu padrão vibratório e veja o que está acontecendo, eu estou sentindo a interferência de energias pesadas!

Jesuíno atendeu ao pedido, fechou os olhos em busca de concentração e quando entrou na frequência mais densa, se deparou com Euclides transfigurado na imagem horrenda, saltou para o lado e interrogou:

— Quem é você? Deus do céu!

Prontamente Euclides retomou a forma espiritual, curvou levemente o tronco para frente, e respondeu respeitosamente:

— Sou um guardião a serviço de Cristo!

— E precisa se transfigurar em uma coisa tão bizarra? Eu me assustei!

Euclides cerrou levemente os olhos e respondeu:

— Estou fazendo o meu trabalho! Pensa que é fácil espantar esses loucos?

Persistindo nas crenças distorcidas, Jesuíno rebateu:

— São irmãozinhos ignorantes que precisam de muito amor!

— Amor? É mesmo? Então vá dá amor para esses desequilibrados, eles vão mandar você tomar naquele lugar! As coisas não são como você pensa, meu amigo!

— Eu não concordo! Esses pobres infelizes precisam de elucidação.

Euclides deu uma gargalhada e respondeu:

— Já entendi! Você deve ser um recém-desencarnado que durante a vida abraçou as crenças espíritas e agora luta para não enxergar a verdade! Não sei em que posto você está trabalhando, mas na dimensão astral da crosta não existe esse papo de irmãozinho! Eu acabei de espantar um bando que estava subtraindo energia do defunto! Você pensa que eles querem ouvir elucidações? São como animais desesperados por alimento!

— Minha Nossa Senhora! Eles estavam roubando o ectoplasma? Eram muitos?

— Uns vinte, vieram com o mendigo que entrou na capela! Esse tipo de espírito não quer ajuda e vive preso ao vício que tinha quando encarnado! Infelizmente não conseguimos fazer a elucidação, eles nos insultam, agridem e mostram profunda alienação.

Chocado com a realidade do plano astral da crosta, Jesuíno aumentou o padrão vibratório e disse:

— Venerando Carmelo, o senhor estava certo, houve interferência no campo que criamos ao redor do Durval. Eu fui informado que um bando de irmãozinhos perdidos tentou roubar o ectoplasma.

— Eles já foram embora?

— Sim, um guardião muito esquisito colocou todos para correr!

— Então vamos prosseguir, daqui a pouco vai amanhecer e certamente o corpo será enterrado. Precisamos tirar o Durval daqui.

Ao passo que os trabalhadores do astral superavam as dificuldades, no plano físico os fiascos prosseguiam. Pouco antes das três horas da manhã, Edson parou ao lado do caixão, se entregou ao choro motivado pela cachaça, colocou a mão no peito e cantou alto:

— Boemia! Aqui me tens de regressooo!

Pedro exclamou:

— Edson, cale a boca! Meu irmão não era um boêmio! Tenha mais respeito! Você está bêbado!

Animado com a cantoria, o pedinte se juntou a Edson e emendou com emoção:

— Boemiaaa! E suplicante te peçooo...

Notando que Pedro estava prestes a atacar o pedinte, Edivânia correu até Edinéia e suplicou:

— Mana, mande esse mendigo embora!

Edinéia olhou com tristeza e respondeu com voz cansada:

— Tá bom, eu vou pedir para ele sair!

Caminhando lentamente até o pedinte, Edinéia pediu:

— Moço, é melhor você ir embora! As pessoas estão se incomodando! Não fique triste, elas não entendem a dor do outro.

— Vou sim! Vou sim! E o meu pão com mortadela?

Sonolenta e perturbada, pela terceira vez Edinéia ofereceu:

— O senhor quer um pão com mortadela?

— Hum! Bom! Pão com mortadela é bom! A senhora vai me dar o pão dessa vez?

— Claro que vou! Eu esqueci das outras vezes!

— Humm! Bom é pão com mortadela! Pão com mortadela é bom! Mortadela, mortadela, mortadela! Posso pegar mais uma cachacinha? Só um golinho, o último, eu prometo!

Edinéia olhou com desagrado e reclamou:

— O senhor não quer saber dos meus problemas, nem prestou atenção no meu desabafo! Pode levar a garrafa de cachaça! Vou buscar o seu pão!

Poucos minutos depois o pedinte saiu mordendo o sanduíche de mortadela, com a garrafa debaixo do braço e acenando para os familiares, que ainda resistiam à morosa passagem da madrugada.

No decorrer da noite, entre discussões acaloradas, bebedeira, fofoca, muita maledicência e o constante retorno do pedinte Zé, o velório se converteu em um verdadeiro laboratório de estudos para os guardiões, que atentamente observavam o comportamento dos encarnados e tentavam decifrar a personalidade humana.

Pouco antes das seis horas da manhã, finalmente Durval foi desligado dos despojos carnais, removido para as câmaras de recuperação em uma colônia espiritual e minutos depois o cortejo seguiu até a sepultura.

Entre o pranto convulsivo de Edinéia e muitas lamúrias dissimuladas, Wilson gemeu baixo fazendo força para segurar a alça do caixão e pensou:

— Mas que merda, por que não jogam de uma vez esse caixão no buraco e acabam com essa porcaria? Eu odeio velórios!

Compartilhando os pensamentos negativos, Edson se aproximou perguntando discretamente:

— Tá muito pesado?

— Sim, bastante! Tu não vai ajudar?

— Eu não posso, tenho problema de coluna!

— Eu sei Edson! Todo mundo sabe dos teus problemas de coluna!

— Oxe! Tu tá irritado?

— Claro que sim! Dormi só três horas! A Edilene quis voltar cedo pro cemitério!

— E as meninas?

Wilson revirou os olhos, bufou e respondeu com voz ofegante:

— As meninas ficaram com a vizinha! Não vejo a hora desse enterro acabar!

Edson deslizou a mão sobre o caixão e lamentou:

— O cunhado era boa gente, mas tô cansado e quero dormir.

— Verdade, o cunhado era homem bom, nunca conheci um sujeito que falasse tão bonito! Eu gostava dele, mas também quero dormir! Odeio velórios! Será que ainda vai ter sermão do padre?

Edson exclamou com aborrecimento:

— Claro que não! Não sobrou dinheiro pra pagar o padre!

— E tem que pagar? Eu pensei que o padre fazia de graça!

— Oxe! Tu que pensa! O padre que faz a reza de graça tá viajando e o outro pediu cinquenta mil cruzeiros!

— Tudo isso? Desse jeito vou virar padre!

Edson conteve a risada e respondeu:

— Eu também! Além de ter casa e comida de graça, ainda ganha pra fazer enterro e casamento!

Notando a aproximação do cortejo, o coveiro Ivo comentou com afobação:

— Vixe, o povo tá vindo! Rápido Armando, temos que aumentar o tamanho dessa cova!

Armando cavou com mais pressa e reclamou:

— Eu disse que tava pequena! Vai lá e pede pra viúva segurar o povo!

Ivo soltou a pá, correu até Edinéia e pediu discretamente:

— Dona, será que dá pra senhora pedir pro povo esperar um pouco?

— Oxe! O que foi que aconteceu?

— Venha comigo, eu vou mostrar!

Edinéia acompanhou o coveiro, parou diante do buraco e perguntou com a voz chorosa:

— É aqui que vão colocar o meu marido?

— Sim senhora, mas dê uma olhadinha, seja discreta pro chefe não perceber! A cova ficou pequena!

Edinéia olhou para os lados procurando o chefe dos coveiros, disfarçadamente observou o tamanho da cova e concluiu:

— É mesmo, tá parecendo cova para caixão de criança!

— O Armando errou o tamanho, mas prometo que vamos terminar rapidinho! Não fala nada pro chefe, ele é nervoso.

— Tá bom moço, eu não vou falar nada, mas se apressem.

Empenhado em conquistar a simpatia da viúva e se livrar de reclamações, Ivo mentiu com impressionante vocação:

— Vamos fazer rapidinho, mas não podemos deixar a cova muito apertada, pode arranhar a madeira! Eu reparei que o caixão do seu marido é daqueles caros, a senhora deve ter pagado uma fortuna, é coisa chique de gente com bom gosto! Tem detalhes vitorianos e tudo!

Envaidecida com o elogio ardiloso, Edinéia estufou o peito e também mentiu:

— É verdade! Esse caixão foi muito caro! Eu sou mulher de bom gosto, visse! Comprei em uma loja de grife!

— Sim! Dá para ver! Pessoa de bom gosto a gente percebe de longe!

Convicto de que Ivo tentava ganhar tempo, evitar reclamações e problemas com o patrão, Armando segurou a gargalhada, continuou cavando e quando

Edinéia se afastou, disse entre risos:

— Você é uma sem vergonha! O pior de tudo é que a infeliz acreditou no seu elogio e também mentiu na cara dura!

— Deixe que ela se dane! Eu só queria ganhar tempo! Vamos alargar essa cova e descer aquele caixão podre e cheio de cupim! Precisamos ter cuidado, se essa porcaria cair vai quebrar tudo!

Armando secou o suor da testa e falou com ofegância:

— Tá pronto! Acho que agora cabe! Pode chamar o povo.

Sem a mínima consideração ou preocupação com qualquer tipo de boa conduta, Ivo assobiou alto, levantou o braço acenando e gritou:

— Pode trazer o defunto!

Novamente o cortejo prosseguiu, e quando o caixão foi acomodado ao lado da cova, Ivo perguntou:

— Tem um padre pra fazer a reza?

Edinéia respondeu em prantos altos e soluços:

— Tem não moço! Não sobrou dinheiro!

— A senhora pode fazer igual nos filmes de Hollywood, mande o povo se enfileirar, pegar um punhado de terra e jogar em cima do caixão! A viúva é a primeira.

— Boa ideia moço! Já vi nos filmes, é chique né?

Quando os coveiros acomodaram o caixão na cova, Edinéia jogou um punhado de terra e gritou:

— Vá com Deus! Obrigada por tudo, meu eterno e amado marido!

Seguindo o exemplo de Edinéia, a fila prosseguiu lentamente, todos jogaram um punhado de terra e falaram algumas palavras sem sentido e vazias de sentimentos.

Há alguns metros, Ivo se apoiou na pá, acendeu um cigarro e disse entre risos debochados:

— Olha lá, mas que povo besta! Daqui a pouco eles enterram o corpo pra nós! Nem vamos ter trabalho!

Armando deu uma risada contida e respondeu:

— Você é o maior safado que eu já conheci! Convenceu a mulher a jogar terra em cima do caixão só pra ter menos trabalho!

Assemelhando-se a ovelhas que seguem o rebanho sem questionar, os participantes prestaram a estranha homenagem, em seguida foram embora sem olhar para trás e ao cruzar o portão do cemitério se esqueceram completamente do defunto da viúva.

Enquanto o povo voltava para casa, no plano astral do cemitério os guardiões lamentavam o espetáculo marcado pela ignorância, falta de educação e de respeito ao próximo. Certos que em pouco tempo uma situação semelhante se repetiria, eles voltaram ao trabalho e guardaram na memória as lições extraídas por meio dos maus exemplos.

Se na dimensão física o assunto deu-se por encerrado, no plano espiritual a história foi um pouco diferente, afinal, o que um homem tão educado, refinado e elegante como Durval fazia entre pessoas tão rudes?

Após seis meses de tratamento no hospital espiritual, Durval despertou, foi brevemente conscientizado e encaminhado para o Ministério do Esclarecimento.

Sentado diante de Carmelo e Moisés, ele olhou ao redor e disse com a costumeira educação:

— Eu já sei que morri e estou entre os espíritos, uma enfermeira me contou e também ensinou algumas coisas sobre o plano espiritual. Quando eu estava vivo sempre lia muitas obras espíritas, algumas falavam sobre um hospital azul, mas eu não vi nenhum hospital azul por aqui.

Em pé ao lado da mesa, com os braços cruzados e olhar fuzilador, Moisés respondeu:

— Vai ver que você não leu o suficiente! Durval chega de mentiras, não tente nos enganar! Nós sabemos muito bem que durante a vida inteira você leu apenas um livro! Vamos direto ao assunto, eu quero voltar para o meu trabalho! Você tem alguma lembrança da existência passada?

Assustado com a abordagem do guardião, Durval respondeu receosamente:

— Não! Não consigo me lembrar de nada!

— Pois então eu o ajudarei a recordar! Na vida passada você foi um Bandeirante que matou vários índios! Antes de reencarnar você jurou realizar missões de valor, mas não fez nada!

Carmelo acrescentou:

— Nessa mesma sala você jurou em prantos que seria um pastor, um dirigente ou líder religioso que ajudaria no crescimento dos encarnados, mas isso nunca aconteceu. Realmente você não fez nada!

Moisés falou com indignação:

— Você até se propôs a ir para o Xingu ajudar os nativos! Veja quantas promessas vazias! Quer um conselho? Nunca mais prometa o que não consegue cumprir! Assim será menos constrangedor para você e para nós!

Abismado com a elucidação, Durval gaguejou:

— Ma-ma-mas eu fui um homem bom, trabalhador, educado e honesto!

— Você foi um homem bom, mas mostrava algo que não era! Por trás da fachada bonita e humilde existia um verdadeiro arrogante! Quantas vezes você olhou com nojo para os seus amigos e familiares? Quantas vezes os depreciou mentalmente? Quantas vezes se sentiu superior? Você realizou apenas uma das cinco missões propostas! Sabe qual foi?

— Não sei, sinceramente estou espantado com tanta grosseria! Eu sempre fui educado e gentil com as pessoas!

Moisés respondeu com truculência:

— Mentira! Você fingia educação, sorria, falava palavras bonitas, mas os pensamentos eram agressivos! A única atitude nobre em sua vida foi dar passagem para as suas filhas! O restante você passou longe! De que adiantou trabalhar tanto? Você não trouxe nada, deixou a sua família na miséria e mais uma vez falhou em sua programação existencial!

Carmelo reiterou:

— É a décima vez que você reencarna e falha na mesma programação! Nós fazemos o possível para ajudá-lo a realizar a proposta, mas você se entrega às ilusões da matéria, se fecha para a vida espiritual e cai no abismo da vaidade e arrogância!

Durval apelou:

— Mas o que eu deveria ter feito?

Carmelo explicou:

— Durval, você deveria ajudar seus irmãos para se reajustar dentro das Leis Cósmicas. A tarefa de líder religioso serviria como uma alavanca evolutiva.

Sua caminhada espiritual é marcada por muita violência, soberba e orgulho. Além de superar a brutalidade, você se propôs a vencer definitivamente o hábito de se mostrar como superior aos que te cercam. Na Terra você mostrava uma máscara bonita, mas nós conhecemos o seu interior e sabemos o quanto despreza seus irmãos e sente-se melhor que todos.

Moisés se levantou falando:

— Eu fiz tudo que era possível, adeus! Vou cuidar da minha caminhada! Tchau!

Durval interrogou com assombro:

— Você não vai me ajudar?

— Não! Eu cansei! É a quinta vez que o ajudo! O Carmelo vai achar outro guardião para guiá-lo! Boa sorte! Fique com Deus e até um dia!

Quando Moisés bateu a porta, Durval perguntou com perplexidade:

— Isso é um guardião? Quanta grosseria!

Carmelo deu um sorriso de canto e perguntou ironicamente:

— O que você queria? Um anjo? Por acaso pensa que tem merecimento para tanto? Diga-me, senhor Gandhi!

Constrangido com dura verdade, Durval desviou o olhar, engoliu o nó que se formava na garganta e se calou.

Ciente de que espíritos na condição de Durval tem a tendência de se autoenganar e precisam de tempo para compreender a realidade íntima, Carmelo optou por abreviar a elucidação e disse:

— Durval, nós temos muito trabalho no plano espiritual, então vamos direto ao assunto. Infelizmente você não alcançou merecimento para participar da programação reencarnatória, portanto, terá que seguir o planejamento dos nossos irmãos superiores! Não se preocupe, tudo é feito com muito amor, ponderação e alinhamento com o seu histórico espiritual! Você vai reencarnar na Tailândia, é uma família pobre, mas muito boa! É lógico que eles têm hábitos rudes, pois semelhantes atraem semelhantes e intimamente você é igual!

— O quê? Eu vou reencarnar na Tailândia? Por que tão longe?

— Porque é lá que está grande parte das vítimas que você fez no passado! As condições da existência e o magnetismo o levarão aos reencontros e oportunidade de reajuste!

— Eu não entendo! Sei que não cumpri a minha missão, mas fui um homem bom e trabalhador durante a vida! Por que mereço esse castigo?

— Não se trata de castigo, mas sim, de reajuste! Durval, o espírito não pode escapar daquilo que semeou! Você teve boas oportunidades, mas desperdiçou. Entenda de uma vez por todas, não adianta fingir humildade e bondade quando o coração e a mente estão carregados de maldade! Você finge ser melhor que é na verdade. Além de enganar a si mesmo e a seus irmãos, você protela a missão de ajudar a humanidade. No passado a sua vida também foi voltada ao trabalho árduo, mas sempre com um único intuito, o de se beneficiar! Espíritos com uma bagagem tão pesada precisam trabalhar em benefício próprio e do próximo!

— Mas eu não lembrava de tudo isso! Passei a vida acreditando que estava fazendo o certo.

— Não insista na mentira! Intimamente você sentia que tinha algo maior a fazer, que não bastava apenas trabalhar, comer, dormir e procriar! Muitas vezes Moisés o inspirou com boas ideias, mas você ignorou. Não podemos negar que você venceu a brutalidade, mas ainda precisa se reajustar dentro das Leis Divinas. Eu o conduzirei até o Ministério da Reencarnação, apresentarei seus novos mentores e eles passarão mais informações.

— Quem serão meus mentores? Você também vai me abandonar?

Carmelo suspirou mostrando exaustão e pediu:

— Por favor, chega de perguntas! Você não tem merecimento e nem condições mentais para entender as respostas! É a décima vez que passamos por essa situação, me poupe! Toda vez é a mesma história! Você chora, implora, jura cumprir as suas missões, no fim da jornada terrena retorna sem ter feito nada e ainda quer explicações? Chega, basta! Vamos embora!

Consciente de que Durval insistia em manter antigos hábitos e apenas a experiência na matéria o ajudaria a superar os traços inferiores, Carmelo o conduziu até o Ministério da Reencarnação, apresentou os novos trabalhadores para os postos de guardiões e mentores e se despediu.

No início de 1995, Durval reencarnou na Tailândia e até os dias de hoje repete os equívocos do passado. Por meio de uma máscara de bondade, ele esconde os pensamentos depreciativos, as acusações, julgamentos e desprezo ao próximo.

Na terra a hipocrisia é sorrateira e se esconde atrás de sorrisos bonitos, mas nada se oculta aos olhos de Deus!

"Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês são como sepulcros caiados: bonitos por fora, mas por dentro estão cheios de ossos e de todo tipo de imundície. Assim são vocês: por fora parecem justos ao povo, mas por dentro estão cheios de hipocrisia e maldade”.

Mateus 23:27-28

Sete Porteiras - Dezembro de 2022

O Anel

Em uma movimentada avenida da capital paulista, o tráfego fluía lentamente enquanto os motoristas mais impacientes buzinavam tentando apressar o cortejo fúnebre que seguia para um conhecido cemitério da região.

A comitiva de veículos luxuosos com lataria e rodas brilhantes seguia vagarosamente atrás do carro funerário e chamava a atenção dos transeuntes que, em meio à correria do dia-a-dia, diminuíam o ritmo da caminhada para observar o ostentoso desfile.

No almoxarifado do cemitério: “Descanse em Paz”, os coveiros olhavam pela janela e observavam a aproximação do cortejo, que prenunciava a importância do falecido.

Agenor, um nordestino na casa dos quarenta e cinco anos, que há quase duas décadas vivia na capital paulista e lutava para sobreviver com o baixo salário de coveiro, mal conseguia esconder a insatisfação profissional e a preguiça, que todo dia o visitava após o almoço.

Ciente de que em poucas horas mais um enterro seria realizado, Agenor suspirou mostrando cansaço e falou:

— Oxe! E lá vem mais um! Temos que abrir a cova, com certeza vão fazer o enterro amanhã! Tu me ajuda, cabra?

Jairo, um jovem distraído e apalermado, que ingenuamente acatava todas as ordens de Agenor, respondeu com disposição:

— Vamos sim! Eu ajudo!

Agenor esticou o pescoço, deu mais uma olhada no cortejo e falou com admiração:

— Esses devem estar montados na grana! Olha o tamanho das banheiras com rodas! Só tem carrão! Aposto que deve ser político!

— É verdade, só tem carrão de rico!

— Então vamos abrir a cova! E acho bom caprichar, tu sabe que esse povo é fresco!

— Sim, sim, vamos fazer direitinho! Onde é que vamos abrir a cova?

— Na alameda “F”, ao lado daquela sepultura que foi reformada! Vai lá e pega o gabarito, é melhor fazer com as medidas certas, depois o caixão não

entra e o chefe vira uma arara!

Compartilhando o habitual desânimo, os coveiros colocaram as ferramentas no carrinho de mão e seguiram para o local da cova.

Pouco depois Agenor tirou as medidas, fincou a pá no chão e reclamou:

— Que terra dura! Não sei o que é pior, a terra seca ou encharcada de água!

Jairo arremessou um monte de terra para trás e respondeu:

— Acho que a terra encharcada é pior, fica mais pesado!

Nutrindo profundo apreço pelas críticas depreciativas, Agenor contorceu o rosto e exclamou:

— Cabra, vê se dessa vez faz um buraco bem bonitinho, o outro ficou uma porcaria! O povo adora reclamar!

— Pode deixar! Vou fazer os cantos bem quadradinhos!

— Esse povo que vem aí tem dinheiro, aposto que é uma daqueles caixões de mogno com alças de prata ou ouro!

— Verdade! Só pela quantidade de carrão dá pra ver que é gente importante!

Agenor removeu um pouco da terra, se apoiou na pá, olhou demoradamente para Jairo e perguntou:

— Escute cabra, se fosse um caixão com alça de ouro e eu falasse pra tu pegar as alças, tu pegava?

Mantendo o ritmo de trabalho, Jairo fincou a pá com força e respondeu:

— Jamais! Eu não!

— E se valesse muitos cruzeiros, tu pegava?

— Eu não! E se depois eles resolvem exumar o corpo e dão por falta das alças? Vão falar que eu roubei!

Imaginando um monte de dinheiro na mão, Agenor divagou:

— Se fosse alça de ouro eu vendia, pedia as contas e ia embora! Pense cabra, tu poderia mudar de vida! Tem certeza que não pegava?

Jairo sorriu mostrando a habitual ingenuidade e respondeu:

— Ah! Se é assim eu pegava!

— Eu sei, é claro que pagava! Tu é bobo, mas não é burro! Tá certo, cabra! O defunto não vai precisar mesmo! Ah-ah-ah-ah!

Jairo compartilhou a gargalhada, prosseguiu com a escavação, observou que Agenor continuava apoiado na pá, e perguntou:

— Tu pegava mesmo?

— Eu pegava, mas só se tu me ajudasse! Não faria sozinho, preciso de um parceiro de crime! Ah-ah-ah-ah!

— Eu ajudaria! Mas quer saber? Não sei se tenho coragem, eu sou pobre, mas vivo feliz, não posso reclamar da vida.

Agenor olhou de canto, lembrou-se da habitual gatunagem e falou disfarçadamente:

— Tô brincando com tu! Eu também não teria coragem! Vivo numa pobreza desgranhenta, trabalho igual uma mula, mas tá bom, o importante é ter saúde, né?

— Coitado do morto, além de morrer, ia ser roubado!

— Vamos deixar de conversa besta! Termine logo essa cova!

— Tô indo o mais rápido que consigo! Você só vai ficar olhando?

— Eu tô inspecionando o serviço! Tu quer um gole de pinga?

Jairo fez uma pausa, puxou o fôlego, secou a testa suada e respondeu:

— Quero sim, mas só um golinho!

Agenor olhou para os lados, puxou uma garrafa escondida entre as ferramentas, entregou para Jairo e ofereceu:

— Pode tomar, não tem ninguém olhando!

Jairo sorveu um gole, contraiu os olhos, estufou as narinas, contorceu o rosto, se curvou arremessando o líquido para longe e exclamou:

— Minha Virgem Maria! Que pinga forte! O que é isso? O diabo engarrafado?

Agenor puxou a garrafa da mão de Jairo, bebeu um gole, enrugou a testa, estalou os olhos, estremeceu e exclamou:

— Diacho! Deve ter um capeta aí dentro!

— Acho que tem mesmo! Olha o nome da maldita!

Agenor leu o rótulo:

— Pinga Capeta Nervoso! Cruz credo!

— De onde você tirou essa cachaça, homem?

— A minha mulher trouxe quando voltou da Bahia! Todo ano ela viaja para ver os pais e me traz uma pinguinha! Ano passado ela trouxe uma boa, eu guardo como se fosse uma relíquia e só sirvo um golinho quando chega visita! Mas dessa vez ela trouxe o diabo na garrafa!

— Quanto será que ela pagou nessa pinga?

— Não sei, mas deve ser das mais baratas! Quer mais um gole?

— Eu não! Leva esse diabo engarrafado pra lá!

— Deixa de ser frouxo! Toma mais um golinho!

Jairo se encheu de coragem, bebeu mais um gole e prontamente contorceu o rosto, estremeceu, bateu várias vezes no peito, assoprou com força e exclamou:

— Virgem Santíssima! Desce queimando tudo! Acho que tô até cozido por dentro!

Agenor bebeu mais alguns goles, limpou a boca e perguntou:

— Terminou a cova, cabra?

— Terminei, você acha que tá bom?

Agenor examinou meticulosamente os cantos da cova e concluiu:

— Tá bom! Fizemos um bom trabalho! Agora vamos dar uma olhada no povo do velório?

— Vamos sim, mas é melhor colocar um macacão limpo e lavar bem as mãos, o chefe não quer que a gente ande sujo!

— Então vamos, vamos! Coloque as ferramentas no carrinho! Rápido, cabra!

A dupla se apressou, trocou de roupa, pouco depois parou na porta da capela e observou os amigos e familiares que se apresentavam para prestar as últimas homenagens.

Com olhar atento, Agenor reparou a roupa da viúva, cobriu a boca e falou disfarçadamente:

— Oxe, dá uma olhada! É povo chique mesmo! Todo mundo de preto! Olha o terno daquele velho! Deve custar o olho da cara!

Quando a irmã do falecido atravessou a porta, Agenor correu os olhos pelo quadril largo e sussurrou:

— Hum, gostosa!

Jairo observou a mulher com um vestido preto pouco acima do joelho e disse:

— Deve ser filha do falecido! A mulher é bonita mesmo! Dá pra ver que é gente bem cuidada!

Agenor mordeu os lábios e falou entre gemidos:

— Essa daí eu pegava! É uma safada! Ainda coloca um vestidinho apertado pra mostrar a bunda!

Ao ouvir o chamado alto, Agenor deu um leve salto, olhou para trás e disse:

— Vixi! É o chefe! Ele tá chamando!

Mostrando o sorriso forçado, Agenor acenou e disse:

— Já vou chefe!

— Venham aqui! Os dois!

— Tâmo indo!

Com olhar desconfiado e braços cruzados, Amadeu aguardou a aproximação dos coveiros e perguntou:

— O que vocês estão fazendo?

Agenor respondeu:

— Olhando o velório, o Jairo queria ver!

Jairo enrugou o rosto e contestou:

— Eu não! Foi você que me chamou!

Agenor vociferou:

— Deixe de ser abestalhado! Foi tu que pediu pra olhar!

Amadeu bufou mostrando impaciência e pediu:

— Atendam as necessidades dos familiares e sejam educados!

— Tá bom chefe! Pelo jeito é gente importante! Deve ser político!

— Não é político, o falecido foi um grande lojista da cidade!

Agenor exclamou:

— Tá vendo! Eu disse que era um lojista, o Jairo tava falando que é gente da política! O senhor viu os carrões? Até parecem umas banheiras com rodas! Cada acelerada parece um trovão!

Ignorando os comentários, Amadeu perguntou:

— Vocês já fizeram a cova?

Agenor respondeu com envaidecimento:

— Sim chefe! Eu fiz uma cova bem bonitinha, tu precisa ver! Dessa vez caprichei!

— O enterro será amanhã à tarde! Cuidem de tudo e se precisarem me chamem, eu estou no escritório.

— Tá bom chefe!

Quando Amadeu se afastou, Agenor cutucou o braço de Jairo e convidou:

— Bora olhar a mulherada? Tá cheio de gostosa nesse velório! A viúva tá inconformada! Será que esse povo é daqueles que servem pinga e bebem o morto?

— Não sei! Nem me fale em pinga! Depois daquele diabo engarrafado nem quero pensar nisso!

Agenor esfregou as mãos e disse:

— Pelo menos um cafezinho deve ter, o chefe já deve ter mandado a copeira levar uma garrafa pra viúva! Vamos lá dar uma olhadinha, deixa

que eu falo, visse!

Agenor alisou o macacão, pendurou o crachá no bolso e seguiu com confiança.

Jairo imitou os gestos do colega e perguntou:

— O que vamos falar?

— Tu não fala! Só escuta! Deixa comigo!

Mostrando impressionante cordialidade, Agenor aproximou-se da viúva, abaixou a cabeça e falou com pesar:

— Meus pêsames, senhora!

— Muito obrigada! Vocês são funcionários do cemitério?

Agenor apontou o crachá e respondeu:

— Sim, estamos à sua disposição! Se precisar é só chamar!

Delicadamente a viúva deslizou o lenço bordado sobre os olhos e agradeceu:

— Fico agradecida! É um momento tão difícil!

— Eu entendo e sinto muito por sua dor! Ficaremos aqui até meia noite, depois é outro funcionário que vai atender a senhora, mas se quiser podemos fazer qualquer coisa pra ajudar! Tem vezes que até buscamos lanche pro povo, é só dar uma gorjetinha que fica tudo certo!

— Muito obrigada moço! Muito obrigada!

— Estou vendo que ainda não trouxeram o café, vou providenciar um fresquinho pra senhora!

— Seria bom um café fresco! O senhor é muito atencioso!

Agenor correu os olhos sobre a aliança da viúva, foi invadido pela cobiça e pensou:

— Eita que deve ser anel de ouro!

Notando o interesse do coveiro, disfarçadamente a viúva escondeu a mão atrás das costas e disse:

— Podem ir, se eu precisar os chamo!

Agenor olhou para o caixão com fingida tristeza e disse:

— Vejo que seu marido era uma pessoa importante! A capela está lotada de gente querendo prestar as últimas homenagens! Ele era comerciante?

— Sim, ele era empresário, dono da rede de armarinhos Violeta! O senhor conhece?

— Sim, mas é claro! Todos conhecem as lojas Violeta!

— É verdade, as nossas lojas ficaram muito conhecidas.

— Quem é Violeta? A filha ou mãe do falecido?

Com soluços discretos e contidos, a viúva respondeu:

— Violeta é o meu nome.

— Hum, ele colocou o seu nome na loja?

— Sim, foi uma maneira de me agradar! Uma bela homenagem.

— Tá certo dona Violeta, não se preocupe, fique tranquila, vai dar tudo certo! Aqui nós cuidamos das pessoas! Vocês pagam um valor muito alto por um espacinho nesse cemitério, merecem ser bem tratados! Aqui o serviço é de primeira!

Jairo falou com orgulho:

— Nós até usamos crachá! Olha o meu, tem até foto!

Violeta se curvou discretamente para observar o crachá, estranhou a foto com semblante contorcido e olhar vesgo, sorriu de canto tentando disfarçar o assombro e disse:

— Que elegante! Hoje em dia o crachá faz parte do uniforme!

Lembrando-se da foto de Jairo, que propositalmente fez uma careta no momento da fotografia, Agenor falou tentando desviar a atenção da viúva:

— Vou trazer um café bem fresquinho e quente pra senhora!

Com os olhos grudados na foto de Jairo e tentando conter a gargalhada, Violeta perguntou entre risos:

— O senhor é parente do rapazinho fotogênico?

Percebendo o sorriso debochado, Agenor respondeu com notável desagrado:

— Não! Não somos parentes! Pelo visto senhora não tá mais tão triste!

— Estou triste, mas fazer o quê? Eu tive um casamento feliz e ficamos quase trinta anos juntos, quero que meu marido descanse em paz! Eu preciso seguir a minha vida, não adianta cair no desespero.

— Tá certo, dona Violeta! Tá certo!

Sem perceber o discreto deboche da viúva, Jairo perguntou:

— Do que o seu marido morreu?

— Foi um acidente, ele bateu de frente com um caminhão, foi morte instantânea!

Agenor interrogou:

— Não vão fechar o caixão? Nesses casos, geralmente o caixão é lacrado!

— Não é necessário, ele não teve ferimentos sérios, apenas um pequeno corte na testa, mas o impacto foi tão forte que causou uma fratura na cervical! Coitado do meu marido.

Agenor murmurou com lágrimas fingidas:

— Meu Deus do céu! Mais uma vez lhe presto meus pêsames!

— Eu estou em paz, o meu marido sempre fez tudo por nós, ele foi um homem excepcional, nesses casos a despedida é mais fácil.

Com a mão estendida sobre o peito e olhos entristecidos, Agenor pediu:

— A senhora permite que eu vá até o caixão para prestar uma homenagem ao seu falecido marido?

— Claro! Quanta amabilidade! Esse cemitério é muito bem cuidado, os funcionários se apresentam com refinamento e o atendimento é excelente. Vejo que fizemos um bom investimento.

— É verdade, aqui todos se importam de verdade com as pessoas! Nós temos o melhor jardineiro da cidade! Dê-me licença, vou até o caixão!

Quando os coveiros se afastaram, a viúva notou a chegada de um influente amigo da família, prontamente mostrou o semblante choroso e sofrido, abriu os braços para receber as condolências e falou em prantos contidos:

— Ai meu Deus! O que vai ser da nossa vida sem o Alberto? Não vou suportar! Não vou suportar!

O recém-chegado a abraçou com carinho e pediu:

— Acalme-se Violeta, vai ficar tudo bem!

— Não sei como viver sem o Alberto! Foi tudo tão rápido, ninguém esperava essa tragédia!

Ao passo que a viúva dramatiza a situação, Agenor avaliava com minúcia os detalhes do caixão e uma maneira de usurpar algo que rendesse um bom dinheiro.

Com olhar entristecido, Jairo se concentrou, fez uma oração sincera e quando viu Agenor com os olhos estáticos, perguntou:

— O que foi homem? Você tá passando mal?

Com os olhos fixos na mão do falecido, Agenor cochichou:

— Dê uma olhada, cabra!

Jairo correu os olhos pelo morto e exclamou:

— Mas que roupa bonita! Que Deus o tenha!

Agenor revirou os olhos e sussurrou com irritação:

— Não estou falando da roupa! Olhe a mão do morto, seu idiota!

— Qual mão?

— Meu Deus do céu! A mão esquerda! Seu tapado!

Jairo deslizou os olhos sobre a mão do falecido e quando viu o largo anel de ouro cravejado de pedras, falou com espanto:

— Virgem santa!

Pasmo com a largura do anel, Agenor murmurou:

— Arrê égua! Deus do céu! Parece que eu tava prevendo! Aquela conversa que tivemos mais cedo não foi à toa!

Atacado pelo frenesi, Agenor se abanou, secou a testa suada e disse:

— Me deu até um calor! Vamos sair daqui! Vamos, vamos!

Agenor passou pela viúva, sorriu com bondade e pediu:

— Com licença dona Violeta, se precisar é só chamar, visse! Daqui a pouco nós voltamos para ver se vocês precisam de alguma coisa!

Ao sair da capela, Agenor puxou Jairo para o canto e interrogou:

— Tu viu a largura daquele bambolê de otário?

— Bambolê? Não vi nenhum bambolê!

— A aliança, seu idiota!

— Ahh! Sim, eu vi! Bonita, né!

— Aquilo deve pesar umas cinquenta gramas, é ouro puro! Deve valer uns dez salários!

Jairo perguntou com assombro:

— Você acha que vale tudo isso?

— Com certeza! Aquele negócio é caro! Você viu as pedrinhas em volta? É diamante, eu aposto!

— Será? Tem certeza?

— Claro que sim! Você acha que iam colocar pedrinhas de vidro? Aquilo é diamante, cabra! Deve valer uma nota preta! É dinheiro a dar com o pau!

Notando que Jairo olhava para os lados e se distraia com o movimento do velório, Agenor interrogou:

— E aquela nossa conversa? Tu ainda se lembra?

— Que conversa?

— Aquela de pegar as alças de ouro! É a mesma coisa, cabra!

Jairo respondeu com desconfiança:

— Eu achei que você tava brincando!

— Eu tava brincando, mas tu sabe que em toda brincadeira tem um pouco de verdade! Aquele anel vale muito dinheiro!

Jairo hesitou por alguns segundos e perguntou:

— O que você quer fazer?

Agenor procurou as melhores palavras e respondeu:

— Não sei! E se a gente ficasse com o anel?

— Mas como vamos fazer?

— Nós enterramos o corpo e mais tarde voltamos! O jardineiro vem só semana que vem! Quando tá muito calor ele espera chover, pode demorar bastante! Vamos ter um bom tempo!

Jairo perguntou com aflição:

— Você tem coragem? Nós não podemos desenterrar o corpo! Ficou louco?

— Eu desenterro! Tenho coragem sim!

— Homem de Deus, você tá doido? O corpo tá inchado e quanto mais o tempo passa, mais ele incha! Como você vai tirar o anel?

Agenor pensou por alguns instantes e respondeu:

— Oxente! Tu já viu aquela tesoura de podar as roseiras que o jardineiro usa?

Jairo deu um passo para trás e interrogou com assombro:

— Você tá querendo arrancar o dedo do defunto?

— Oxe! É só dar uma quebradinha e depois colocar no lugar!

— Você tá falando sério? É brincadeira?

— Não tô brincando, cabra!

Jairo protestou:

— Não podemos cortar o dedo do falecido! É só passar um sabão que sai!

— Não sai com sabão! Eu já tentei! Tem que arrancar o dedo!

Novamente Jairo se afastou perguntando:

— Então quer dizer que você já fez uma coisa dessas?

Reconhecendo a própria falha, Agenor disse disfarçadamente:

— Uma vez! Só uma vezinha!

— Homem do céu! Isso é errado!

Agenor deu de ombros e disse:

— Então tá! Deixe pra lá, o defunto vai ficar com uma fortuna na mão! Imagine quanto dinheiro perdido! Com toda essa grana a gente podia mudar de vida!

Tentado pela oportunidade, Jairo hesitou por alguns instantes e concordou:

— Eu ajudo! Mas como vamos fazer?

Agenor sorriu com satisfação e se aproximou cochichando:

— Vamos ficar de olho! A viúva não vai tirar aquela aliança, mas temos que ter certeza. Já pensou desenterrar o morto e ver que o anel sumiu? Imagine quanto esforço perdido!

— É verdade, então vamos ficar de olho!

Mais uma vez os coveiros seguiram para a capela, cercaram a viúva de atenção e a cada dez minutos passavam ao lado do caixão para verificar se o anel ainda estava no dedo do falecido.

Por volta das dezoito horas, Violeta percebeu os coveiros parados no canto da capela e se aproximou pedindo:

— Vocês poderiam trazer um café fresco?

Prontamente Agenor respondeu com fingida cordialidade:

— Mas é claro, aqui o tratamento é vip!

— Por favor, se possível providencie um Kopi Luwak, minha família bebe apenas esse café!

Agenor torceu o nariz e perguntou:

— Que diacho é isso?

— É um café especial, não estamos acostumados com as marcas comuns.

— Esse não tem não! Mas tem aquele mais caro que vende no mercado!

Violeta olhou com desagrado e respondeu:

— Tá bom, então que seja da marca barata, fazer o quê?

Agenor sorriu e disse com fingida bondade:

— Eu sei que a senhora merece o melhor, prometo trazer um ótimo cafezinho!

Ao se afastar da viúva, Agenor cutucou o colega, olhou para trás e sussurrou:

— Gente nojenta e entojada! Viúva chata!

Temendo perder o anel de vista, rapidamente Agenor coou o café, retornou para a capela, acomodou a garrafa no aparador e disse com amabilidade:

— Dona Violeta, o seu café está prontinho! Eu caprichei, visse!

— Muito obrigada, vocês podem ir!

— Vamos ficar no fundo da capela, se a senhora precisar estamos por perto!

— Não precisa, não acho de bom tom os funcionários do cemitério no velório do meu marido.

Agenor sorriu tentando esconder a raiva e insistiu:

— Vamos ficar bem no cantinho, o chefe exige que os funcionários fiquem à disposição!

Agenor puxou Jairo pelo braço, encostou-se à parede atrás da última fileira de cadeiras e disse:

— Oxe! Essa viúva tá cada vez mais abusada!

— Deixa pra lá Agenor, ela tá de luto!

De olho em Violeta, que de tempos em tempos alisava a mão do falecido e chorava no ombro dos amigos mais influentes, Agenor disse:

— Essa viúva é uma safada! Ela só chora no ombro de rico! Olha lá, tá entrando outra gostosa!

Isabel abraçou demoradamente Violeta, acariciou o rosto do falecido, derrubou várias lágrimas e sentou-se na última fileira de cadeiras.

Minutos depois Violeta sentou-se ao lado e perguntou:

— Você não quer ficar lá na frente conosco?

— Não cunhada, ainda não consigo olhar para o meu irmão morto!

— Eu sei que é difícil, também não acredito que o Alberto está morto! Não sei como viverei sem ele!

Ao perceber que Isabel se aproximava de Violeta e parecia prestes a segredar algo importante, imediatamente Agenor deu um passo discreto tentando se aproximar e aguçou a audição.

Mantendo a costumeira compostura, Isabel sussurrou:

— Cunhada, você é louca? Por que não tirou aquele anel da mão do Alberto?

— Eu tentei! Mas pensa que consegui? Quando cheguei ao hospital ele já estava inchado!

— Você tentou passar um creme?

— Sim! Passei creme, óleo, sabonete, mas não saiu!

— É perigoso! Aquele anel é muito caro! Você sabia que existem profanadores túmulos? Eles roubam os mortos!

— Eu sei menina! O anel é caro mesmo, o Alberto mandou fazer para a nossa boda de prata! Mas não posso fazer nada, ele vai ser enterrado com a joia! Confesso que não quero guardar objetos que me lembram do falecido, preciso retomar a minha vida.

— Eu entendo, mas assim mesmo é perigoso enterrar o Alberto com aquela joia, se alguém perceber pode querer profanar o túmulo! Quanto custou aquele anel? Você sabe?

— Ahh! Foi bem caro! É uma peça exclusiva feita pelo Dartanhã Figueiroa, você conhece?

— Ôh! Claro que conheço! Ele é o joalheiro mais famoso do Brasil! Uma joia feita por ele é caríssima!

— Sim, não sei quanto o Alberto pagou, mas foi uma fortuna!

— E você vai enterrar essa fortuna?

— Sim, você sabe que para nós não faz diferença, é bastante dinheiro, mas não precisamos! Deixe que o Alberto seja enterrado com o anel!

Com o coração aos saltos, Agenor puxou Jairo para fora da capela e perguntou com ansiedade:

—Tu ouviu?

— Hã? Ouviu o quê?

— A conversa da viúva, seu idiota!

— Não ouvi! Você parece que tem uma antena nas orelhas!

— Estou atento! Ela disse que o anel vale uma fortuna, que foi feito por um famoso! Temos que ficar de olho, parece que ela já tentou tirar o anel, mas não conseguiu!

— Claro que não vai conseguir, o anel tá preso no dedo inchado! O que vamos fazer quando chegar o fim do nosso turno?

— Meu Deus do céu! Eu tinha me esquecido desse detalhe! Temos que passar a noite aqui!

— Mas e o Zé Grandão? Quando ele chegar vai querer saber por que ainda estamos por aqui!

— É mesmo! Vou pensar em alguma coisa! Agora temos que voltar pra capela! Me ajude, visse! Precisamos ficar de olho em todo mundo, até no padre!

— Você acha que o padre pode roubar?

— E tu duvida? Eu não confio! Do jeito que as coisas estão hoje em dia, não dá pra confiar em ninguém!

A dupla voltou para perto do caixão e ignorando os olhares contrários da viúva, permaneceram grudados no falecido.

Pouco antes da meia noite, Violeta aproximou-se perguntando com contida irritação:

— Vocês não vão embora? O expediente não encerrou?

Agenor esfregou os olhos cansados e disse com solidariedade:

— Queremos ficar para ajudar a senhora! A parte mais difícil é de madrugada!

— Não precisa, podem ir embora!

Agenor insistiu:

— Precisa sim, dona Violeta! Nosso companheiro de trabalho não pode vir hoje, alguém tem que ficar pra atender vocês!

Violeta notou o semblante cansado de Agenor, se comoveu e disse:

— Meu Deus, eu esqueço que vocês são funcionários e tem que cumprir ordens! Vocês vão receber hora extra?

— Não senhora! O chefe fala que é o nosso dever!

— Coitados! Depois eu darei um dinheirinho para vocês.

— Muito obrigado, dona Violeta! Que Deus abençoe, visse! Se precisar nós estamos por aqui!

Certo de que tinha tocado o coração da viúva, Agenor vibrou intimamente e ao ver Zé Grandão acenando na porta, prontamente pensou:

— Ahh não! Era só o que me faltava! Suma daqui Zé Grandão! Tu sempre me ferra! Cabra desgranhento!

Violeta olhou para a porta e falou:

— Olha lá, o seu colega chegou! Agora vocês podem descansar!

Agenor acenou a cabeça mostrando o riso forçado e disse:

— Vou ver o que ele quer!

Respirando fundo e tentando esconder a irritação, Agenor aproximou-se falando:

— Ôh, Zé Grandão, mas tu não morre tão cedo!

— O que foi Agenor?

— Eu tava aqui falando de tu!

Convencido de que Agenor escondia o hábito de usurpar os bens dos mortos, Zé Grandão interrogou:

— Posso saber o que vocês estavam falando de mim?

— Estava falando que precisava te avisar que o povo é chato! Tu não chegue perto daquele caixão, visse!

— Por quê? O que tem de errado?

— A viúva é uma grosseira! Disse que não quer os coveiros por perto! É uma nojenta!

Movido pela natural ingenuidade, Jairo falou:

— Não é grosseira não, homem! Ela até queria dar um dinheirinho pra nós!

Agenor esbravejou:

— Seu idiota! Tu não percebe nada! Ela falou pra tu sair de perto! Te enxotou pra longe! Seu tapado! Abestalhado!

Zé grandão perguntou com indignação:

— Por que você fala assim com o seu amigo? Coitado do rapaz! Eu bem que queria alguém pra me fazer companhia à noite!

Agenor falou com voz alterada:

— Esse idiota não enxerga nada! A mulher foi grossa, mandou a gente pra fora! Ela disse que o homem é podre de rico e não quer que ninguém se encoste no caixão de mogno com alças de prata pura!

Zé Grandão esticou o pescoço, olhou para o caixão e disse:

— Aquilo não é mogno e nem prata! É imitação pura!

— E como tu sabe?

— Eu conheço! Há trinta anos estou nesse cemitério, já vi de tudo! É mentira!

Agenor refletiu brevemente e perguntou:

— Zé Grandão, fala uma coisa, depois de tanto tempo nesse cemitério, tu já pegou alguma coisa dos mortos?

Zé Grandão fez o sinal da cruz e exclamou:

— Deus me livre! Nem morto! Você nem pense numa coisa dessas! Fique sabendo que alma penada vai atrás de quem rouba defunto!

Agenor perguntou com desconfiança:

— E como tu sabe que a alma penada vai atrás do cabra? Por acaso já andou roubando os defuntos?

Zé Grandão exclamou com indignação:

— Nunca roubei nada! Eu sempre vou pros terreiros de macumba e os guias me falam! Fique sabendo que o cemitério tem dono! Dizem que o espírito de um homem de preto anda por aí e fica de olho em tudo!

— Oxe! Tu vai na macumba?

— Vou receber um passe! Eles me ensinaram a sempre pedir licença pro dono do cemitério! Tem que ter respeito, se não andar na linha eles pegam durante o sonho e descem o cacete!

Jairo perguntou com visível receio:

— Como é isso? Um espírito que usa roupa preta?

— Não sei muito bem, mas dizem que todo cemitério tem um espírito que usa roupa preta!

— Meu Deus do céu! Eu não sabia que tinha espírito de preto no cemitério!

Zé Grandão olhou cautelosamente para os lados e afirmou:

— Tem sim! Dizem que ele vai atrás de quem rouba as coisas do cemitério e fica falando: “Devolva o que é meeeeu”

Jairo se arrepiou, fez o sinal da cruz e murmurou:

— Me proteja, Virgem santíssima!

Zé Grandão falou com receio:

— É por isso que não pego nada do cemitério! Pode até ser uma corrente de ouro, não quero saber! Que o defunto vá com Deus e leve a corrente com ele! Quem quiser que pegue e leve a maldição pra casa, eu não quero saber dessas coisas! Não vou levar alma penada no meu cangote!

Agenor revirou os olhos e reclamou:

— Que assunto besta! Isso é exagero!

— Não é não! Dizem que quando a gente leva alma penada pra casa tudo desanda! Dá dor de barriga, diarreia, se jogar no bicho você perde, se jogar na loto você perde, se enche de dívida e só acontece coisa ruim!

Zé Grandão olhou com desconfiança e aconselhou:

— Se vocês tão querendo roubar o defunto, pensem bem! Não façam uma besteira dessas! Olha que tô avisando! Deixem de ser trouxa! Se quiserem fazer isso, finjam que não me conhecem, não quero alma penada atrás de mim!

Jairo resmungou:

— Tô com medo!

Reconhecendo que Jairo estava prestes a desistir, Agenor bateu levemente nas costas de Zé Grandão e disse:

— Tu tá doido, cabra! Nós nunca que faria uma coisa dessas! Não é mesmo Jairo?

Jairo choramingou:

— Tu tava pensando sim!

Disfarçadamente Agenor pisou no pé do rapaz e disse:

— Eu tava brincando! Seu idiota! Não sabe brincar?

Jairo sentiu a dor no pé, finalmente compreendeu que estava falando demais e abaixou a cabeça.

Após se despedir de Zé Grandão, a dupla trocou de roupa e seguiu para o ponto de ônibus. Enquanto aguardavam o transporte de Jairo, Agenor disse com preocupação:

— Amanhã temos que chegar bem cedo, visse! Não podemos deixar que o povo da manhã veja aquele anel!

— Você ainda quer ficar com o anel? Depois de tudo que o Zé Grandão disse?

— Deixe de ser abestalhado! Ele tava mentindo! É só pra colocar medo! Aposto que ele tá de olho no anel!

— Será? Você acha?

— Tenho certeza! Amanhã temos que chegar cedo, visse!

— Que horas?

— Não sei, acho que lá pelas seis horas!

— Mas é quase uma hora da manhã! Vamos chegar em casa e voltar?

Agenor coçou a cabeça e disse:

— É verdade, mas o povo da manhã chega cedo!

— Não podemos chegar cedo! O Zé Grandão pode desconfiar!

Agenor lembrou-se do anel, imaginou o dinheiro na mão e disse:

— Temos que dar um jeito! O Zé Grandão vai embora às Sete horas, vamos chegar no cemitério às oito!

— E vamos falar o que pro pessoal da manhã? Nosso horário é só às quatorze horas!

— Não sei! Podemos dizer que estávamos por perto e decidimos ficar no trabalho!

— Então tá bom! Mas quase nem vamos dormir!

— Precisamos fazer esse sacrifício! Tu me encontra às sete em ponto no bar do seu Pedro, visse!

Pouco depois os coveiros se despediram, Jairo entrou no ônibus e Agenor caminhou aproximadamente quatro quadras até chegar em casa.

Após uma noite de insônia e muita ansiedade, no dia seguinte, às sete horas da manhã Jairo viu Agenor na frente do bar, apressou os passos e ao se aproximar perguntou:

— Você caiu da cama, foi?

— Não consegui dormir!

— Eu também não, fiquei com medo da alma penada e do homem de preto!

— Esqueça isso, abestado! É mentira do Zé Grandão, não acredite nessa besteira!

Ao perceber que Zé Grandão saia do cemitério, apressadamente Agenor puxou Jairo para dentro do bar e exclamou:

— É o Zé Grandão! Ele não pode ver a gente parado aqui!

— Por que não?

— Porque ele vai desconfiar seu idiota! Esqueceu?

— Esqueci, desculpa! Vamos ficar aqui até ele ir embora?

— Vamos sentar lá no fundo e pedir uma branquinha, assim a hora passa mais rápido!

Escondidos no fundo do bar, de tempos em tempos Agenor e Jairo espiavam o portão do cemitério e viam Zé Grandão encostado no muro conversando animadamente com um amigo.

Duas horas mais tarde, após várias branquinhas, Agenor foi até a porta, se esforçou para conter as pernas bambas e disse:

— Ele se foi! Vamos, o povo da manhã já deve ter visto o anel!

— Você tá bem?

— Claro que tô bem! Por quê?

— Você tomou um monte de branquinhas e tá andando torto!

— Isso já passa, tô acostumado! Vamos embora!

Ansioso para verificar se o anel continuava na mão do morto, a dupla seguiu para o cemitério, Agenor colocou o uniforme e quando chegou à porta da capela, Julião chamou:

— Agenor? O que você tá fazendo aqui?

Agenor conteve a embriaguez e disse com simpatia:

— Cabra do céu, tu acredita que vim resolver um problema por essas bandas e deu tudo errado? Acabei decidindo vir mais cedo pro trabalho, não vale a pena voltar pra casa!

Notando que Jairo se aproximava, Julião perguntou:

— E o Jairo também?

— Ele veio me fazer companhia! Perdemos o nosso tempo!

Olhando para os lados e alheio a mentira, Jairo falou:

— Ficamos um tempão no bar!

Julião olhou de canto e perguntou:

— Ficaram no bar?

Prontamente Agenor mentiu:

— Ficamos um tempão no bar esperando um cara que deveria me pagar uma grana! Ele não veio e perdemos nosso tempo! Não é mesmo Jairo?

Jairo olhou com receio, tentou entender do que se tratava, decidiu concordar com Agenor e disse:

— É verdade! Ficamos esperando!

Mostrando a falsa cordialidade, Agenor aproximou-se batendo amigavelmente nas costas de Julião e sugeriu:

— Por que você não vai pra casa mais cedo? Aproveita! Eu bato o cartão pra você!

Julião pensou por alguns instantes, sorriu com alegria e disse:

— Então vou aproveitar pra sair mais cedo! Tem certeza?

— Claro que tenho! Vá na paz e aproveite o dia! Se o chefe perguntar eu digo que você tá por aí e às quatorze eu bato o teu cartão!

Prontamente Julião se despediu, trocou de roupa e saiu de fininho.

Longe de Zé Grandão e Julião, os coveiros correram para a sala de velório, cumprimentaram a viúva, verificaram a mão do morto e respiraram aliviados ao ver o anel.

Com a mente totalmente voltada para o crime, Agenor organizou os pensamentos e sussurrou:

— Cabra, preste bem atenção! Na hora de enterrar o caixão jogue a terra bem espalhada, visse! Nada de fazer um monte de terra, se jogar espalhadinho fica mais fácil de tirar!

— Como você sabe?

— Oxe! Tenho experiência com terra de cemitério! Agora feche o bico, a viúva tá de olho!

Após longas horas de ansiedade, no final da tarde Alberto foi enterrado e pouco a pouco os parentes e amigos deixaram o cemitério.

Sozinhos ao lado da cova, Agenor falou:

— Quando escurecer nós voltamos! Tem que ser ligeiro, visse!

Jairo olhou para o céu escuro, estendeu a mão, sentiu a gota de chuva e exclamou:

— Tá chovendo!

— O quê? Chovendo?

— É Agenor! Olha pro céu! Tá preto!

Ao olhar para o céu e ver a densa nuvem, Agenor sentiu as gotas de água na testa e gritou:

— Diacho! Corre, vai cair um pé d'água!

Prontamente os coveiros correram para o almoxarifado, olharam com perplexidade para o intenso temporal e emudeceram.

Depois de alguns instantes de espanto, Agenor alisou o rosto e disse com nervosismo:

— Agora ferrou! Vai ser lama pra todo o lado!

Jairo apelou:

— Vamos deixar essa história de lado! A terra encharcada é pesada e vai demorar horas pra cavar!

— Tu tá amarelando, cabra? Quer deixar aquela fortuna embaixo da lama?

— Não tô amarelando, mas como vamos tirar toda aquela lama de cima do caixão?

— Cavando! Vai dar mais trabalho! Temos que rezar pra essa chuva parar antes do Zé Grandão chegar!

Jairo deu de ombros e resmungou:

— Então tá!

Andando de um lado para o outro, olhando para o relógio a cada dez minutos e rezando para a chuva cessar, Agenor fumou um maço de cigarros, bebeu vários tragos de cachaça “Capeta Nervoso” e suportou bravamente a aflição.

Pouco antes das vinte horas, Agenor decidiu:

— Vamos lá cabra! Tá na hora! Já escureceu!

Jairo vestiu a jaqueta e ao fechar a porta ouviu o telefone tocar e disse:

— Espera, temos que atender!

— Então vai lá, corre!

Jairo atendeu a ligação:

— Cemitério Descanse em paz! Funcionário Jairo na linha!

Do outro lado a mulher falou com impaciência:

— Moço, avisa o seu Amadeu que o Zenildo não vai trabalhar hoje! Ele tá doente, pegou uma gripe danada!

— Senhora, aqui não tem nenhum Zenildo!

Agenor gritou:

— É o Zé Grandão!

Rapidamente Jairo respondeu:

— Entendi, o seu marido não vem, pode deixar que eu aviso o chefe!

Ao colocar o fone no gancho, Jairo falou entre risos faceiros:

— O Zé Grandão não vem hoje! A mulher disse que ele tá gripado!

Agenor deu vários saltos comemorando a boa sorte, esfregou as mãos e afirmou:

— Tá vendo cabra! Tudo contribui para o bem! Vamos lá! Ligeiro! Daqui a pouco chega outra comitiva, tem um velório marcado pra hoje à noite!

Sorrateiramente os coveiros seguiram até a cova de Alberto e começaram a escavação da terra encharcada.

Ao passo que Jairo e Agenor lutavam contra a exaustão, há poucos quilômetros Zé Grandão tossiu várias vezes e se levantou falando:

— Isaura, eu preciso trabalhar! Deixe de bobagens!

— Não seja teimoso homem! Você tá ardendo de febre! Fica em casa!

— Você sabe que não gosto de faltar no trabalho! E tem mais, estou desconfiado que o Agenor tá aprontando de novo!

— O Agenor? Aquele que vive roubando as coisas dos mortos?

— Ele mesmo! Não tenho certeza e também não quero acusar, mas desconfio muito daquele sujeito! Ele não me engana! Tenho certeza que ele tá aprontando alguma coisa!

— Isso é problema dele! Deite e sossegue!

Zé Grandão vestiu a jaqueta e afirmou:

— Não vou ficar em casa! Já falei!

Isaura deu de ombros, sentou-se, ligou o televisor e se distraiu com a novela.

Enquanto Zé Grandão ligava o carro velho, no cemitério Jairo bateu a ponta da pá no caixão e exclamou com alegria:

— Achei! Até que enfim! Deus do céu, tô coberto de lama!

Agenor lançou a pá para fora da cova e ordenou:

— Saia, eu vou puxar a tampa, tem que fazer certinho, visse!

Completamente alheio à dimensão astral e o grupo de guardiões que acompanhava o caso e se divertia com as trapalhadas dos coveiros, Agenor puxou a tampa do caixão, fixou o anel e disse com admiração:

— Tá aqui! Nossa fortuna! Vamos ficar ricos! Pegue a tesoura de poda e desça aqui!

Jairo se contorceu e reclamou:

— Não quero cortar o dedo do defunto! Coitado!

Agenor gritou com irritação:

— Então o que tu quer fazer?

Eu trouxe um creme que tava na sala de velório. Acho que alguém esqueceu!

Agenor bufou, saltou para fora da cova e apontou falando:

— Então vai lá e tenta! Quero ver você tirar esse anel!

Cuidadosamente Jairo banhou a mão do defunto com creme, puxou o anel que continuava imóvel, contorceu o dedo rígido, deu algumas cuspidas, massageou, puxou mais uma vez e finalmente concluiu:

— Não sai! Tá muito inchado!

Agenor acendeu um cigarro e exclamou com irritação:

— Eu disse! Agora se vire, trate de cortar o dedo!

Suando frio, com as mãos trêmulas, e o coração acelerado, Jairo mirou a junta do dedo, apertou levemente e lamuriou:

— Eu não consigo!

— Deixa de ser abestado! Corta logo esse dedo!

Outra vez Jairo pressionou o alicate, sentiu o osso quebrar e exclamou com alívio:

— Acho que agora sai!

Agenor se curvou tentando iluminar o buraco com a lanterna e falou entre dentes:

— Seu idiota, abobalhado! Não adianta quebrar o dedo, tem que arrancar! Corta isso de uma vez!

Jairo fechou os olhos, pressionou o alicate com força, amputou o dedo do falecido e choramingou:

— Ai meu Deus! Minha Virgem Santíssima!

Ao ver o dedo nas mãos de Jairo, Agenor disse com satisfação:

— Tá vendo, eu disse que era só cortar na junta!

— Você disse? Quando?

— Eu disse sim! Você é surdo! Agora me dê esse anel, eu vou guardar!

Jairo hesitou por alguns segundos e perguntou:

— Você jura que não vai fugir?

— Claro que não! Por acaso pensa que sou algum ladrão?

Jairo saiu da cova, entregou o anel e disse:

— Tá aqui, mas eu quero a minha parte da fortuna!

— Eu vou dar a sua parte! Mas agora termine o serviço! Coloque o dedo bem bonitinho no lugar, feche a tampa e vamos cobrir com a terra.

Jairo olhou com espanto para os lados e falou:

— Eu não sei onde coloquei o dedo!

— O quê? Você perdeu o dedo do morto?

— Não sei! Acho que deixei em algum lugar!

Agenor jogou a luz da lanterna ao redor da cova e vociferou:

— Seu imbecil! Trate de achar esse dedo!

— Mas eu não sei onde coloquei!

— Como não sabe?

— Acho que é nervosismo! Perdi o dedo!

— Seu abestalhado! Não podemos deixar o dedo por aí!

Jairo pulou para dentro da cova, olhou desesperadamente para os lados e sussurrou:

— Meu Deus, me ajude a achar esse dedo!

Na dimensão astral, Anacleto, guardião do falecido, se contorceu entre gargalhadas e falou:

— Nunca vi uma presepada como essa! Meu Deus do céu, até onde vai a insanidade dos encarnados?

Leonel, o guardião responsável pelo perímetro, disse:

— Ele nem viu que deixou o dedo cair ao lado do caixão e está pisando em cima! A essa altura deve ter enterrado de vez!

Anacleto afinou a visão, avistou o dedo coberto de ectoplasma denso e disse:

— Ele pisou em cima e empurrou para debaixo do caixão! Nunca mais vai achar esse dedo!

Plínio, o guardião chefe do cemitério, disse entre risos:

— Há anos esse Agenor apronta! Mas dessa vez ele se superou! Anacleto, você sabe se esse anel é valioso mesmo?

Anacleto se inclinou para frente, se contorceu entre risadas divertidas e depois de respirar profundamente tentando acalmar os ânimos, disse:

— Essa porcaria não vale nada! O Alberto nunca comprou uma joia verdadeira! Isso vai dar um problemão! Quando a Violeta descobrir que tem um monte de joias falsas, vai enviar tanta demanda negativa para o Alberto, que será difícil mantê-lo protegido!

Leonel pediu:

— Conte essa história!

Anacleto se esforçou para conter a gargalhada, mais uma vez respirou profundamente, observou o grupo com quase dez guardiões que acompanhava o caso dos coveiros profanadores e explicou:

— Alberto sempre foi um homem simples, ele trabalhou muito para prosperar nos negócios e conquistar uma boa vida, mas nunca se importou com bens materiais. Em contrapartida, Violeta vive para se exibir e ostentar! Meu protegido sempre foi muito apaixonado pela esposa e fez tudo para agradá-la, mas quando as exigências passavam certos limites, ele usava alguns artifícios.

Anacleto fez uma pausa, observou o desespero de Jairo, que continuava procurando o dedo, e prosseguiu:

— Para agradar a esposa, Alberto mandava replicar joias caríssimas! Violeta tem um cofre cheio de bijuterias, são boas peças, mas não tem o valor que ela imagina.

Plínio perguntou:

— A esposa nunca mandou avaliar as joias? Muitas mulheres fazem isso!

— Ela confiou no marido! Alberto não tinha a intenção de enganá-la, na verdade, ele queria garantir uma boa herança para os filhos e uma vida confortável para a família! As exigências de Violeta eram descabidas e para não decepcioná-la ele mandou fazer belas joias! São peças lindas, feitas com bom material, mas com pouco valor.

Leonel afirmou:

— Quando ela descobrir vai dar problema!

— Com toda certeza! Alberto está nas câmaras de recuperação, mas logo será enviado para o esclarecimento e convidado a reencarnar. Violeta tem uma personalidade forte e quando descobrir que foi enganada vai odiar o marido! Não conseguiremos impedir que tais pensamentos o afetem, visto que, ele mesmo dará abertura para que a ligação se estabeleça! Na condição de homem apaixonado, ele acabará ligando-se mentalmente à esposa, que estará contaminada pela raiva, essa troca de pensamentos poderá causar perturbações, por consequência queda vibratória, e, por fim, um longo estágio nas zonas umbralinas com frequência compatível!

Plínio disse:

— Isso não é bom! Se ela desencarnar enquanto ele estiver no umbral, certamente o encontrará e começará aquele tipo de perseguição interminável!

Anacleto concordou:

— É exatamente para impedir esse problema que vamos convidar o Alberto a reencarnar! O filho mais novo dele está prestes a se casar e em breve será pai, essa é a oportunidade perfeita.

Leonel perguntou:

— Ele vai nascer na mesma família?

— Sim, Alberto tem merecimento para viver uma experiência tranquila e superar alguns pontos fracos que precisam de lapidação. Nos braços do filho ele terá conforto, boa educação, muito amor e futuramente herdará aquilo que construiu.

Notando que três guardiões riam divertidamente, Anacleto olhou para o semblante aflito de Jairo e lamentou:

— Me dá até pena desse coitado! Deixou-se levar pela ideia do Agenor e agora se meteu em uma baita confusão!

Plínio falou:

— Isso nem é o pior! O Jairo fez mais do que se meter em uma confusão, ele deu abertura para uma velha fraqueza moral que há séculos o mantém atado ao Agenor!

Leonel perguntou:

— Chefe, o senhor descobriu alguma coisa sobre esses dois?

— Sim, quando eu percebi que o Agenor não perdia uma oportunidade de roubar, busquei informações e encontrei o guardião que o acompanhava.

Anacleto interrogou:

— Acompanhava? Não acompanha mais?

— O guardião cansou de tentar ajudá-lo e se afastou para não se tornar cúmplice da roubalheira.

Leonel murmurou:

— Nunca vi nada igual! O Agenor não perde uma oportunidade de furtar! Ele pega até os enfeites que as famílias colocam nos túmulos! Já o surpreendi roubando alça de caixão, desenterrando os defuntos para roubar relógio, anel, pulseira, dente de ouro, sapato e até a roupa! Dessa vez ele vai se dar mal! Tanto trabalho para nada!

Anacleto perguntou:

— Qual é a história desses dois atrapalhados?

Plinio respondeu:

— Não me aprofundei no assunto, mas soube que esses dois foram irmãos nas duas últimas existências! Eles reencarnaram seguidamente no Oriente Médio e foram ladrões dos mais astutos!

Leonel falou com espanto:

— No Oriente Médio? E nunca foram pegos? Lá eles cortam a mão dos ladrões!

Plínio respondeu:

— Conseguiram sair ilesos e com os bolsos cheios!

Anacleto meneou a cabeça negativamente e comentou:

— É lastimável! Eles continuam roubando! Olhe para isso! É degradante! Parecem dois loucos cobertos de lama!

Um dos guardiões, que ouvia atentamente as conversa, apontou falando:

— Agora eu quero ver o que esses dois vão fazer! Olha lá, o Zé Grandão está chegando!

Sem a menor noção que uma extensa conversa se desdobrava no plano astral, Agenor olhou para o portão do cemitério, prontamente desligou a lanterna e exclamou com desespero:

— O Zé Grandão! O Zé Grandão!

Jairo, que ainda procurava o dedo, começou a chorar e perguntou:

— O que vamos fazer? Meu Deus, eu vou acabar na cadeia!

Agenor lançou o cigarro longe, se ajoelhou sobre o monte de terra e apelou:

— Venha me ajudar! Temos que fechar essa cova!

Empurrando a terra molhada com as mãos, com os pés e com a pá, Agenor murmurou:

— Rápido! Rápido! O que esse cabra desgraçado tá fazendo aqui? Você não disse que ele tava doente?

Jairo lamuriou:

— Foi o que a mulher dele disse!

— E o que ele tá fazendo aqui?

— Não sei! Vamos ser pegos! Eu vou morrer na cadeia!

— Cale a boca! Ninguém vai ser preso! Vamos sair dessa enrascada!

Cobertos de lama e com os corações acelerados, em poucos minutos os coveiros fecharam o buraco, se esgueiraram até os fundos do cemitério e se esconderam atrás de um mausoléu.

Com as mãos trêmulas e imundas, Agenor acendeu um cigarro e instruiu:

— Escute cabra! Nós temos que sair daqui! O Zé Grandão não pode nos ver com essa roupa cheia de barro!

— Mas como vamos sair? Ele vai ver!

Agenor abaixou a cabeça, deu uma longa tragada e murmurou:

— Não sei! Não sei!

Jairo secou as lágrimas e sugeriu:

— Podemos pular o muro dos fundos!

— Você tá louco? É muito alto!

— Tem uma árvore que fica na rua! É só subir no muro e alcançar os galhos, eles são fortes e aguentam!

— Tu tem certeza?

— Tenho, mas o que vamos fazer depois?

Mais uma vez Agenor refletiu e disse:

— Eu vou pular o muro e tu espera aqui!

— O que você vai fazer?

— Minha casa é aqui perto, corro até lá, troco de roupa e trago um macacão limpo para tu!

— E se o Zé Grandão me achar?

— Ele não vai te achar! O Zé Grandão passa a noite olhando a televisão!

Na dimensão astral Anacleto, Leonel e Plínio pararam ao lado da dupla, ouviram o plano e trocaram olhares preocupados.

Quando Agenor correu para os fundos do cemitério, Plínio balançou a cabeça negativamente e disse:

— Lá vai ele para a pior parte do cemitério! A alameda dos indigentes!

Leonel concluiu:

— Ele vai sair de lá carregado! Aquele perímetro está cheio de sofredores que ainda não podem ser recolhidos! São completamente atormentados e vão achar que o Agenor é um prato cheio de ectoplasma!

Plínio respondeu:

— É escolha dele! Não podemos fazer nada! Sem a proteção do guardião ele vai ficar com os acompanhantes!

Anacleto murmurou:

— Ele vai sair daqui igual a um cão cheio de carrapatos!

Plínio concordou:

— Com certeza, é o preço que ele vai pagar!

Anacleto viu Agenor correr para o perímetro dos indigentes, suspirou profundamente e disse:

— Eu preciso ir embora! Agradeço muito a ajuda dos amigos!

Plínio apertou a mão de Anacleto e falou:

— Os nossos trabalhadores já estão a fragmentar o ectoplasma da cova do seu protegido, não se preocupe, cuidaremos de tudo!

— Mais uma vez eu agradeço!

Ao passo que os guardiões retomavam a tarefa e Zé Grandão recebia mais um cortejo, Jairo aguardava Agenor, que parecia um louco pulando o muro do cemitério.

Coberto de lama, com os olhos arregalados e profundo nervosismo, Agenor correu as quadras que o separavam de casa, entrou às pressas e gritou:

— Vilma! Cadê tu, ande muié!

Vilma correu para a sala, deu um salto para trás ao ver o marido coberto de lama e perguntou:

— O que aconteceu?

— Me sujei fazendo uma cova! Eu preciso de roupa limpa!

— Eu já falei pra você deixar um macacão extra no almoxarifado!

— Não encha o meu saco! Cadê a roupa?

À medida que Vilma se apressava para pegar a roupa, Agenor correu para o banheiro, tirou o macacão imundo, olhou com satisfação para o anel e pensou:

— É agora que mudo de vida!

Aproximadamente quarenta minutos depois, Agenor se despediu da esposa, deixou meia dúzia de espíritos sofredores em casa, retomou a corrida, pouco depois escalou a árvore, pulou para dentro do cemitério, seguiu para o esconderijo de Jairo e sussurrou:

— Tá aqui! Coloque esse macacão limpo! Rápido!

— Desorientado e tomado pelo medo, Jairo lutou para vencer o tremor e reclamou:

— Esse macacão é muito grande!

— Não posso fazer nada se tu é um pau de amarrar tripa! Eu sou um homem robusto e forte!

— Você é gordo!

— Diacho! Pare de reclamar e se vista! Vamos logo! Pegue, eu trouxe um pano velho pra tu limpar a cara! Até teu cabelo tá com lama!

Quase meia hora depois, os coveiros seguiram disfarçadamente até o almoxarifado e ao se deparar com Zé Grandão, Agenor exclamou com fingida surpresa:

— Zé Grandão? Tu veio pro trabalho? Melhorou da gripe?

Zé Grandão correu os olhos pela roupa folgada de Jairo, gargalhou alto e perguntou:

— Que roupa é essa? Parece que tá vestindo um saco!

Jairo respondeu:

— O Agenor me deu essa roupa e disse que era a única que tinha em casa!

Agenor sorriu com os dentes cerrados e disse:

— Cale a boca, seu abestalhado!

Zé Grandão perguntou:

— Como assim? O que vocês estão aprontando?

Rapidamente Agenor respondeu:

— Esse idiota se sujou todo! Peguei uma roupa velha que eu tinha guardado aqui!

— E onde vocês estavam? Quando cheguei dei de cara com a viúva, ela estava uma fera e disse que não tinha ninguém para ajudar!

Agenor respondeu com indignação:

— Como? Mas que safada! Eu fui até lá e ofereci ajuda! Ela que não quis! Não é mesmo Jairo?

—Você foi? Eu não vi!

Agenor berrou:

— Seu retardado! Lembra aquela hora que fui até a capela? Ela me escorraçou dizendo que não queria coveiro na sala! Oxe, agora ficou desmemoriado, é?

Ainda mais desconfiado, Zé Grandão observou atentamente e interrogou:

— Mas o que vocês estavam fazendo? Por que estão com as mãos imundas desse jeito? O Jairo tem barro até no cabelo!

Mais uma vez Agenor mentiu:

— Estávamos trabalhando! Esqueceu que hoje a tarde teve enterro? Tivemos que sepultar o defunto debaixo daquele temporal!

Ansioso para se livrar das perguntas e do olhar inquiridor de Zé Grandão, Agenor disse entre risos:

— Tá quase na nossa hora! Vou na capela ver se a viúva precisa de alguma coisa! Tu quer que eu traga um cafezinho?

— Eu quero! Vou aproveitar pra ver televisão, sabe como é, em casa não dá pra assistir certos programas, a mulher fica brava quando vê as moças com pouca roupa!

Agenor gargalhou alto tentando ocultar o nervosismo, puxou Jairo e se afastou falando:

— Já trago um cafezinho fresquinho, visse!

Depois de averiguar o defunto que estava sendo velado e concluir que não tinha nada de valor, Agenor levou o café para Zé Grandão, se despediu sem dar brechas para conversas e bateu o cartão.

Parado na frente do cemitério, Agenor tirou o anel do bolso, olhou para os lados e comemorou:

— Eita cabra! Nós conseguimos! Estamos ricos!

Jairo perguntou com felicidade:

— E o que vamos fazer agora?

— Amanhã cedinho tu me encontra aqui, vamos vender esse anel e repartir o dinheiro!

— Onde é que vamos vender?

— Tem uma loja no centro! Agora vá pra casa e tome um banho! Amanhã tu vai ser um homem rico, visse!

Jairo abriu o costumeiro sorriso abobalhado, acenou a cabeça com vigor e disse:

— Amanhã cedinho te encontro! Você jura que não vai fugir?

— Claro que não! Sou um homem honesto! Tu tá me achando com cara de ladrão?

— Não! Mas vai que você resolve ficar rico sozinho!

— Não se preocupe cabra! Amanhã, às oito em ponto, tô aqui! Coloque uma roupa bem bonita, temos que causar boa impressão!

Vencendo o temor de ser roubado, Jairo se despediu, voltou para casa, passou mais uma noite em claro e na manhã seguinte, às oito horas em ponto parou na frente do cemitério.

Determinado a manter a cumplicidade do crime, pouco depois Agenor aproximou-se e perguntou com alegria:

— Pronto pra ficar rico?

Jairo deu um leve salto, reparou os trajes elegantes de Agenor e exclamou:

— Você tá elegante!

— Oxe! Eu sei, quero mostrar que tenho dinheiro! Assim é mais fácil fazer uma boa venda!

— Pra onde nós vamos?

— Vamos pegar o ônibus, depois o metrô e ir até o centro! Você já tomou café?

— Só comi um pão velho que tinha em casa!

— Pois então vamos comer bem antes de ir! Não se preocupe, eu pago! Você é o meu convidado!

— Você vai pagar meu lanche?

— Pago tudo! Pode comer o que quiser! Encha o bucho!

Contando com o ovo na cloaca da galinha, Agenor pagou um belo café da manhã, as passagens de ônibus, do metrô e durante todo o trajeto se vangloriou do maravilhoso plano que os tiraria da pobreza.

Após duas horas de baldeação, eles subiram a escadaria, pararam na frente da primeira porta no segundo andar e se olharam com expectativa.

Depois de alguns segundos, Agenor tocou a campainha, esfregou as mãos e disse:

— Falta pouco! Deixe que eu falo! Tu só escuta e fica quieto!

Logo em seguida o senhor na casa dos cinquenta anos abriu a porta, discretamente avaliou a dupla e perguntou:

— Em que posso ajudá-los?

Agenor respondeu:

— Eu quero vender uma peça valiosíssima, o senhor tem interesse?

— Qual seria a peça?

Agenor olhou para os lados, tirou o lenço do bolso, desdobrou cuidadosamente mostrando o anel e falou baixo:

— É um anel muito precioso!

O ourives se curvou analisando o anel, prontamente concluiu que se tratava de uma joia de pouco valor e perguntou:

— Onde o senhor conseguiu esse anel?

— Era do meu querido avô! É um anel de ouro e diamantes! Ele me deu quando eu era jovem! Não queria me desfazer dessa lembrança, mas não é certo guardar um tesouro tão precioso, acho melhor que ele enfeite a mão de outra pessoa!

— E por que o senhor não usa?

— Sou um homem muito discreto, não gosto de andar enfeitado por aí!

Captando a desonestidade de Agenor, o ourives refletiu por alguns instantes e falou:

— Infelizmente não posso ficar com essa peça! É valiosa demais! Não tenho tanto dinheiro no caixa.

— O senhor sabe dizer quanto vale?

O ourives convidou:

— Entre, vou avaliar para o senhor!

O ourives avaliou o anel, concluiu que se tratava de uma bijuteria de boa qualidade, novamente reparou o sorriso ardiloso de Agenor, decidiu dar uma lição no trapaceiro e disse:

— Realmente não posso ficar com esse anel, é valioso demais!

Agenor perguntou com ansiedade:

— Quanto vale?

— Pelo menos uns cinquenta mil contos!

Agenor estremeceu, sentiu o calor subir pelo corpo e exclamou:

— Cinquenta mil? Tudo isso?

— Cinquenta para mais!

Pálido, com o coração aos saltos e olhos arregalados, Jairo murmurou:

— Minha Nossa Senhora!

O ourives devolveu o anel e sugeriu:

— Tem uma loja especializada nesse tipo de joias, eles pagam muito bem! Se quiserem posso dar o endereço, mas infelizmente é bem longe, vocês terão que fazer uma verdadeira viagem!

Prontamente Agenor pediu:

— Oxe! Me dê esse endereço, vou pra lá agora mesmo!

Contendo o riso, o ourives anotou o endereço da joalheria mais distante que conhecia e disse:

— Fica bem no topo da ladeira! É uma loja com fachada bem grande e tem muitas joias na vitrine!

Agenor leu o endereço, coçou a cabeça e reclamou:

— Oxente! Mas isso é do outro lado da cidade! Vamos levar meio dia pra chegar lá! O senhor não pode ficar com o anel? Eu aceito receber parcelado.

— Não posso, esse anel está muito acima do meu poder aquisitivo! Nesse endereço eles compram e pagam muito bem! Garanto que o senhor não vai se arrepender! O anel do seu avô vai ficar em boas mãos!

Motivado pela ambição, Agenor guardou o anel no bolso, puxou Jairo pelo braço e desceu a escadaria quase correndo.

Ao chegar à rua, ele olhou para os lados e concluiu:

— É longe! Vamos ter que pegar mais um ônibus, metrô e depois mais ônibus!

Jairo contorceu o rosto e concluiu:

— Se não tem outro jeito, vamos até essa loja!

— Então vamos, mas é melhor almoçar primeiro! Tem um restaurante bom aqui perto, eles servem uma feijoada de lamber os beiços! Tu é meu convidado de honra!

— Tem certeza? Eu não tenho dinheiro! Não é melhor comer um lanche baratinho?

— Deixa de ser abestalhado! Estamos ricos! Quero comer bem e tomar uma cerveja geladinha! Depois nós vamos!

Outra vez Agenor pagou a conta, as passagens e quase quatro horas depois, eles desembarcaram no início da ladeira.

Com o sol quente sobre a cabeça, Agenor secou o suor que descia pela testa, olhou a íngreme subida e disse com cansaço:

— Agora falta pouco! Meu Deus, eu nunca andei tanto de ônibus e metrô!

— Nem eu! Você gastou quase um salário em comida e passagem!

— Não tem problema! Sou um homem rico! Nunca gostei de avareza! Gosto de comer bem!

Agenor puxou o ar, encheu os pulmões e convidou:

— Vamos cabra, agora falta pouco!

Depois de subir a ladeira, Agenor parou na frente da loja, observou as joias elegantes e disse com alegria:

— Com certeza é aqui!

Com o peito estufado e notável confiança, ele entrou, acenou para a atendente e perguntou:

— Vocês compram joias de alto valor? Tenho algo que vale uma fortuna!

A atendente sorriu, disfarçadamente reparou nas roupas da dupla, fez um breve julgamento baseado na aparência, concluiu que estava diante de dois pobretões e respondeu com falsa simpatia:

— Nós compramos joias raras. O que o senhor quer vender?

Agenor olhou para os lados, retirou o lenço do bolso, mostrou o anel e segredou:

— É uma joia de altíssimo valor! Uma peça rara que foi do meu bisavô!

— Por favor, me acompanhe, vou levá-lo até o avaliador de joias.

Exausto da maratona, com o corpo suado e notável nervosismo, Agenor seguiu a atendente pelo corredor estreito, observou as belas telas que decoravam o ambiente, cutucou Jairo e cochichou:

— É coisa fina! Tu tá vendo?

— Verdade, coisa fina! A Marinilda ia adorar essas joias!

— Quem é Marinilda?

— Minha mulher! Eita homi, até agora você não sabe o nome da minha mulher?

— Isso não importa! Você vai poder comprar um monte de joias pra sua Marinilda!

Ao chegar a uma saleta reservada, a atendente apontou as poltronas e explicou:

— O avaliador vai atendê-los! Fiquem à vontade, tem água, café e chá no aparador. Com licença.

Quando a jovem se afastou, Jairo correu até o aparador, pegou um biscoito e disse com admiração:

— Olha Agenor, tem até biscoitinho! Que chique! Rico é outra coisa, né?

Agenor sentou-se, cruzou a pernas fazendo uma pose elegante e repreendeu:

— Solte isso! Parece pobre que nunca viu comida! Gente chique não fica comendo biscoitinho! Oxe, cabra abestalhado!

Jairo soltou o biscoito, abaixou a cabeça com certo constrangimento e sentou-se ao lado de Agenor.

Minutos depois o avaliador abriu a porta e convidou:

— Boa tarde, entrem, por favor! Meu nome é Olavo, em que posso ajudá-los?

Atacado pela descomunal ansiedade, Agenor arrancou o lenço do bolso, mostrou o anel e falou com voz trêmula:

— Quero vender esse anel. Ele pertenceu ao meu falecido tataravô!

O avaliador observou atentamente a peça, inclinou a cabeça para o lado mostrando dúvidas e disse:

— Não me parece uma joia de muito valor, mas vou avaliar com mais cautela. Só um instante, por gentileza.

Olavo sentou-se atrás do balcão, inclinou-se sobre a lupa, analisou cada detalhe do anel, em seguida concluiu:

— Esse anel trata-se de uma bijuteria de ótima qualidade, certamente foi feita por um joalheiro experiente e o material é bom, mas não posso classificá-la como uma peça de alto valor ou rara.

Agenor protestou:

— Não pode ser! O senhor avaliou errado! Olhe de novo!

Olavo deslizou o anel sobre um pequeno pedaço de lixa e mostrou:

— Está vendo? É uma pirita coberta por uma fina camada de ouro!

Agenor interrogou:

— Oxe! Que diacho é isso de pirita?

— É um material semelhante ao ouro, mas de valor ínfimo! Popularmente chamado de ouro de tolo!

Agenor saltou esbravejando:

— O senhor está insinuando que sou tolo?

— Não! Desculpe-me, eu não quis ofendê-lo! Infelizmente esse anel não tem muito valor!

— E as pedras? Ele é cravejado de diamantes!

— Não são diamantes, se trata de zircônia, uma pedra muito parecida com o diamante, mas que também tem um valor muito menor! O joalheiro que fez essa peça sabia muito bem com que material trabalhar! É uma imitação perfeita!

Novamente Agenor protestou:

— Seu cabra besta! Devolva o meu anel! Tu não sabe nada!

Olavo devolveu o anel e explicou:

— Eu tenho quase trinta anos de experiência, posso garantir que não é ouro e nem diamante! Se quiser eu compro o anel, é uma peça muito bonita.

— E quanto tu me paga?

— No máximo trezentos!

Agenor empalideceu, sentiu o joelho dobrar levemente para frente, se apoiou no balcão e gritou:

— Tu tá achando que sou besta? Hein cabra? Tu quer me enganar? Pensa que não percebi? Esse anel vale cinquenta mil e tu quer me dar trezentos? Seu cabra safado!

Assustado com a reação de Agenor, o avaliador deu um passo para trás e pediu:

— Acalme-se! Não quero lesá-lo! Pensei que poderia ajudar!

Lembrando-se dos gastos com passagens, café da manhã e almoço, Agenor sentiu uma leve tontura, guardou o anel no bolso e falou entredentes:

— Eu vou embora, visse! E não tente me seguir para roubar o anel! Tu não me engana, cabra safado!

Andando lentamente de costas, Agenor chamou:

— Jairo! Vamos embora!

Com o interesse voltado para as telas que enfeitavam as paredes, totalmente disperso e alheio a conversa, Jairo olhou para o alto, sorriu ao ver o lustre de cristal, acenou para Olavo e agradeceu:

— Obrigado moço! Que Deus abençoe!

Agenor vociferou:

— Pare de ser abestalhado! Não tem que agradecer esse cabra safado! Ele tá querendo roubar nosso anel!

— É mesmo? Nem percebi!

— Oxe! Cale a boca! Tu é um idiota!

Quando a dupla se afastou quase correndo, Olavo fechou a porta, deu de ombros e murmurou:

— Cada louco que aparece! Dá até pena!

Com o coração aos saltos, dor de cabeça e incontrolável tremelique, Agenor saiu da loja batendo os pés, parou na calçada de esbravejou:

— Cabra sem vergonha! Filho de uma rapariga! Tá querendo passar a perna em nóis? Tu viu?

— Vi sim! E agora? O que vamos fazer?

— Vamos pra outra joalheria! No centro tem outras!

— Temos que voltar até o centro?

— E tem outro jeito?

— Acho que não! Mas você já gastou muito com bilhete de passagem e comida! Vai que essa joia não vale nada?

— Tu vai me devolver o dinheiro da passagem e da comida, visse?

— Mas você disse que eu era convidado!

— Eu disse? Disse não! Tu tem como provar?

Jairo contorceu o rosto e reclamou:

— Você disse que eu era convidado de honra! Eu não tenho dinheiro pra pagar o café, o almoço e todo esse gasto com passagem!

Agenor secou a testa suada e disse:

— Vamos embora! Esse anel vale muito dinheiro! Eu sinto!

Inconformado com a avaliação, Agenor voltou para o centro da cidade, foi em várias joalherias, recebeu a mesma resposta e no final do dia retornou para casa completamente desconsolado.

Com a casa repleta de espíritos perdidos, um anel sem valor e a carteira vazia, Agenor caiu em profunda amargura.

Durante um mês, ele insistiu, foi a quase todas as joalherias da cidade, até finalmente admitir que estava com um anel sem valor.

Insatisfeito com a vida de assalariado, o trabalho árduo e a impossibilidade de comprar tudo que vinha a mente, Agenor prosseguiu com os furtos e aos poucos Jairo adquiriu o mesmo hábito.

No decorrer da vida, a dupla de coveiros praticou incontáveis roubos, que nunca renderam a sonhada fortuna e sempre acabavam em esforços praticamente inúteis.

No início de 2000, Agenor foi o primeiro a encerrar o estágio no plano terreno e dez anos depois Jairo seguiu o mesmo caminho.

Em meados de 2012, os guardiões e mentores da dupla se reuniram para uma breve discussão.

Com semblante preocupado, Lauro perguntou:

— Rui, eles já estão prontos?

— Sim, eles já foram previamente conscientizados, sabem que desencarnaram e que passarão pelo esclarecimento. Um colaborador da colônia os trouxe. Ambos estão aguardando lá fora.

Macedo olhou fixamente e disse:

— O planejamento está finalizado e sem brechas para mudanças! Infelizmente Agenor e Jairo terão que passar por uma situação impactante para quebrar esse ciclo! Creio que não exista outra maneira!

Lauro meneou a cabeça concordando e pediu:

— Felipe, traga-os, quero que eles participem da conversa. Quem sabe dessa maneira compreendam a seriedade do assunto!

Felipe saiu rapidamente e pouco depois retornou com Agenor e Jairo, que entraram de cabeça baixa e notável constrangimento.

Depois de alguns momentos de avaliação, Lauro apontou a cadeiras e pediu:

— Sentem-se! Agenor, o meu nome é Lauro, eu sou o seu mentor! Esse cavalheiro ao meu lado é Rui, o seu guardião! À direita estão Macedo e Felipe, mentor e guardião de Jairo. Faremos uma breve reunião para decidir como ajudar os senhores, pois é certo que não podem passar a eternidade na ociosidade! O planejamento reencarnatório está pronto, mas antes precisamos ajustar algumas pontas soltas! Passarei a palavra para nossos guardiões, eles são especialistas em certos assuntos!

Macedo e Lauro passaram a tarefa de esclarecimento para Felipe e Rui, que durante alguns instantes observaram profundamente seus protegidos e mentalmente combinaram como proceder.

Depois de alguns momentos, Rui falou com autoridade:

— É uma vergonha! Uma vergonha! Não sei como expressar minha vergonha diante de um protegido tão larápio!

Agenor se encolheu na cadeira e olhou para baixo.

Felipe perguntou:

— E você, Jairo? O que me diz?

Jairo desviou o olhar e murmurou:

— Nem sei o que falar! Tô com muita vergonha!

Felipe retrucou:

— Também não sei o que falar! É vergonhoso ter um protegido que profana túmulos! Você tem noção de quantos guardiões assistiram suas trapalhadas? Era um verdadeiro espetáculo!

Agenor se encheu de coragem e interrogou:

— Então quer dizer que vocês ficam rindo dos outros? E isso é coisa de anjo?

Rui perguntou com severidade:

— Por acaso está vendo asas nas nossas costas? Aqui não tem anjos, nem diabos, nem juízes! Mas a verdade precisa ser dita! Vocês são dois safados! Estão vendo aquela tela? Quero que observem muito bem!

Jairo perguntou com entusiasmo:

— Vamos ver um filme?

Felipe respondeu:

— Sim, um filme das Arábias! Até parece Ali Babá e os Quarenta Ladrões, mas nesse caso tinha apenas dois ladrões!

Rui apontou a tela, balançou a cabeça negativamente e falou:

— Vejam aqueles dois! Eles roubavam tudo que viam pela frente! Está vendo Agenor?

— Oxe! Mas é claro que estou vendo! Não sou cego!

Rui advertiu:

— Logo, logo você vai criar vergonha e calar essa petulância! Aqueles dois espertalhões eram irmãos! Durante duas vidas seguidas eles reencarnaram na Arábia Saudita, ambos com o propósito de vencer uma mania que há séculos os atrasa!

Felipe apontou exclamando:

— Olha lá! Eles estão enganando o vendedor!

Rui falou com espanto:

— Quanta astúcia! Eles entravam nas lojas, pediam para ver as joias, distraiam os vendedores e sempre saiam com uma ou duas peças! É aquele velho golpe de provar os anéis, pulseiras e disfarçadamente surrupiar!

Novamente Felipe exclamou:

— Olha que safados! Estão se vestindo com uma burca! Eles se disfarçavam até de mulher!

Rui falou com indignação:

— Não é só isso! Eles andavam com a burca pesada de tantos roubos! Por onde eles passavam a mão ligeira deslizava pegando algo de uma barraca! Além de usar a burca, eles mudavam a aparência! Olhe essa imagem que eu reservei especialmente para esse momento!

Rui ajustou o dispositivo de exibição e falou:

— Essa é a prova! Veja que coisa interessante! Eles usavam perucas, bigodes e barba falsa! Mudavam de estilo, de sotaque e mentiam descaradamente! Está vendo, Agenor?

— Oxe! Tô vendo sim! Os cabras eram ligeiros!

Rui esbravejou:

— Os cabras eram vocês! Ainda não percebeu?

— Era quem? Tu tá dizendo que eu era aquele cabra que roubava joias?

— Em nome de Cristo! Sim Agenor! Sim! Era você e o Jairo! Meu Deus do céu! As últimas vezes que vocês estiveram nessa sala juraram mil vezes que não iam roubar! Nossos irmãos elaboraram uma programação com todas as possibilidades de vitória, mas novamente a mesma coisa aconteceu!

Felipe completou:

— Vocês acham que a profissão de coveiro era uma maldição?

Agenor respondeu com convicção:

— Claro que sim! Eu trabalhava igual uma mula e mal conseguia comer!

— A sua profissão era exatamente o meio de aniquilar definitivamente esse hábito horrendo! Acreditamos que trabalhando como coveiros vocês ficariam longe de encrencas, mas não supomos que acabariam roubando os mortos!

Rui lamentou:

— É impossível prever todos os acontecimentos! Esses dois não tem jeito! É só por meio de um choque que vão mudar!

Felipe balançou a cabeça concordando e disse:

— É exatamente por existir essa necessidade, que a próxima experiência reserva alguns desafios bem interessantes!

Agenor perguntou com receio:

— O que vai acontecer?

— Vocês vão reencarnar nos Estados Unidos, em uma família pobre, mas com boa educação!

Agenor perguntou com empolgação:

— Eu vou ser americano?

— Vaaai! Vai ser americano e nascer em um lugar bem especial!

Notando que Jairo continuava de cabeça baixa, Felipe interrogou:

— Jairo! Você está ouvindo ou foi para o mundo da lua?

Agenor disse:

— Ele é abobado!

Jairo retrucou com aborrecimento:

— Não sou abobado! Mas estou com muita vergonha! Eu não deveria ter ouvido suas ideias!

— Cale a boca, seu idiota! Eu não te obriguei a nada!

Rui bateu levemente sobre a mesa e advertiu:

— Se começarem a brigar, vão parar nas zonas umbralinas. Querem voltar para aquele brejo imundo de onde os tiramos?

Prontamente Agenor lembrou-se do período nas zonas umbralinas e apelou:

— Não! Não! Não vamos mais brigar!

Felipe prosseguiu:

— No país em questão existe uma cidade que é conhecida pelas prisões de inocentes, eles se equivocam bastante! Muitos espíritos nascem neste lugar porque precisam quitar seus débitos e os enganos judiciais fazem exatamente o trabalho de reajuste! Os que acreditam que foram presos injustamente, na verdade, estão quitando débitos de vidas passadas! Enquanto vocês viveram no Oriente Médio nunca foram pegos, mas na próxima existência serão! É uma boa oportunidade de reajuste!

Jairo perguntou com espanto:

— Vamos para a cadeia?

— Provavelmente sim, não podemos afirmar, mas tudo caminhará para que isso aconteça! Dessa maneira vocês vão ganhar consciência!

Agenor perguntou:

— E se dessa vez não roubarmos nada?

— Vocês vão para a cadeira do mesmo jeito! Precisam quitar as dívidas passadas e levar um choque para aprender de uma vez por todas que não se deve roubar!

Agenor justificou:

— Mas nós roubamos de gente morta! Eles não precisavam mais daquelas coisas!

— Não faz diferença! Por acaso vocês pediram para os familiares?

— Não! Eu nunca pedi! Eles não iam dar!

— Então é roubo! Vocês tiraram algo do outro e obrigatoriamente têm que devolver!

Jairo lamentou:

— Mas eu não quero ir para a cadeia!

Rui consolou entre risos:

— Olhe o lado bom! Você não vai pegar pena de morte ou prisão perpétua! Vai passar uma temporada vendo o sol nascer quadrado, mas terá água, comida, teto e poderá aproveitar bastante a preguiça! Não é isso que vocês gostam?

O mentor Lauro olhou de canto para Macedo, estendeu a mão sobre a boca tentando ocultar o riso e levantou-se falando:

— Jairo e Agenor! Vocês foram beneficiados com uma vida humilde! O trabalho de coveiro, o baixo salário e as dificuldades financeiras eram oportunidades para conquistar consciência e aprender o valor do trabalho, a necessidade de apreciar as coisas simples da vida, e principalmente, conquistar o domínio sobre as próprias fraquezas! A próxima existência reserva um período de desafios, mas é a única maneira de despertá-los! Às

vezes é necessário um choque! Vocês estão há muito tempo estagnados na caminhada evolutiva, se continuarem nesse caminho acabarão sendo expatriados para um orbe inferior! Não queremos que isso aconteça! Apesar dessa fraqueza vergonhosa, ambos são boas pessoas, não cometem atrocidades, mas não podem passar a eternidade roubando!

Lauro fez uma pausa e continuou:

— Vocês ficarão um período no plano astral, queremos que ganhem um pouco mais de conhecimento e consciência antes de reencarnar, mas não pensem que se trata de férias, vocês vão trabalhar!

Jairo perguntou:

— Vamos trabalhar? Com o quê?

— Nossos irmãos os levarão até o posto de trabalho! Caso não aceitem a tarefa, podem seguir para o Ministério da Reencarnação! Vocês não são obrigados a trabalhar ou reencarnar, mas considerem que não tem frequência para ficar nas colônias superiores, podem facilmente cair em baixas vibrações e se lançarem nas zonas umbralinas! A escolha é de vocês!

Agenor calou-se, secou a lágrima que desceu pelo canto do rosto e admitiu:

— Tô com muita vergonha, visse! Nunca pensei que alguém tava vendo as coisas que eu fazia!

Macedo falou com pesar:

— Meu filho, vocês tiveram tudo para viver em paz! A vida humilde e o trabalho árduo não são maldições, mas sim, oportunidades de crescimento! Durante muito tempo seus guardiões tentaram ajudar, mas quando perceberam que estavam perdendo tempo, sabiamente se voltaram para o trabalho no plano astral e deixaram que vocês seguissem pelos caminhos que escolheram! Quando Rui e Felipe se afastaram, vocês ficaram sem proteção e começaram a levar os sofredores do cemitério para casa! Seus lares se tornaram verdadeiras hospedarias de irmãos inconscientes que precisam de ectoplasma para se sentirem materializados!

Jairo perguntou com assombro:

— Como é isso? Então é verdade que alma penada persegue quem rouba túmulo?

Macedo explicou:

— Não é exatamente como você pensa! Os cemitérios são habitados por espíritos que ainda não estão em condições de serem recolhidos. Os guardiões protegem o local, mas não podem proibir que esses irmãos saiam! Quando um encarnado sem proteção ou com baixa frequência entra em um cemitério, ele é como mel para abelhas! Sem um campo de proteção ou um

protetor, ele volta para casa com as companhias desagradáveis! Durante a vida vocês mantiveram baixas frequências, hábitos perniciosos, profundas insatisfações e sem a proteção dos guardiões, o que acha que poderia acontecer?

Agenor murmurou:

— Eu estraguei minha vida!

— Você fez escolhas imprudentes que aumentaram suas dificuldades!

Rui exclamou:

— Sejamos honestos! Vocês tiveram uma vida desgraçada! Viviam roubando, enchendo a cara de cachaça, reclamando, mentindo e levando encostos para casa!

Mais uma vez Agenor justificou:

— Mas o salário era uma miséria! Não dava para sobreviver!

— Não adianta inventar desculpas! Vocês poderiam fazer horas extras, achar mais um trabalho ou outros meios de aumentar a renda, mas eram

preguiçosos e viviam reclamando! Era mais fácil roubar, não é verdade?

Agenor suspirou e pediu:

— Pare com isso! Tá bom! Oxe! Eu já entendi!

Macedo falou:

— Por enquanto basta! Vocês já sabem o que fizeram no passado, reconheceram os erros da última existência, tem conhecimento prévio sobre o planejamento reencarnatório e a oportunidade de trabalhar para ganhar um pouco de consciência! Futuramente faremos outra reunião.

Após uma rápida despedida, Rui conduziu Agenor e Jairo até o novo posto de trabalho.

Parados no meio do cemitério, Agenor coçou a cabeça e perguntou:

— O que estamos fazendo aqui?

— É aqui que vocês vão trabalhar!

Jairo interrogou com perplexidade:

— No mesmo cemitério que passamos quase toda a vida?

— Exatamente! Vou apresentá-los ao guardião chefe! Pelo visto nem precisamos ir atrás, ele está vindo!

Ao avistar o guardião alto, com uma longa capa preta até os pés, Jairo agarrou o braço de Agenor e disse com pavor:

— Olha lá! É o homem de preto que o Zé Grandão disse! Meu Deus, ele tava certo!

Agenor sentiu o calafrio percorrer o corpo espiritual e murmurou:

— Deus do céu, até parece que tô vivo!

Contendo a gargalhada, Rui estendeu a mão e falou entre risos:

— Como vai Plínio? Eu trouxe seus novos ajudantes!

Plínio olhou profundamente nos olhos de Agenor e alertou:

— Você trate de andar na linha! Aqui a coisa não é brincadeira!

Agenor reclamou com aflição:

— Mas que tipo de protetores são vocês? Não param de ameaçar e colocar medo!

Plínio esbravejou:

— Não estou colocando medo! Estou prevenindo! Agora vão trabalhar! Tem uma cova cheia de gosma para limpar!

Jairo apelou:

— Gosma? Que é isso? Como se limpa uma gosma?

Plínio acenou chamando:

— Otávio! Venha aqui, tem dois atrapalhados para treinar!

Otávio se aproximou entre risos e falou:

— Sejam bem vindos! Eu dei muita risada quando vocês roubaram aquele anel! Pena que não valia nada!

Jairo falou:

— O Agenor passou a vida com aquele anel no bolso!

Rui disse:

— Ele achava que um dia ia achar quem pagasse uma fortuna! Agora vocês vão aprender a trabalhar, a olhar os pertences dos mortos e respeitar! Aqui não tem como roubar! Vocês estão mortos, não podem mais pegar os objetos materiais!

Determinado a dar uma boa lição na dupla, Plínio gritou:

— Por que vocês estão parados? Andem logo seus atrapalhados!

Agenor estufou o peito e retrucou:

— Oxe! Tu não fale assim comigo, visse!

Plínio se projetou na direção de Agenor, olhou fixamente como quem consegue perscrutar cada parte da alma e disse entredentes:

— Eu falo o que eu quiser! Aqui eu sou o chefe! Quem não respeitar as minhas ordens vai para a rua! Lá está cheio de escravizadores querendo ladrões para espionar! Você quer cair na mão de um escravizador?

— Não! Não senhor!

— Então vá trabalhar! Agora!

Quando Agenor e Jairo se afastaram correndo, Plínio disse com bom humor:

— Espero que eles consigam aprender alguma coisa! Farei o possível para ajudá-los, mas você sabe que é bem difícil. Espíritos com esse tipo de vício demoram muito para superar a fraqueza!

— Nós sabemos, mas queremos dar uma oportunidade! Agenor e Jairo são ignorantes, invejosos e preguiçosos, mas tem um bom coração!

Após alguns momentos de conversa, Plínio e Rui se despediram e retornaram ao trabalho.

Alguns meses depois, Felipe visitou o cemitério, observou de longe e perguntou:

— Plínio, como eles estão indo?

Plínio contorceu o rosto e respondeu com certa decepção:

— Não estão se saindo muito bem! Frequentemente eles se lançam nas memórias do passado, se esquecem de que estão mortos e caem em tentação! Basta chegar um defunto com algum bem de valor, que eles retomam os velhos hábitos! O desejo de roubar é tão intenso, que às vezes Agenor cria peças idênticas! Inconscientemente ele manipula o ectoplasma do falecido e faz um objeto para usurpar em seguida!

Perplexo e com os olhos estalados, Felipe questionou:

— E o que ele faz com a peça?

— Nada! Agenor nem sabe o que está fazendo! Quando ele esquece o objeto se desfaz. Você sabe que a mente precisa estar equilibrada e focada

para manter uma criação, quando ele se distrai o objeto desaparece, ele fica procurando nos bolsos, e, por fim, conclui que perdeu!

— E o Jairo?

— O Jairo compartilha as mesmas memórias que Agenor e também se lança nas práticas do passado! Não temos muito que fazer! Eles caem no engano, pouco depois recuperam a sanidade, percebem que fraquejaram, olham ao redor, juram nunca mais repetir o erro e quando aparece outro defunto com uma joia, novamente o ciclo se repete!

Plínio sorriu divertidamente e disse:

— Você não vai acreditar! Recentemente recebemos um novo colaborador, ele foi parente do Alberto, o desencarnado do anel, lembra-se?

— Sim, claro que me lembro! Aquilo foi um verdadeiro fiasco!

— Carlinhos era primo do Alberto e não sabe que trabalha com os coveiros que profanaram o túmulo! Entre uma conversa e outra, Carlinhos contou que o corpo do cunhado foi exumado e estava sem um dedo! A reação de Agenor foi no mínimo hilária, rapidamente ele prestou condolências, inventou uma mentira triste, quase chorou, puxou Jairo e se afastou correndo! É impressionante como os hábitos adquiridos durante a vida terrena se repetem desse lado!

Felipe balançou a cabeça, suspirou e concluiu:

— É… Infelizmente ele continua com os mesmos hábitos! E ainda tem muitos encarnados pensando que a morte transforma o espírito em um ser de luz! Quem dera! O espírito deixa tudo na Terra, mas as manias permanecem as mesmas!

Durante um longo período Plínio e Felipe observaram a dupla e concluíram que a viciação enraizada custaria muitas reencarnações até ser superada.

Atualmente Agenor e Jairo continuam trabalhando no plano astral do cemitério, pouco a pouco estão ganhando consciência e superando a fraqueza moral, mas a cada certo período eles caem no esquecimento e plasmam peças valiosas para sentir o prazer de roubar.

Nessas ocasiões, nós observamos, analisamos, aprendemos com os casos e por vezes rimos da situação, mas sempre desejamos que o espírito supere as tendências negativas. Afinal, todos têm fraquezas a superar e intimamente buscam o aprimoramento e a iluminação.

Sete Porteiras - Março de 2023

O Carona

Em meados da década de noventa, época em que a telecomunicação deu um considerável salto tecnológico, Nivaldo viu a chance de adquirir um aparelho celular para facilitar a comunicação com a esposa e dessa maneira amenizar as constantes crises de ciúmes que dificultavam o matrimônio.

Dividido entre os carnês de várias lojas, as prestações do carro usado e as parcelas do Pager recém-adquirido, Nivaldo procrastinou a compra, mas ante a constante pressão de Gildete, decidiu fazer mais uma dívida e parcelar em várias vezes o oneroso aparelho celular.

Em primeiro de maio de 1995, Nivaldo estacionou na frente da empresa, viu ao longe os trabalhadores preparando o churrasco para festejar a data comemorativa e sentiu o calafrio percorrer a coluna.

Preocupado com as constantes brincadeiras dos colegas e o ciúme exagerado da esposa, Nivaldo hesitou alguns instantes, cogitou a possibilidade de voltar para casa e deu um leve salto quando Gildete falou alto:

— O que foi? Por que você está com essa cara?

Tentando esconder o nervosismo, Nivaldo respondeu com um sorriso acanhado:

— Nada! Eu estava pensando na cerveja que esqueci em casa!

— Não tem problema, a empresa sempre dá tudo!

Nivaldo virou-se, soltou o cinto da filha e aconselhou:

— Luana, se comporte, aqui é o trabalho do papai!

A garota com quase seis anos, semblante esperto e sorriso faceiro, olhou para Gildete retocando a maquiagem e pediu:

— Mamãe, eu também posso passar batom?

Alimentando a costeira vaidade, Gildete esticou-se, passou uma discreta camada de batom nos lábios da filha e falou com orgulho:

— Agora você está linda! Esse batom é maravilhoso, coisa chique!

Nivaldo correu os olhos pelo estojo de maquiagens, em seguida para a bolsa que lhe custou várias parcelas, observou o vestido refinado de bom gosto e pensou:

— A Gildete é linda, mas esse hábito de comprar coisas caras para se exibir ainda me leva à falência! Estou cheio de carnês para pagar!

Gildete alisou os cabelos, olhou-se no espelho e concluiu:

— Estou pronta! Vamos?

Nivaldo desceu do carro, pegou a filha no colo, segurou a mão da esposa e receosamente seguiu ao encontro dos amigos.

Ao entrar no salão de festas e avistar Miltinho, que prontamente abriu o sorriso malicioso, Nivaldo acenou, discretamente deu as costas e sugeriu:

— Vamos dar uma volta lá fora?

Percebendo que Miltinho se aproximava rapidamente, Gildete falou:

— O seu amigo está vindo! Vamos esperar!

Quando Nivaldo se virou, Miltinho aproximou-se falando em tom debochado:

— E aí Nivaldão! Trouxe a patroa para festa?

Nivaldo respondeu com disfarçado receio:

— É… É dia de comemorar em família!

Miltinho apertou respeitosamente a mão de Gildete e falou:

— Prazer senhora! Se quiser beber alguma coisa fique a vontade!

— Muito obrigada! O senhor é muito gentil!

— As esposas dos outros colegas estão na cozinha, se quiser pode se juntar a elas!

— Eu agradeço, mas prefiro ficar com o meu marido!

Ansioso para soltar a anedota, Miltinho segurou a gargalhada, bateu levemente no ombro de Nivaldo e se afastou falando:

— Eu vou ajudar o pessoal do churrasco! Daqui a pouco conversamos! Aproveite a festa, mas cuidado com o Negão! Ah-ah-ah!

Gildete olhou de canto e quando se preparou para interrogar, Rogério aproximou-se perguntando entre risos:

— Cadê o Negão? Ele não veio?

Nivaldo sorriu constrangidamente e apelou:

— Pô, cara! Pare com isso! Que coisa chata!

Rogério abriu os braços, abraçou Nivaldo amigavelmente e disse:

— É brincadeira! Você sabe que a gente gosta de pegar no pé!

Gildete olhou ao redor, viu Antunes acenando e falou:

— Olha lá Nivaldo, seu amigo está acenando!

Quando Nivaldo retribuiu o aceno, Antunes gritou:

— Cadê o Negão? Toma cuidado!

Rogério se entregou a gargalhada e ao notar o olhar enraivecido de Gildete, prontamente se afastou:

— Tô indo! Depois a gente se fala!

Intrigada com as brincadeiras e o constrangimento de Nivaldo, Gildete interrogou:

— O que é isso? Quem é esse tal de Negão?

— É sacanagem do pessoal, isso é coisa de peão de fábrica! Não dê bola, depois eu te conto!

Tentando escapar do interrogatório, Nivaldo pegou a mão da filha e sugeriu:

— Filha, vamos na barraca de algodão doce?

— Eu não gosto de algodão doce pai!

— Gosta sim! Vamos dar uma voltinha!

Luana puxou a mão e reclamou:

— Eu não quero algodão doce! Quero ir no pula-pula!

— Ótimo! Então vamos no pula-pula!

Aflito para se afastar dos colegas, que olhavam de longe e se preparavam para mais uma sessão de piadas, Nivaldo saiu às pressas e ao atravessar a porta ouviu o chamado de Fabinho:

— Nivaldão! Cadê o Negão? Ele não veio?

Nivaldo se encolheu, olhou com raiva e pediu sorrindo de maneira forçada:

— Parem com isso! Eu já falei que não gosto dessa brincadeira!

Sem a mínima noção de bom senso, divertindo-se com o constrangimento de Nivaldo e o notável aborrecimento de Gildete, os peões se entregaram à gargalhada e continuaram com o burburinho desagradável.

No decorrer da comemoração, as anedotas de mau gosto ganharam tons indiscretos, depreciativos, grosseiros e por fim estragaram a diversão da família.

Cansado do deboche e das intermináveis investigações de Gildete, pouco depois do almoço Nivaldo se despediu e retornou para casa se perguntando por quanto tempo teria que suportar o interrogatório motivado pelo ciúme.

Após a curta viagem marcada pelo silêncio opressivo, Gildete abriu a porta da sala, jogou a bolsa no sofá e ordenou:

— Luana, vá para o quarto!

— Mas mãe, eu quero ver televisão!

— Depois! Primeiro eu vou conversar com o seu pai! Vá brincar com as suas bonecas!

Luana contorceu o rosto mostrando desagrado e quando Gildete olhou de canto, prontamente acatou a ordem e correu para o quarto.

Ciente de que a conversa seria longa, Nivaldo foi para a cozinha, serviu uma xícara de café e disse tentando mudar de assunto:

— Esse café está frio, vamos fazer outro?

Parada na entrada da cozinha, com os braços cruzados, semblante contorcido e batendo levemente a ponta do pé, Gildete sugeriu:

— Acenda o seu cigarro e sente-se! Vamos resolver esse assunto!

Nivaldo suspirou, sentou-se, acendeu o cigarro e concordou:

— Então vamos resolver o assunto, pode perguntar o que quiser!

— Que história é essa de Negão?

— É brincadeira dos caras! Eles pegaram no meu pé e não pararam mais!

Gildete sentou-se de frente para Nivaldo e reclamou:

— Que brincadeira de mau gosto! No começo até tolerei, mas depois de algumas cervejas eles começaram a fazer mímicas indecentes sugerindo que você e esse tal de Negão fazem sexo! Eu sei que peão é bicho safado, mas nunca vi nada igual! Aquilo foi muita falta de respeito!

— Pelo amor de Deus, não dê importância! Eles fizeram para sacanear!

— Mas eu quero saber de onde eles tiraram essas ideias! Escute aqui, Nivaldo, olhe bem nos meus olhos, você está me traindo?

Nivaldo estalou os olhos tentando mostrar sinceridade e exclamou:

— É claro que não!

— E por onde você anda até tão tarde? Ultimamente você vive fazendo hora extra!

— Estou fazendo hora extra! Tenho que pagar as contas da casa! Pensa que é fácil manter as suas necessidades? Estou pagando o carro, o Pager, o celular e um monte de carnês! Minha vida é trabalhar para pagar dívidas.

— E por que você não me procura mais? Perdeu o desejo por mim?

Nivaldo secou a testa suada e justificou:

— Por que ando morto de cansaço! Chego em casa acabado e só penso em descansar! Por favor, meu amor! Todas as noites eu te mando mensagem avisando que vou atrasar, é por isso que me endividei para comprar esses aparelhos!

Gildete olhou de canto e pressionou:

— Nivaldo, você está mentindo?

— Não estou mentindo! Em nome de Cristo! Eu não faço outra coisa além de trabalhar!

— Então de onde os seus colegas tiraram essa história de Negão?

Lutando para manter a paciência, Nivaldo soprou o ar tentando aliviar a tensão e explicou:

— Mês passado eu estava tomando banho quando o Roberval entrou, tirou a roupa e se enfiou embaixo da ducha ao meu lado. Na mesma hora eu pressenti que era melhor cair fora, mas decidi terminar o meu banho e fiquei quieto. Uns dois minutos depois o Rogério e o Miltinho entraram no banheiro e quando viram que estávamos sozinhos, começaram com os risos e piadas que se alastraram pela fábrica.

Gildete perguntou com desconfiança:

— Quem é esse Roberval?

— É um cara que entrou há pouco tempo na empresa! Um negro alto e forte! O coitado é crente e quase não fala com ninguém, mas caiu na sacanagem do pessoal!

Nivaldo apagou o cigarro, em seguida acendeu outro e continuou:

— A piada começou quando o Rogério falou para eu tomar cuidado com o Negão e não deixar o sabonete cair. Você sabe como é, são sempre as mesmas piadas! No meio da brincadeira o Miltinho perguntou se eu já tinha visto o tamanho da ferramenta do Negão e na ingenuidade eu respondi que sim! A minha resposta gerou um alvoroço ainda maior! O pessoal começou a falar que eu estava de olho na ferramenta do Negão, que tinha olhado, medido e gostado!

Mantendo o olhar desconfiado, Gildete pediu:

— Continue! Essa história não está bem contada!

— Mas foi isso que aconteceu! A minha resposta idiota gerou uma confusão! O coitado do Roberval também pediu para o pessoal parar com a brincadeira, mas não teve jeito!

Desde aquele dia eles não param com as piadas! Eu e o Roberval até evitamos conversar! Quando ele me vê no refeitório ou no pátio até muda de direção.

Gildete concluiu:

— Eles estão abusando porque viram o seu constrangimento!

Nivaldo apoiou a cabeça nas mãos e lamentou:

— Eu sei! Eles são uns filhos da puta! Quando percebem que conseguem incomodar o peão, não perdem tempo e caem matando! Todo santo dia alguém aumenta um pouco a história e diz que eu tenho um caso com o Roberval!

Esfregando o queixo e olhando desconfiadamente, Gildete segurou a mão do marido e perguntou:

— Você jura que me ama?

— Lógico que te amo!

— Jura que não está me traindo?

— É claro que não! Eu amo você e a nossa família!

— Então trate de ir ao médico e resolver esse problema de cansaço!

Gildete apontou o indicador para o meio das pernas de Nivaldo e reclamou:

— Há tempos que essa coisa anda mole! Trate de arrumar isso! Peça vitaminas para o médico ou garrafada para um curandeiro, mas dê jeito!

Nivaldo abaixou a cabeça murmurando:

— Está bem, eu vou marcar uma consulta!

Depois do estressante interrogatório, Nivaldo fugiu para o banho, lembrou-se das constantes piadas dos colegas e se ressentiu pela falta de limites que frequentemente passava para o desrespeito.

Alguns dias após o inconveniente, Nivaldo olhou para o relógio que marcava quase dezenove horas, correu para o banheiro puxou o pager do bolso, em seguida o celular, olhou com dúvidas para os aparelhos e resmungou:

— Aiiii meu Deus, perdi o horário! O que eu faço? A Gildete vai me matar! Acho que é melhor ligar, assim ela fica mais calma, mas cada ligação custa uma fortuna! Vou mandar uma mensagem pelo bip, é mais barato!

Rapidamente Nivaldo digitou a mensagem, enviou para a central telefônica e rezou:

— Meu Deus, tomara que essa mulher fique calma! Por favor, por favor, Jesus, acalme os nervos da Gildete, eu não aguento mais os interrogatórios!

Ao ouvir a porta se abrir, Nivaldo guardou o Pager no bolso, sorriu constrangidamente e disse:

— E aí Rogério, as peças já estão prontas?

— Quase prontas! O que você estava fazendo? Mandando mensagem pro Negão?

— Pô, cara! Pare com isso! Na festa da empresa vocês pegaram pesado, a Gildete ficou horas falando no meu ouvido!

Notando a aflição de Nivaldo, Rogério aconselhou:

— Deixa de ser otário Nivaldo! Enquanto você ficar ofendido, os peões vão pegar no seu pé! Leva na brincadeira! A gente não queria causar problema com a sua patroa!

— Não queriam, mas causaram! A Gildete é muito ciumenta e desconfia de tudo!

— Não esquenta com isso, logo ela esquece! Vamos terminar essas peças! Não aguento mais fazer hora extra! Quero ir pra casa!

— Eu também quero descansar! Ando morto! Ainda tenho que dirigir quase duas horas até chegar em casa!

— Você deveria achar um barraco mais perto do trabalho!

— Não posso me endividar com aluguel, ainda estou pagando as prestações da casa! Isso vai levar mais uns cinco anos.

— Você pega a BR para ir para casa?

— Não, eu prefiro a estrada velha, é mais tranquila e sem tanto caminhão, por lá eu chego em casa mais rápido.

— É verdade, pela estrada velha dá pra cortar caminho, mas tem que tomar cuidado, aquele trecho tá praticamente abandonado!

— Eu estou acostumado. Meu carro é velho, mas aguenta!

— Então vamos, já que não tem pra onde fugir, é melhor trabalhar!

Nivaldo e Rogério retornaram ao trabalho e duas horas mais tarde, finalmente encerraram o longo e exaustivo expediente.

Depois de tomar um banho rápido e trocar o uniforme pela roupa limpa, Nivaldo correu para o carro, olhou o relógio que marcava 21h25m e pensou:

— Vou chegar em casa quase meia noite! É hoje que a Gildete passa a noite falando no meu ouvido! Meu Deus, que Jesus me ajude!

Aflito e certo de que teria mais uma complicação com a esposa, Nivaldo acelerou o veículo e pouco depois entrou na longa estrada velha que cortava a cidade.

Distraindo-se com a paisagem inabitada onde, por vezes, a lua cheia se escondia atrás das pequenas áreas de mata e os milharais se espalhavam por alguns trechos, Nivaldo desligou-se do costumeiro estresse, acendeu um cigarro e relaxou.

Quase três quilômetros adiante, quando o carro alcançou a região mais isolada, Nivaldo deu um salto ao ouvir o estouro do motor. Impulsionado pelo instinto de sobrevivência, ele freou bruscamente e quando o veículo parou, empurrou a porta e desceu reclamando:

— Era só o que me faltava! Mais essa agora?

Na esperança de resolver o problema, Nivaldo abriu o capô, foi envolvido pela fumaceira que se espalhou ao redor e gritou entre tosses:

— Que merda! O carburador foi pro pau! Tô ferrado, mais uma conta pra pagar! Eu preciso avisar a Gildete! Eu preciso avisar essa mulher, ou ela me mata!

Perdido no meio do nada, Nivaldo olhou para frente, em seguida para trás, puxou o celular do bolso, percebeu a total falta de sinal, verificou o Pager, que nem sequer acendia a tela e esbravejou:

— Que merda! Que merda! O celular não pega nesse fim de mundo! A Gildete vai ter um treco! Eu preciso correr! Tem uma borracharia há alguns quilômetros!

Com o coração aos saltos, ele fechou o carro, decidiu retornar até o único lugar habitado nas proximidades e iniciou a extenuante corrida. Assombrado pelos ataques de ciúmes da esposa, em alguns trechos Nivaldo

parava por alguns segundos, arqueava o corpo para frente tentando recuperar o fôlego e logo retomava a corrida motivada pelo medo.

Quase quarenta minutos depois, ele avistou a borracharia, atravessou o longo pátio empoeirado, bateu na porta e chamou:

— Tem alguém aí! Eu preciso de ajuda!

Notando as luzes acesas e ouvindo os passos, Nivaldo completou:

— Meu carro quebrou na estrada! Eu preciso de um guincho!

Poucos segundos depois o homem baixo e magro abriu a porta, olhou com surpresa para o rapaz com semblante apavorado e roupa encharcada de suor e perguntou:

— Seu carro quebrou?

Respirando com dificuldade, Nivaldo puxou o ar, apontou ao longe e respondeu:

— Quebrou lá pros lados daqueles terrenos que estão à venda! Onde tem uma placa grande da imobiliária! O senhor sabe?

— Eu sei, eu sei onde fica! Poxa vida, é longe!

— Eu vim correndo até aqui, estou quase morto!

O homem escancarou a porta e convidou:

— Pode entrar! Se quiser, tem água no filtro!

— Eu quero! Vocês podem ligar para um guincho ou me ajudar com o carro? São quase dez e meia, a minha esposa deve estar preocupada.

— Poxa vida, não sei como ajudar! Estamos sem telefone e não temos guincho pra puxar o carro! Aqui nós só consertamos pneus e coisas pequenas!

Ao ouvir o barulho da água que indicava uma descarga, Nivaldo olhou para a porta do banheiro e perguntou:

— Tem mais gente aqui?

— Sim, o chefe está no banheiro! Talvez ele tenha alguma ideia!

Quando a porta do banheiro se abriu, Nivaldo correu os olhos pelo negro alto e forte aparentando mais de quarenta anos, lembrou-se das piadas dos colegas e intimamente riu da coincidência.

Estranhando a aflição de Nivaldo, que parecia prestes a ter um ataque de nervos, o negro perguntou:

— O que aconteceu? Nilson, quem é esse sujeito?

Nilson explicou:

— Chefe, o rapaz precisa de ajuda! O carro dele quebrou lá perto do loteamento!

Nivaldo completou:

— Eu preciso de um telefone para ligar e avisar a minha esposa. O meu celular está fora de área, o pager não funciona e não sei o que fazer! Estou desesperado!

Ainda mais surpreso com o desespero de Nivaldo, o dono da borracharia perguntou:

— Como você se chama?

Percebendo que havia esquecido todas as normas da boa educação, Nivaldo estendeu a mão e respondeu:

— Nivaldo, muito prazer! Desculpe o jeito, mas estou nervoso!

Retribuindo o aperto de mão, o homem respondeu:

— Eu sou o Marcos, dono da borracharia.

— Eu só preciso de um telefone, nada mais! Tenho que avisar a Gildete.

Marcos balançou a cabeça negativamente e disse:

— Olha amigo! Faz dias que o telefone quebrou e ninguém apareceu pra consertar! Eu não tenho guincho pra puxar o seu carro, e sinceramente não sei como ajudar!

Nilson enfiou as mãos no bolso do macacão e perguntou:

— O senhor estava indo pra casa?

— Sim, eu saí mais tarde do trabalho. A minha esposa deve estar preocupada!

Comovido com a aflição de Nivaldo, Marcos pensou por alguns momentos e sugeriu:

— Se quiser eu posso te dar uma carona, mas se sair muito da minha rota você paga o combustível!

— Eu aceito! Deus do céu, eu aceito qualquer ajuda!

— Pra que lado fica a sua casa?

— Na Vila Santa Gertrudes, o senhor conhece?

— Conheço, é bem longe! Mas não tem problema, eu moro uns cinco quilômetros antes da Vila Santa Gertrudes. Se você completar o tanque eu te deixo em casa!

Nivaldo assoprou mostrando alívio, abriu um sorriso e respondeu:

— É claro que aceito!

— Mas o seu carro vai ter que ficar na estrada, amanhã você manda um guincho pra puxar.

— Perto da minha casa tem um cara que trabalha com guincho, provavelmente ele vai me cobrar os olhos da cara, mas o jeito é pagar!

— Então sente e descanse um pouco, vou só arrumar algumas coisas no escritório e daqui alguns minutos vamos embora. Se quiser tem café na garrafa, mas já deve estar frio!

Ao passo que Nivaldo aguardava com ansiedade e Marcos dava as últimas instruções para Nilson, no bairro mais tradicional da cidade, Eduardo pegou a chave do carro, se olhou no espelho e sorriu com envaidecimento.

O rapaz, criado sem qualquer exemplo de princípios e valores, aos dezessete anos exibia o comportamento indomável, o palavreado chulo e as crenças desvairadas herdadas do pai.

Depois de fumar um baseado, cheirar uma carreira de cocaína e beber uma dose dupla de whisky, ele colocou uma pastilha mentolada na boca, atravessou a sala sem olhar para o pai sentado no sofá e falou:

— Aê velho! Tô saindo e não sei que horas eu volto! Nem sei se volto hoje! Ah-ah-ah!

Acostumado com a selvageria do filho, que desde os primeiros anos de vida foi excessivamente mimado, Sílvio entornou a lata de cerveja, apertou o controle remoto mantendo os olhos grudados no televisor e perguntou:

— Pra onde você vai, filhão?

— Vou pegar umas safadas!

Comungando com o baixo nível moral do filho e bancando o pai moderno, Sílvio apoiou:

— É isso aí garoto! Aproveite a vida!

— O senhor me dá uma grana?

Sem se preocupar com a imaturidade do filho, Sílvio entregou algumas cédulas e aconselhou:

— Vai com tudo garoto! Pega essas galinhas que gostam de carrão, beba umas cervejas geladinhas e aproveite a sexta-feira! Mas olha lá, não se meta a cheirar pó! Isso não é brincadeira, não quero filho drogado!

Eduardo guardou o dinheiro, virou a aba do boné para trás, deu uma risada debochada e respondeu:

— Não esquenta velho! Vou comer umas piranhas e curtir a vida!

Sílvio esticou o pescoço olhando para fora da janela, avistou o Opala vermelho recém-restaurado parado na frente da casa e perguntou:

— Como tá a caranga? Tá fazendo sucesso com as vadias?

— Pô, tá uma joia! As vadias caem matando quando enxergam a máquina!

Sorrindo com orgulho e satisfação, Sílvio bateu levemente no ombro do filho, tentou interpretar o pai responsável e aconselhou com dissimulada preocupação:

— Não corra! Toma cuidado rapaz, você ainda não tem habilitação, se a policia te pega vão apreender o carro!

Eduardo gargalhou alto e respondeu:

— Falta pouco velho! Daqui dez meses eu faço dezoito anos e já era! Ninguém me segura!

— Então vai lá, garotão!

Quando Sílvio voltou à atenção para o televisor, Eduardo retornou para o quarto, trancou a porta, cheirou mais uma carreira de cocaína, bateu levemente nas têmporas e disse entre risos insanos:

— Agora tô pronto!

Ao passo que Eduardo ligava o motor do carro e acelerava fazendo um estardalhaço para chamar a atenção da vizinhança e exibir a nova aquisição, há alguns quilômetros de distância Nivaldo bateu amigavelmente nas costas de Marcos e falou:

— Cara, muito obrigado!

Marcos apontou a porta do veículo e respondeu:

— Não tem que agradecer! Entra aí e vamos embora.

Nivaldo se acomodou no banco do passageiro e comentou:

— Esse carro é muito bom! Eu quase comprei um Golzinho parecido, mas as parcelas eram altas demais!

Marcos ligou o motor e respondeu:

— Eu acabei de pagar a última prestação! Foi uma jornada pra quitar esse carro!

Após virar a direita e entrar na estrada, Marcos abriu a janela, acendeu um cigarro e ofereceu:

— Você quer?

— Eu quero! Ainda estou nervoso, nem sei como agradecer, você está me quebrando um galhão!

Marcos olhou de canto e disse em tom de brincadeira:

— É só completar o tanque e fica tudo certo!

— Tem um posto antes da minha casa, pode parar lá mesmo! Faço questão de completar o tanque.

Depois de alguns segundos de silêncio, Marcos perguntou:

— Você tem filhos?

— Tenho uma menina de seis anos e você?

— Tenho dois garotos adolescentes! Já estão grandes e quase não dão trabalho. Filho é complicado, sempre dá dor de cabeça!

— É por isso que não quero mais filhos! Só a Luana já basta!

— Mas você ainda é novo, pode ter mais um ou dois!

— Nem pensar! Já passei dos trinta e cinco!

Temendo invadir a intimidade de Nivaldo, Marcos perguntou de maneira despretensiosa:

— Por que tanto desespero para avisar a sua mulher? Ela é do tipo ciumenta?

Nivaldo abaixou a cabeça tentando esconder o constrangimento, hesitou por alguns segundos, lembrou-se que provavelmente nunca mais veria o homem e desabafou:

— A Gildete é uma mulher maravilhosa, mas é muito ciumenta. Ela cria fantasias mirabolantes, perde o controle, faz escândalos, assusta a nossa filha e me deixa em pânico!

Marcos deu uma tragada no cigarro e comentou:

— Esse tipo de mulher é um problema! Você já tentou conversar com a família?

— Eu já fiz de tudo! Até sugeri uma terapia, mas ela quase me atacou jurando que não é ciumenta e nem louca! Para evitar problemas eu comprei um celular e quando me atraso ligo avisando.

Profundamente constrangido e incomodado com a confissão, Nivaldo mudou de assunto:

— Marcos, você não tem medo de ficar naquela borracharia no meio do nada?

— Não! É tranquilo! Lá eu não pago aluguel, o terreno é invadido e nem preciso me preocupar com imposto! Não tem muito movimento, geralmente aparecem sempre os mesmos clientes, mas consigo garantir o sustento.

Enquanto Nivaldo e Marcos conversavam sobre a vida e a rotina, Eduardo acelerava o carro, dirigia alucinadamente, atravessava os sinais vermelhos e gargalhava alto.

Quase quinze minutos depois, ao se aproximar do cruzamento Marcos diminuiu a velocidade, olhou para a esquerda, em seguida para a íngreme subida à direita, concluiu que a travessia era segura e prosseguiu em linha reta.

Ao avançar pouco mais de dois metros, o carro de Eduardo surgiu inesperadamente no topo da ladeira e desceu em alta velocidade.

Ciente de que estava prestes a sofrer um acidente, Marcos freou bruscamente na esperança de impedir a colisão, agarrou com força o volante e sentiu o calafrio congelante descer pela coluna.

Dentro do Opala, Eduardo se assustou ao ver o veículo atravessando o cruzamento, confundiu os pedais, pisou no acelerador e inevitavelmente se chocou contra o carro de Marcos, que foi arremessado para longe, rodopiou e capotou algumas vezes.

Após o estrondo assustador que cortou o silêncio do descampado, Eduardo conseguiu controlar o veículo, balançou a cabeça tentando dissipar a confusão mental e saltou para fora averiguando desesperadamente os estragos na lataria.

Indiferente à situação do outro motorista, diante do capô amassado, Eduardo colocou as mãos na cabeça e gritou em desespero:

—Minha máquina tá fodida! Esse filho da puta estragou meu carro novo!

Convencido de que era a vítima e decidido a tirar satisfação, Eduardo caminhou batendo os pés e blasfemando, se aproximou do veículo capotado e ao se deparar com os homens inconscientes e ensanguentados, prontamente parou murmurando:

— Que merda! Os caras se foderam! Não é culpa minha, eu tava só dirigindo!

Levado pela habitual imprudência, Eduardo retornou tranquilamente para o carro, deu a ré, foi embora sem nenhum remorso e quando passou na frente de um orelhão decidiu ligar para a emergência.

Com os olhos fixos na lataria amassada, Eduardo discou os números e quando ouviu a voz do outro lado da linha, falou com impaciência:

— Moça, teve um acidente no cruzamento da estrada velha! A coisa foi feia, parece que os caras estão mortos e tem gasolina pra todo o lado! Eu acho que aquilo vai explodir! Não sei como aconteceu o acidente, só quero ajudar! Tem que mandar uma ambulância, e bem rápido!

Convencido de que tinha praticado uma boa ação, Eduardo colocou o telefone no gancho, voltou para o carro e seguiu para a noitada regada a bebida, sexo e muitas drogas.

Minutos depois Nivaldo e Marcos foram removidos do carro completamente destruído, encaminhados para o hospital e prontamente internados na UTI.

Por volta da meia noite e meia, puxando a filha pela mão e respirando com ofegância, Gildete atravessou correndo o saguão da emergência, se lançou sobre o balcão e perguntou em prantos:

— Moça, é aqui que o Nivaldo Santos Borges está internado? Ligaram falando que ele sofreu um acidente! Ele é meu marido! Pelo amor de Deus!

Acostumada com os casos de emergência e até certo ponto indiferente à dor dos familiares, a atendente verificou calmamente os arquivos e respondeu com frieza:

— O seu marido já foi atendido e está na UTI, daqui a pouco o médico vai falar com as famílias. A senhora pode sentar naqueles bancos e aguardar.

— Me falaram que ele estava em um Gol que ficou completamente destruído, o meu marido não tem um Gol! Tem certeza que é ele?

Sem responder o questionamento, a atendente abriu algumas gavetas, entregou a carteira de Nivaldo e explicou:

— Senhora, essa é a carteira do seu marido. Nós pegamos os documentos para fazer a ficha. Ele estava com outro senhor, que também está na UTI.

— Como se chama o homem que estava com o meu marido?

A atendente verificou o prontuário e respondeu:

— Senhor Marcos da Silva Neto.

— Eu nunca ouvi esse nome! É um colega da fábrica? Onde está o nosso carro? Por que o meu marido estava pegando carona?

— Senhora, eu não sei! A família do senhor Marcos está na recepção, quem sabe eles tenham alguma informação!

Tomada pelo desespero, Gildete olhou para os lados e clamou:

— Eu quero ver o meu marido!

— Senhora, por favor, se acalme! Sente-se, daqui a pouco o médico vai falar com vocês.

Contagiada pelo desespero da mãe, Luana perguntou entre lágrimas:

— Cadê o papai?

Ignorando a pergunta da filha, Gildete olhou para os bancos no fundo do saguão, notou a mulher abraçada a dois jovens e se aproximou perguntando receosamente:

— A senhora é a esposa do Marcos?

Irene olhou de canto, passou o lenço sobre o rosto choroso e respondeu:

— Sim, o Marcos é meu marido. Por quê?

— Ele estava com o meu marido, a senhora conhece o Nivaldo? O seu esposo trabalha na fábrica?

— Não conheço nenhum Nivaldo, o Marcos tem uma borracharia na estrada velha.

Irene olhou para a menina com o rosto assustado e perguntou:

— É sua filha?

— Sim, é a minha filha!

Após minutos de desespero, pela primeira vez Gildete prestou atenção na filha, sentiu o coração abalado pelo remorso e pediu:

— Filha, fala boa noite pra moça.

Luana se agarrou a cintura de Gildete, escondeu o rosto e choramingou:

— Eu quero o papai!

Gildete sentou-se, colocou a filha no colo e falou com amorosidade:

— Daqui a pouco vamos ver o papai, não chore meu amor.

Apiedando-se da garotinha, Irene ofereceu:

— Se quiser eu tenho um cobertor no carro, você pode forrar o banco pra ela ficar mais confortável.

Enredada pelos habituais receios, Gildete ignorou a oferta de Irene e perguntou:

— A senhora sabe o que o meu marido estava fazendo no carro do senhor Marcos?

— Não sei! Eu também queria saber, mas ninguém tem informações.

— Será que eles se conheciam da fábrica? A senhora tem uma foto do seu marido? Talvez eu o conheça.

Irene abriu a bolsa, mostrou a foto de família e apontou falando:

— Esse é o Marcos!

Ao ver a foto do homem negro, prontamente Gildete lembrou-se do episódio na fábrica, empalideceu e balbuciou:

— Esse é o seu marido?

— Sim, você conhece?

— Não, mas lembrei de uma coisa que nem quero pensar! Meu Deus! Meu Deus!

Notando a palidez de Gildete, Irene pediu com nervosismo:

— Fale o que você lembrou!

Gildete se contorceu no banco, olhou ao redor, vacilou por alguns instantes e sussurrou:

— Foi uma coisa que aconteceu na fábrica! Olha aqui Dona Irene, eu não sou racista, na minha casa não existe essa coisa, eu ensino pra minha filha

que todos somos iguais, mas de uns tempos pra cá, toda vez que vejo um negão fico incomodada.

Irene levantou as sobrancelhas e questionou:

— Por quê? Posso saber?

— No dia do trabalhador nós fomos à festa da empresa e os colegas do meu marido sugeriram que ele estava me traindo com o tal de Negão!

Irene estalou os olhos, enrugou a testa, inclinou levemente a cabeça para a direita como quem mostra dúvidas, tentou organizar os pensamentos confusos e afirmou:

— Isso deve ser um engano!

Notando o olhar assombrado dos filhos, Irene ordenou:

— Vão buscar um cobertor para essa menina! Está no porta malas.

Quando os garotos se afastaram, Irene perguntou:

— Mas que história é essa?

Gildete tapou os ouvidos da filha e relatou:

— Foi terrível! Os peões passaram a festa fazendo piadas, sinais obscenos, mímicas depravadas e perguntando para o Nivaldo onde estava o Negão! Quando nós chegamos em casa tivemos uma conversa séria, mas ele jurou que era só uma brincadeira dos colegas!

Irene exclamou:

— Com certeza era brincadeira! Você está insinuando que o Marco e o seu marido tinham um caso? Isso é absurdo!

— Então o que o Nivaldo estava fazendo no carro do seu marido? O expediente acaba às dezoito horas, por que eles estavam juntos tão tarde da noite?

Irene pensou alguns segundos e respondeu:

— O Marcos sempre fica até tarde na borracharia!

Iludida pelo ciúme doentio que sempre a conduzia por caminhos equivocados e conclusões fantasiosas, Gildete questionou:

— E quem garante que o seu marido ficava na borracharia? Ele poderia sair sem a senhora saber! E se eles se encontravam pelas nossas costas?

Sentado no banco de trás, com os cotovelos apoiados nos joelhos, a cabeça descansando sobre as mãos e o corpo inclinado para frente, Nilson ouviu atentamente a conversa, lembrou-se de fatos que pareceram importantes e se aproximou pedindo:

— Dona Irene, eu posso falar? Não quero me intrometer na conversa, mas tem uma coisa que a senhora precisa saber!

Irene virou-se para trás, olhou para o borracheiro e perguntou com impaciência:

— O que você tem para falar?

Nilson coçou a nuca, se contorceu e disse constrangidamente:

— Tem dias que o chefe tá esquisito! Ele anda calado, com o olhar perdido e suspirando.

— E qual é o problema? O Marcos anda preocupado com as contas!

Novamente Nilson se contorceu e disse:

— Tem mais uma coisa! No começo do mês eu achei uma revista diferente na bancada da borracharia. A senhora sabe que nós colocamos fotos de mulher pelada na parede?

Irene contorceu o rosto mostrando desagrado e exclamou:

— É eu sei! Nem me fale!

— Pois é, mas a revista que eu achei não era de mulher pelada! Pra ser sincero, eu nem fiquei olhando muito, não gosto dessas coisas, mas o pouco que eu vi foi o suficiente.

Diante do olhar apreensivo das mulheres, Nilson prosseguiu:

— Eu dei só uma olhadinha e logo nas primeiras páginas tinha um soldado usando só uma camiseta regata justinha, pelado da cintura pra baixo, mostrando o negócio e segurando uma bazuca enorme! Quando virei a página o soldado tava completamente pelado segurando a coisa! A senhora me desculpe, mas acho que o chefe anda fazendo alguma coisa errada.

Com o semblante empalidecido e petrificado, Gildete enrugou lentamente a testa, estufou as narinas, arqueou os cantos da boca e soltou o lamento alto:

— Meu Deus! Eu sabia! O Nivaldo estava muito diferente!

Notando que os filhos retornavam com o cobertor e Luana parecia completamente apavorada no meio da bagunça, Irene contorceu as mãos, contraiu os olhos, engoliu a raiva e falou entredentes:

— Meninos, arrumem um banco confortável pra essa garota e se acomodem lá nos fundos! Não quero ouvir um “piu”!

Conhecendo o temperamento explosivo da mãe, imediatamente os rapazes acataram a ordem e acomodaram Luana nos últimos assentos, que em pouco tempo se entregou à exaustão e adormeceu.

Longe dos filhos, Irene cerrou os punhos e falou:

— Eu mato o Marcos! Se ele sair vivo desse hospital, eu mato esse sem vergonha!

Nilson disse:

— Eu achei muito estranho aquele rapaz aparecer no meio da noite, mas quando ele falou que o carro estava quebrado na estrada, eu acreditei! Nunca pensei que era o amante do chefe!

Irene exclamou:

— Cale a boca! Foi o Marcos que ofereceu a carona?

— Sim senhora!

— Mas o Marcos nunca foi de ajudar ninguém! Você sabe como ele é, pouco se importa com o problema dos outros!

— Eu sei, por isso achei mais estranho ainda! Ele pediu pro rapaz completar o tanque de gasolina, mas pareceu muito prestativo!

Com o corpo trêmulo, Irene levantou-se para pegar um copo com água, quando o médico aproximou-se falando:

— Boa noite, eu sou o Doutor Mendonça e esse jovem é o médico residente Vitório. Vocês são os familiares dos senhores Marcos e Nivaldo?

Gildete saltou da cadeira e perguntou:

— Como está o meu marido?

Irene completou:

— Eles vão sobreviver?

O médico estufou o peito, se encheu de coragem e respondeu sem o menor resquício de dúvida:

— O caso é muito grave! Eles tiveram múltiplas fraturas e traumatismo craniano. Ambos foram entubados e estão na UTI, as próximas horas são decisivas, por enquanto não podemos dar mais informações.

Gildete perguntou aos berros:

— Meu marido vai morrer?

Mantendo-se inabalável, o médico pediu:

— Acalme-se senhora! Ainda não podemos afirmar nada! Temos que aguardar. Não vou mentir, o estado é muito grave, mas sempre pode se

reverter!

Com o corpo trêmulo, os joelhos vacilantes e as vistas embaçadas, Irene suplicou:

— Por favor, doutor, quais são as chances de sobrevivência?

Mendonça olhou de canto para Vitório, hesitou por alguns segundos e respondeu:

— São pequenas, mas existe esperança! Não posso dar mais informações nesse momento! Por favor, tentem manter a calma! Aconselho que vão para casa, infelizmente vocês não podem fazer nada.

Irene afirmou:

— Não saio daqui sem o meu marido!

Gildete completou:

— Nem eu! Só vou embora com o Nivaldo!

Mendonça meneou a cabeça concordando e apontou explicando:

— No final do corredor tem uma lanchonete, se quiserem podem comprar café ou algo para comer. Sugiro que peçam um copo de água com açúcar. Daqui algumas horas eu retorno para dar mais informações.

Ansioso para se livrar das esposas desesperadas, Mendonça pediu:

— Vamos Vitório, precisamos ver os outros pacientes.

À medida que Irene e Gildete se abraçavam em prantos e gritavam causando tumulto, Mendonça entrou no ambulatório, trancou a porta, bufou e disse:

— É sempre uma complicação! Meu Deus, como é difícil! Quase trinta anos de experiência e nunca me acostumei!

Vitório falou com apreensão:

— Elas estão muito nervosas!

— Eu sei, mas temos que ir com calma! Preste atenção rapaz! Em breve você passará por isso! Aprenda bem, em situações como essa, nunca se fala

de cara o estado do paciente! Primeiro se analisa as condições emocionais da família e só depois falamos a verdade! Dependendo do caso somos obrigados a dar falsas esperanças até que se conformem. Entendeu?

— Entendi, mas como vamos dar a notícia? Eles estão praticamente mortos!

— Primeiro falamos que existem esperanças, mas o estado é grave. Dessa maneira preparamos o psicológico! Enquanto conversamos vamos colhendo informações!

Geralmente durante a conversa as pessoas dão sinais que nos ajudam a dar a notícia!

— Como assim doutor?

— Se a família é católica, normalmente apela muito para Cristo ou Maria! Nesses casos você pode falar que o paciente foi para o céu! Quando são espíritas eles sempre falam alguma coisa de mentor ou espírito de luz, nessa situação você fala que o paciente desencarnou e deve estar em uma bela colônia espiritual! Se for evangélico você pode falar que o paciente foi para o sono dos justos! Tem que ser esperto e dar a notícia da melhor maneira! É melhor evitar certas palavras e não dizer que o paciente morreu! Entendeu?

— Sim doutor! Eu entendi! E se eu não conseguir identificar a religião?

— Você abaixa a cabeça, estende a mão sobre o peito e fala com profundo pesar “Meus pêsames”.

Mendonça suspirou afirmando:

— Isso é suficiente para passar o recado e dar a triste notícia.

— Entendi! O senhor é muito esperto! E o que faremos agora?

— Daqui uma hora voltamos até a recepção e damos uma expectativa de cinquenta por cento de vida! Depois diminuímos para vinte e cinco, mais tarde para dez por cento, isso prepara a família para o pior! É complicado, em alguns casos somos obrigados a chamar a segurança e os enfermeiros para conter os familiares mais desesperados.

Captando atentamente todas as instruções do velho médico, Vitório fez algumas anotações e perguntou:

— Podemos tomar um café?

— Sim, mas é claro! Os pacientes estão medicados e não podemos fazer mais nada! Daqui uma hora falaremos novamente com as famílias.

No decorrer da noite, pouco a pouco as reações de Nivaldo e Marcos foram provando aos médicos e enfermeiros que o caso era irreversível.

Aplicando a tática desenvolvida durante anos de carreira, Mendonça foi gradativamente minando as esperanças das famílias, até atestar os óbitos e encaminhar os corpos para o necrotério.

Pouco antes das seis horas da manhã, Mendonça entrou no saguão de cabeça baixa, estendeu a mão sobre o peito e falou com tristeza:

— Meus pêsames! Que Deus conforte os seus corações! Nós fizemos o melhor, mas não conseguimos salvá-los.

Ao ver a encenação do médico, Vitório olhou para baixo, mordeu os lábios tentando conter a risada e pensou:

— É uma raposa velha!

Ante ao olhar comovido e as palavras solidárias de Mendonça, as famílias se entregaram ao pranto e gritos desesperados.

Acostumado com a dinâmica, Mendonça se calou mostrando empatia, aguardou o derramamento de lágrimas e após alguns instantes explicou:

— Seus esposos foram enviados para o necrotério, vocês podem assinar a documentação para liberação dos corpos.

Abraçadas e em copioso pranto, Irene e Gildete dividiram a dor, as dúvidas e o ódio nascido do ciúme doentio, das suspeitas infantis e das conclusões sem fundamentos.

Depois de um dia tumultuado e marcado pelo desespero, por volta das dezesseis horas os caixões foram acomodados na capela humilde de um cemitério público.

Olhando tranquilamente para os defuntos, o coveiro Geraldo refletiu por breves momentos e disse:

— Timóteo, eu vou falar com a família, vá arrumando as coisas por aqui!

— Tá bom, pode ir, vou adiantando tudo.

Geraldo saiu da capela, fechou rapidamente a porta, viu os familiares aglomerados e explicou:

— Senhora e senhores, o meu nome é Geraldo, eu sou um dos coveiros do cemitério e estou aqui para ajudá-los no que for preciso. O nosso sistema é um pouco diferente, antes de abrir as portas para os familiares, nós

arrumamos os caixões, colocamos castiçais, velas, flores e deixamos tudo arrumado! Quando a capela estiver pronta eu libero a entrada.

Irene perguntou:

— Moço, demora muito?

— Não, no máximo meia hora. Esperem só alguns minutos.

Geraldo entrou apressadamente trancou a porta e perguntou:

— Timóteo, vamos apressar as coisas! Não estou com um bom pressentimento!

— O que foi? A família foi grosseira?

— Não, mas senti um arrepio e quando isso acontece sempre aparecem problemas! Vamos organizar tudo e cair fora!

À medida que os coveiros trabalhavam apressadamente para arrumar a capela, na dimensão astral os amparadores de Nivaldo e Marcos conversavam sobre o desencarne e repassavam as informações para o guardião chefe do cemitério.

Certo de que a suspeita de traição e homossexualidade causaria tumultos durante o velório, Aristides, o guardião de Nilvaldo preveniu:

— Nonato, tem algo que você precisa saber!

Há anos no posto de guardião chefe e familiarizado com os problemas comuns ao trabalho, Nonato olhou com tranquilidade e pediu:

— Fale meu irmão.

Aristides sorriu divertidamente e disse:

— Você vai rir muito, mas isso pode causar tumultos e problemas no seu cemitério.

Clemente aproximou-se falando entre risos:

— Os nossos protegidos foram vítimas de um equívoco e viraram motivo de piadas. As esposas concluíram que eles eram amantes.

Aristides explicou:

— Tudo começou na casa do Nivaldo! A esposa dele sofre com um ciúme terrível, uma fraqueza que precisa ser superada, mas é tratada como algo natural. Os encarnados têm o péssimo hábito de ver o ciúme como um sentimento bonito, algo que demonstra amor. Poucos conseguem perceber que essa emoção inferior esconde traços de possessividade, insegurança, falta de amor próprio e respeito à liberdade do próximo.

Nonato meneou a cabeça concordando e solicitou:

— Conte-me o que aconteceu.

Aristides relatou detalhadamente todo o caso e concluiu:

— Você sabe que o povo sempre vem acompanhado por espíritos sofredores. Não existe velório sem a participação de convidados indesejados. Quando os desordeiros mais rebeldes souberam da história, certamente vão influenciar os familiares para ver o circo pegar fogo! Eles gostam de briga, baderna e emoções que geram baixas frequências!

Clemente disse:

— A esposa do Marcos já está extremamente irritada! Ela recebeu a noticia por meio da Gildete e não consegue aceitar que o marido era homossexual! O Marcos sempre foi um homofóbico, não sei como a Irene se deixou iludir por uma fantasia tão tola!

Nonato olhou para o assistente e perguntou:

— Lázaro, você ouviu a história?

Lázaro acenou a cabeça concordando e afirmou:

— Se precisar eu chamo ajuda chefe! Mas nós sempre damos conta do trabalho!

Notando que os amparadores concluíam sem dificuldades o desligamento de Nivaldo e Marcos, Nonato perguntou:

— Nossos irmãos serão removidos?

Clemente respondeu:

— Sim, eles serão levados para uma colônia de tratamento. Se quiser eu providencio um ajudante para remover os despojos energéticos.

Nonato respondeu:

— Não é necessário, os nossos coveiros fazem a limpeza! Podem ir em paz, nós cuidaremos de tudo por aqui.

Amparados pelos benfeitores espirituais e induzidos ao sono profundo, Marcos e Nivaldo foram removidos para a colônia de tratamento e poupados das energias densas que mais tarde preencheram o ambiente.

Observando atentamente os coveiros encarnados que se preparavam para abrir a porta e liberar a entrada dos familiares, Nonato preveniu:

— Lázaro, nós precisamos ficar atentos, você sabe como é, os encarnados sempre chegam com acompanhantes baderneiros! Não podemos perder o domínio da situação!

— Pode deixar chefe! Vou ficar de olho.

— Cuide da porta, eu vou ficar ao lado dos caixões.

Concluída a preparação da capela, Geraldo abriu a porta, acenou para Gildete e avisou:

— Vocês podem entrar, está tudo arrumadinho! No fundo da sala, à direita, tem uma cozinha e à esquerda um banheiro. Por favor, antes de sair deixe

tudo limpo e retire os pacotes de lixo. Não temos muitos funcionários e o fluxo de velórios é alto. Quando se encerra uma despedida, já tem outra começando.

Gildete contorceu o rosto e respondeu deixando claro o desagrado:

— De onde já se viu um cemitério que tem só duas capelas! Eu fui obrigada a dividir o espaço com a Irene.

Irene consolou:

— Cemitério público é assim mesmo. Eu não me importo em dividir a capela.

— Pois eu me importo! Quero privacidade! É o meu marido que morreu!

Ofendida com a demonstração de ingratidão, Irene retrucou:

— O meu marido também morreu! Você não é a única que ficou viúva!

Notando que o clima se tornava tenso, Geraldo falou entre risos nervosos:

— Senhoras, eu preciso ir! Se faltar alguma coisa podem me chamar!

Quando o coveiro se afastou, Gildete escancarou a porta de vidro corrediço, liberou a entrada dos familiares e amigos, olhou para os caixões acomodados lado a lado e se entregou ao pranto.

Compartilhando o momento de tristeza, Irene a abraçou pedindo:

— Fique calma, não se desespere.

Gildete abraçou Irene e deixou o pranto entristecido extravasar. A mulher que poucas horas antes era uma completa desconhecida, em meio à tragédia se tornou íntima, talvez a pessoa mais próxima a sua dor.

Após alguns instantes de choro alto e inconformado, Gildete correu os olhos pelos degraus de cimento semelhantes aos de uma arquibancada e perguntou:

— É nisso que as pessoas vão se sentar?

Irene secou as lágrimas e respondeu com dúvidas:

— Acho que sim, não estou vendo cadeiras e nem tem espaço para bancos.

— Deus do céu, esse lugar é horrível, parece um estádio!

Ignorando a insatisfação frívola de Gildete, Irene seguiu até o caixão do marido, olhou detidamente e perguntou:

— O que você foi fazer homem?

Há dois metros de Irene, Gildete parou ao lado de Nivaldo, olhou com profunda raiva e disse entre dentes:

— Eu sabia que você me traia! Sempre soube! Seu nojento, imundo! Além de traidor, era um veado! Por que você fez isso comigo? Por quê?

Notando que os familiares próximos aos caixões ouviam com curiosidade o desabafo de Gildete. Irene se aproximou pedindo discretamente:

— Se acalme! As pessoas estão ficando confusas.

Gildete pranteou desesperadamente:

— Eu não quero ficar calma! O meu marido morreu!

Notando que nenhuma palavra poderia conter a fúria e a dor de Gildete, Irene se voltou para o marido.

Ante aos comentários das viúvas e o desabafo indiscreto de Gildete, rapidamente o burburinho se espalhou entre o povo que apressadamente abraçou a história como sendo o maior mexerico do ano.

Meia hora depois, Josefa entrou de cabeça baixa, parou ao lado de Irene, que continuava imóvel ao lado do caixão, e falou com contida tristeza:

— Ahh, meu irmão! Como isso aconteceu com você? Poxa vida Marcos, você vai fazer tanta falta!

Josefa secou as lágrimas, abraçou Irene e disse:

— Não se preocupe com nada, vamos ajudar você e os meninos.

Irene retribuiu o abraço e respondeu:

— Muito agradecida cunhada.

— De quem é esse caixão aqui do lado? Por que estão fazendo dois velórios juntos?

— Esse homem estava com o Marcos no momento do acidente e tinha apenas uma capela disponível para o velório. Eu e a Gildete conversamos e decidimos fazer junto. Era isso ou teria que deixar para amanhã.

— Tá certo, esse tipo de coisa não dá pra ficar adiando!

Atacada pela curiosidade, que normalmente supera a consideração pelo próximo, Josefa se esticou na direção do caixão de Nivaldo, voltou para Irene e perguntou:

— Esse senhor era amigo do Marcos?

Ouvindo a conversa, Gildete assoou o nariz no lenço, suspirou algumas vezes e falou com indignação:

— Conta pra ela Irene! Fala o que o irmão dela andava fazendo por aí!

Irene apelou com irritação:

— Pare de se meter no velório do meu marido! Cuide da sua vida e dos seus parentes.

Assustada com o teor da conversa, Josefa olhou de canto e interrogou:

— O que está acontecendo?

Novamente Gildete se intrometeu falando alto:

— Eles eram amantes! Amantes! Seu irmão era amante do meu marido!

Josefa deu um passo para trás, estendeu a mão sobre o peito e perguntou com assombro:

— Que história é essa?

Irene abaixou lentamente a cabeça e murmurou:

— É verdade, Josefa. Eu fiquei sabendo ontem à noite. O Marcos estava tendo um caso com esse rapaz, eles estavam juntos, o Nilson confirmou tudo!

— Não pode ser! O Marcos sempre detestou essas coisas!

Totalmente fora de controle, Gildete berrou:

— Ele gostava sim! Seu irmão era gay!

Ao ouvir a acusação, Josefa virou-se com olhar enfurecido, apontou o indicador e seguiu na direção de Gildete avisando:

— Olha aqui sua branquela, trate de calar a boca! Meu irmão não era veado!

Mostrando-se pronta para o embate, Gildete estufou o peito, esticou o pescoço e revidou:

— Era sim! O seu irmão era amante do meu marido!

Quando Josefa esticou os braços, pronta para agarrar os cabelos de Gildete, Irene berrou assustadoramente:

— Calem a boca! Calem a boca!

Atirando-se entre as mulheres, Irene parou cara a cara com Gildete, colocou as mãos na cintura e perguntou:

— Quem garante que o branquelo do seu marido não deu em cima do Marcos?

— Eu duvido! O Nivaldo não fazia essas coisas! O seu marido é o safado!

Quando Josefa passou na frente de Irene e arremessou o corpo arredondado sobre Gildete, a briga de tapas e arranhões criou um verdadeiro alvoroço. Agarradas pelos cabelos, girando descontroladamente e batendo nos caixões, as mulheres caíram rolando no chão e transformaram a capela em um palco de horrores.

Vendo que as mulheres estavam dispostas a se matar, os parentes dos falecidos se meteram na briga, separaram as mulheres ensandecidas, conseguiram conter a agressão física, mas nada puderam fazer contra os palavrões e acusações, que cortaram o salão, se espalharam ao longe e chegaram aos ouvidos de todos os que estavam ao redor.

Ao passo que Josefa e Gildete lutavam para se libertar, se debatiam dando chutes no ar, tentavam se atacar, berravam os impropérios mais esdrúxulos e davam um espetáculo que surpreendia até os Guardiões mais experientes, no canto da sala Luana chorava e gritava desesperadamente:

— O papai é veado! O papai é gay!

No meio da confusão, Helena, a vizinha de Gildete, correu até a menina, a acolheu nos braços e pediu:

— Calma Luana! Vai ficar tudo bem!

Odair aproximou-se da esposa, olhou com piedade e sugeriu:

— Vamos levar essa menina para fora! Ela não pode assistir uma pouca vergonha desse tipo.

Enquanto Luana chorava copiosamente e murmurava que o pai era gay, Helena interrogou:

— Filha, você sabe o que é gay?

— Não, mas tá todo mundo falando que o papai era gay e estão brigando, deve ser uma coisa muito ruim!

Odair bufou mostrando indignação e sugeriu:

— Helena, vamos levar essa menina pra casa! Avise a Gildete, nós voltamos amanhã cedo!

Desviando o olhar para Irene, Gildete, Josefa e mais dois parentes encrenqueiros que aproveitavam a situação para acertar contas do passado e gritavam a todo pulmão, Helena fez o sinal da cruz e murmurou:

— Que Deus me ajude! Odair, fique aqui com a menina, vou falar com a Gildete.

Atravessando cautelosamente a turba encolerizada, que se acusava, insultava e sequer lembrava que estava em um velório, Helena aproximou-se segurando o braço de Gildete e apelou:

— Olhe para a sua filha! A Luana está desesperada!

Ao ouvir o nome da filha, Gildete saiu do estado de ira, olhou assustada para os lados e quando viu Luana chorando no colo de Odair, agarrou os cabelos e berrou:

— Minha filha! Minha filhinhaaa! Ôh meu Deus! Ôh meu Deus!

Helena tirou um lenço da bolsa, limpou o filete de sangue que descia pela testa de Gildete e outra vez apelou:

— Meu Deus do céu, você se arranhou na briga! Por favor, minha filha, se controle! Nós vamos levar a Luana para casa, ela não pode ficar aqui! Amanhã voltaremos para o enterro.

Gildete se lançou na direção da filha, caiu e joelhos, a abraçou demoradamente e perguntou:

— Helena, a senhora promete cuida bem dela?

— Sim, eu prometo! Agora tente se controlar, não dá para mudar o que está feito! O Nivaldo sempre foi um homem bom, não merece isso!

Gildete levantou-se esfregando o lenço no ferimento escondido entre os cabelos e exclamou com mágoa:

— Ele me traiu com um homem! A senhora acha que isso tem perdão?

Helena abaixou a cabeça mostrando tristeza, segurou a mão de Luana e se afastou sem responder.

Enquanto Irene e os filhos enfaixavam o dedo ferido de Josefa, que durante o embate quebrou a unha ao arrancar um maço de cabelos da oponente, do

outro lado Gildete era consolada pelos familiares, levantava as mãos e o rosto para o alto e berrava interrogando Deus.

Sentada no fundo da capela, com os olhos estalados e boca entreaberta, Adriana se divertia com o escândalo e intimamente criticava duramente os defuntos, as viúvas e o público agitado. Oscilando entre os sentimentos de superioridade e sarcasmo, ela deu um salto quando o marido entrou às pressas, prontamente transformou o semblante expressando fingida tristeza, abriu os braços mostrando-se pronta para acolhê-lo e aproximou-se falando com lágrimas nos olhos:

— Estou aqui, meu amor!

Sentindo-se subitamente confortado pela atitude da esposa, Osvaldo a abraçou falando com voz sufocada:

— Meu Deus, que tragédia!

Indiferente a dor do marido e ansiosa para contar a fofoca mais escandalosa da última década, Adriana alisou os cabelos de Osvaldo e perguntou despretensiosamente:

— Você sabia que o seu irmão era gay?

Aturdido com a pergunta, Osvaldo a empurrou levemente e questionou:

— O quê? Que história é essa? O Nivaldo não era gay!

Motivada pela maledicência, Adriana se esforçou para esconder o sorriso sarcástico e soletrou:

— Ve-a-do! O seu irmão era bicha!

— Quem falou isso?

— Todos estão falando! Esse povinho sem educação está quase se matando! Você sabia que o Nivaldo era bicha?

Entre enjoos súbitos, tremor intenso e leve tontura, Osvaldo se dirigiu até Gildete e perguntou:

— O que está acontecendo aqui? De quem é esse caixão?

Gildete apontou o caixão de Marcos e pranteou:

— É o amante do seu irmão! Eles morreram e estão sendo velados juntos!

Completamente desorientado, Osvaldo deslizou as mãos pelos cabelos levemente grisalhos, olhou para o público visivelmente transtornado e interrogou:

— Meu Deus do céu, que história é essa?

Percebendo que os colegas de Nivaldo acabavam de chegar para as últimas homenagens, Gildete apontou na direção da entrada e falou em tom acusador:

— Eles podem confirmar! São os colegas do seu irmão e sempre souberam de tudo! No almoço do dia do trabalho eles tentaram me alertar, mas eu não quis ver o que estava diante dos meus olhos!

Alheios à confusão que se espalhava pelo velório, Rogério, Miltinho e Fábio se aproximaram olhando com disfarçado espanto para o caixão de Marcos e quando seguiram na direção da viúva para prestar as condolências, Osvaldo perguntou sem rodeios:

— Alguém pode me explicar que história é essa? Estão falando que o Nivaldo era homossexual!

Rogério olhou de canto para os colegas, por alguns instantes sentiu-se atacado pela confusão, abaixou a cabeça e falou com sincero pesar:

— Meus pêsames! Sinto muito a sua perda.

Osvaldo apertou a mão dos homens e novamente questionou:

— Que história é essa? A Gildete disse que vocês podem explicar!

Rogério hesitou por alguns segundos e respondeu:

— Na fábrica os peões sempre brincavam com o Nivaldo, mas eu nunca pensei que ele era veado, achei que era só brincadeira!

Envolvido pelos burburinhos, pela atmosfera carregada de intrigas e pelos próprios preconceitos, Miltinho comentou:

— Eu sempre desconfiei! Às vezes o Nivaldo fazia umas poses suspeitas. Um dia ele entrou no RH, parou na fila e colocou as mãos na cintura, parecia uma bicha!

Contagiado pelas concepções imprecisas, Fábio exclamou:

— É verdade! Eu também percebi! Uma vez entrei no escritório e peguei o Nivaldo sentado com o cotovelo apoiado na mesa, o queixo sobre a mão e olhando para o alto. Parecia uma mocinha. Quem faz esse tipo de coisa é veado.

Rogério coçou a cabeça com certo desconforto e concluiu:

— Sem falar naquela história com o Negão, o Nivaldo ficou afetado demais. Nós achamos que era só irritação, mas vai ver que era medo de sair do armário!

Gildete saltou na frente de Osvaldo e interrogou:

— Você ouviu? Ouviu isso? O seu irmão estava me traindo com um homem! O Nivaldo era gay! Eles estavam juntos quando aconteceu o acidente, com certeza combinaram mais um encontro!

Boquiaberto e incrédulo, Osvaldo se afastou lentamente do grupo, se aproximou do caixão, apoiou a mão sobre a testa de Nivaldo, olhou com profundo carinho e sussurrou com lágrima descendo pelo rosto:

— Meu irmão, por que você não me contou? Eu faria tudo para entender! Sempre soube que você era infeliz nesse casamento, mas não esperava algo desse tipo.

Com o sangue fervendo e ávida por vingança, no outro canto da sala, Josefa provocou:

— Pelo jeito todo mundo sabia que o branquelo era veado! Isso prova que ele andava atrás do meu irmão!

Gildete retrucou:

— Era o seu irmão que corria atrás do meu marido! Eu só descobri porque esses marginais ficaram zombando e fazendo piadas!

Ante a acusação, Rogério contorceu o rosto e protestou:

— Ei! Aqui não tem nenhum marginal! Nós somos trabalhadores e viemos prestar a última homenagem ao nosso amigo!

Aproveitando-se da situação, Gildete colocou para a fora toda a raiva guardada desde o dia do almoço e vociferou:

— Vocês são uns sem vergonhas! Seus imundos sem educação! Não aprenderam a respeitar a família? Eu, o meu marido e a minha filha fomos até aquele almoço para se divertir, mas passamos o dia inteiro ouvindo piadas nojentas!

Atacado por uma ponta de remorso, Rogério desviou o olhar e disse:

— Já estamos de saída.

Fábio justificou:

— Desculpe dona, a gente não sabia que ia ofender tanto!

— Ofendeu sim! Brincadeiras têm limites e vocês não têm respeito!

Miltinho fez o sinal da cruz, abaixou a cabeça e falou:

— Desculpe dona, não foi por mal! Já vamos embora!

Gildete esbravejou:

— Podem ir! Seus safados! Vão e nunca mais apareçam! Vocês não prestam!

Enquanto Irene se debruçava sobre o caixão e soluçava alto, Josefa acusou:

— A culpa é de vocês! Olha o que estão fazendo com a minha cunhada? Já não basta tanto sofrimento?

Osvaldo apelou:

— Por favor, vamos nos acalmar!

Josefa revidou:

— Mande a sua cunhada calar a matraca! Essa branquela escandalosa!

Enquanto uma nova discussão se formava entre os familiares, no fundo da sala Adriana se divertia e Nilson começava a sentir o peso do arrependimento, que a todo instante lhe cobrava pela fofoca impensada.

Quando Rogério, Fábio e Miltinho cruzaram a porta, Nilson olhou para o trio, perguntou-se se Nivaldo era realmente homossexual e comentou com o colega ao lado:

— Por que não fiquei com a boca fechada? Nunca deveria ter falado sobre aquela revista, olha a confusão que deu!

— Cleiton perguntou:

— O senhor viu mesmo uma revista de homem pelado na borracharia?

— Vi! Vi com esses olhos que um dia a terra há de comer! O Marcos estava muito estranho, vivia suspirando, olhando para o alto e distraído. Quando eu achei aquela revista, entendi porque tanta esquisitice! Ele estava se sentindo sufocado, com certeza queria sair do armário, mas não tinha coragem. A prova está naquele caixão, ele morreu ao lado do amante!

Seguindo o velho ditado que diz “o povo aumenta, mas não inventa”, Cleiton aproximou-se de Nilson e sussurrou:

— Fiquei sabendo que os bombeiros acharam os corpos abraçados, eles morreram abraçadinhos, é verdade?

Nilson fez o sinal da cruz e resmungou:

— Também ouvi falar! Deus me livre! Vai saber o que acontece com as almas desses veados!

Cleiton repetiu o gesto do colega e determinou:

— Esses dois foram para o inferno!

Entre as conclusões estúpidas de Cleiton e Nilson, ao redor do caixão o povo tentava conter Gildete e Josefa, que a todo instante tentavam se engalfinhar. Irene pranteava desesperadamente debruçada sobre o caixão, Osvaldo assistia o furdunço em estado de choque, pelos cantos os parentes aumentavam a história, Adriana se segurava para não gargalhar alto e a fofoca se espalhava como uma doença.

À medida que os encarnados mostravam os desequilíbrios mentais e a sordidez que se esconde atrás das máscaras cotidianas, no plano astral Nonato e Lázaro tentavam conter os espíritos perdidos que acompanhavam os presentes, se aproveitavam das brigas para formar uma algazarra e fragilizar a proteção do cemitério.

Como um cão de guarda disciplinado que observa atentamente em silêncio, enquanto os guardiões expulsavam os baderneiros e garantiam a proteção do cemitério, Nonato mantinha-se ereto entre os caixões e impedia a aproximação dos ardilosos que se esgueiravam como cobras tentando se aproximar do caixão para usurpar uma porção de ectoplasma que os desse a sensação de ainda estar na carne.

Pouco antes da meia noite, quando os encarnados se acalmaram e grande parte dos espíritos perdidos foi contida, Nonato seguiu até Lázaro e falou:

— Meu Deus, o que é isso? Essas pessoas parecem loucas!

— Também estou assustado, chefe! Nunca vi um velório tão tumultuado! As mulheres se atracaram duas vezes até tirar sangue! Parece que agora

cansaram, mas ainda estão completamente perturbadas!

Nonato suspirou balançando a cabeça negativamente e disse:

— Elas acreditam que estavam sendo traídas e que os maridos eram homossexuais! Veja quantos problemas uma desconfiança pode causar. Tudo isso por uma fantasia criada pelo ciúme. Além de se entregar as invenções da mente perturbada, fazer calúnias e inventar mentiras, eles chafurdam como porcos no lamaçal da fofoca!

Lázaro concordou:

— É por isso que vivem acompanhados por espíritos inferiores! Com tanto ectoplasma impregnado de energia baixa, se tornam um prato cheio que esses perturbados não perdem por nada.

Apontando para o espírito parcialmente acoplado ao chakra umbilical de um senhor que cochilava de braços cruzados, com a cabeça apoiada na parede, boca entreaberta de onde descia um fio de baba, Nonato contorceu o rosto evidenciando certo asco e lamentou:

— Olhe aquilo, veja que coisa mais horrenda! O infeliz que está grudado no homem já subtraiu tanto ectoplasma que até entrou em estado de letargia.

Lázaro observou o espírito de aparência disforme com os olhos revirados, cabeça caída para trás e boca escancarada, sentiu um misto de piedade e indignação e concluiu:

— Ele está entorpecido, aquele senhor passou a maior parte da noite bebendo cachaça. Com certeza ele alimenta o vício desse infeliz. Realmente é espantoso, eles parecem xifópagos. Sabe Deus há quanto tempo vivem desse jeito!

— Cada uma faz a sua cama! Os encarnados podem andar com benfeitores ou vampirizadores, basta escolher que caminho seguir! Poucos chegam ao cemitério com seus protetores, a maioria vem com assediadores doentes e loucos.

Percebendo que mais uma vez Gildete, Irene e Josefa iniciavam uma discussão, Nonato convidou:

— Vamos sair daqui, é deprimente assistir essa cena! Precisamos fazer a ronda, vou pedir para o Mateus ficar na capela.

Quando os guardiões se afastaram, no mesmo momento os espíritos sorrateiros que aguardavam uma oportunidade começaram a entrar na capela e se aproximar dos caixões.

Ciente de que os oportunistas seriam ligeiros, rapidamente Nonato transferiu a tarefa para Mateus, que no mesmo momento se dirigiu para a

capela, aumentou o padrão vibratório e entrou sem ser captado pelos espíritos em baixa frequência.

Usando das táticas comuns aos bons soldados, ele observou o ambiente astral que, pouco a pouco, era tomado pelos desajustados, percebeu que alguns se grudavam aos encarnados com frequência mais baixa e a maioria se aglomerava ao redor do caixão.

Com olhar astuto e um sorriso divertido, Mateus plasmou um tridente com pontas longas e se concentrou até transformar o corpo esguio em uma figura agigantada e um tanto corcunda. Mostrando a constituição física disforme e horrenda, com a pele vermelha, olhos negros como os abismos infernais, garras longas, pretas, curvas e pontudas, dentes proeminentes com presas afiadas e narinas largas de onde evaporava uma fumaça escura, Mateus teve a certeza de que estava pronto para assustar os sofredores presos em crenças. Confiante de que a transfiguração era o suficiente para espantar a maioria dos desordeiros, o guardião equalizou a frequência com os espíritos inferiores e gritou com voz cavernosa:

— Eu vim buscar vocês!

Surpreendidos pela aparição da figura monstruosa e prontamente atacados pelas crenças religiosas sobre o inferno e seus demônios, os desajustados se precipitaram em uma corrida desesperada, atravessaram as alamedas aos gritos e em pouco tempo abandonaram o cemitério.

Divertindo-se imensamente com a situação, Mateus gargalhou alto bradou:

— Se voltarem eu os levarei para o inferno!

A tática, comumente usada por muitos guardiões, livrou o plano astral dos invasores, que ficaram do lado de fora aguardando seus acompanhantes encarnados.

Sem a multidão de assediadores, aos poucos os encarnados se acalmaram, as brigas acabaram e finalmente o velório prosseguiu sem os vergonhosos episódios.

Depois de uma noite exaustiva, algumas horas após o amanhecer, o administrador do cemitério entrou na capela, aproximou-se das viúvas e explicou discretamente:

— Senhoras, o meu nome é Raimundo, sou o administrador do cemitério. Nós estamos com apenas dois coveiros e à tarde temos mais um enterro. Eu sei que gostariam de prolongar a despedida, mas precisamos sepultar seus entes queridos.

Gildete olhou para Nivaldo com profundo asco, sacudiu os ombros evidenciando desdém e disse:

— Quero acabar logo com isso!

Irene passou o lenço sobre os olhos lacrimosos e concordou:

— Por mim está tudo bem, podemos fazer o enterro.

Baseado na informação distorcidas dos coveiros, que no decorrer da noite ouviram os burburinhos e assistiram de longe às brigas calorosas, Raimundo concluiu que se tratava da família de um casal e falou com bondade:

— Eu sinto muito a perda da família, ouvi dizer que eles eram um casal muito querido por todos! Aqui não temos nenhum tipo de preconceito, fizemos as covas lado a lado, assim eles poderão passar a eternidade juntos!

Gildete estalou os olhos, sentiu o sangue subir a cabeça e interrogou com os dentes cerrados:

— O quê? Vocês fizeram as covas juntas?

— Não estão juntas, mas estão lado a lado e bem próximas! Não podemos enterrar dois caixões na mesma cova, mas na medida do possível, fazemos tudo para deixar os casais juntos.

Gildete bateu no peito e esbravejou:

— Ele é o meu marido! O meu marido! Eu sou a esposa! Eles não são um casal!

Sentado na primeira fileira, Nilson bocejou e corrigiu:

— Eles eram só amantes, nunca se casaram.

Com um olhar fulminante, Irene ordenou:

— Cale a boca e não se meta!

Gildete defendeu aos berros:

— Ele tem razão! Eles eram amantes! A-man-teees! O meu marido e o seu eram amantes!

Aturdido com o inesperado alvoroço, Raimundo estremeceu, perguntou-se o que estava acontecendo e pediu:

— Por favor, se acalmem! Estamos em um lugar sagrado! Os coveiros falaram que se tratava do velório de um casal. Eu pensei que as senhoras eram irmãs, primas ou amigas dos falecidos, nunca imaginei que poderiam

ser esposas, me perdoem! Não era minha intenção ofender, eu só queria atenuar a dor dos familiares.

Ignorando a boas intenções do administrador, Gildete gritou:

— Não vou enterrar o meu marido ao lado desse safado!

Irene revidou:

— O seu marido que era safado! Esse branquelo assediou o meu Marcos!

Josefa, que tinha se ausentado em busca de um lanche para Irene, entrou na capela com uma garrafa de café, viu o bate-boca e ameaçou:

— É agora que arrebento de novo a cara dessa branquela! Ela tá desde ontem pedindo pra apanhar um pouco mais!

No meio da discussão, Raimundo falou alto e com energia:

— Mantenham os modos ou chamo a polícia! Que pouca vergonha é essa? Tenham respeito!

Gildete puxou a gola da blusa, assoou o nariz e pranteou:

— Eles eram amantes! Amantes! Não quero que o meu marido seja enterrado ao lado desse homem!

Raimundo suspirou profundamente mantendo a decisão e respondeu:

— Sinto muito, eu não sabia que tínhamos um problema desse tipo! A cova já foi feita e não temos funcionários para fazer outra. Lamento, mas é o que posso oferecer!

Gildete esbravejou:

— Eu já falei que não vou enterrar o meu marido ao lado desse homem!

— Então a senhora terá que providenciar outro cemitério ou fazer uma cova!

Exausta das brigas, emocionalmente esgotada e ansiosa para encerrar o sofrimento, Irene aproximou-se pedindo com humildade:

— Gildete, por favor, vamos acabar logo com isso. Estamos exauridas, deixe que eles sejam enterrados juntos, isso não vai fazer diferença.

Prisioneira das próprias ilusões e do ciúme desmedido que sempre a conduziu por caminhos árduos, atitudes infantis e durante anos sabotou o matrimônio, Gildete lamuriou:

— Está bem, vamos enterrar de uma vez esses desgraçados!

Irene apelou em prantos:

— Por favor, não fale assim! Eles foram bons homens! Eu ouvi a sua família falando, o seu marido nunca deixou faltar nada em casa.

O Marcos era uma pessoa difícil, mas fez tudo pra dar o bom e o melhor pros nossos filhos. Vamos respeitar um pouco mais!

Estendendo a mão, Irene pediu:

— Vamos enterrar esses homens e acabar com de uma vez por todas com tanto sofrimento!

Raimundo incentivou:

— Se ajudem! Assim as coisas ficam mais fáceis! Já basta a dor que estão enfrentando!

Gildete olhou para o caixão do marido, em seguida para os olhos tristes de Irene e acenou a cabeça com concordando.

Depois do velório marcado por brigas, fofocas, insultos e muitas demonstrações de inconsciência, finalmente Marcos e Nivaldo foram enterrados e os familiares voltaram para a casa.

Durante algum tempo a história foi o assunto principal entre os vizinhos, parentes e principalmente durante as reuniões de família, momento em que todos se reuniam para falar da vida alheia e do fiasco que marcou o ano.

Compartilhando a dor do luto, com o passar dos meses as viúvas se aproximaram, teceram belos fios de amizade e juntas superaram o choque e a tristeza que ataca os corações daqueles que perdem seus entes amados.

Quase um ano depois, recuperados e conscientes do desencarne, Marcos e Nivaldo foram conduzidos ao Ministério do esclarecimento. Agraciados pela lucidez e a compreensão das escolhas improdutivas feitas durante a vida terrena, eles entraram na sala, olharam para os amparadores e sentaram-se em silêncio.

No decorrer de um breve momento, que pareceu infinito para a dupla, os acontecimentos mais marcantes da existência foram expostos. Após a breve explanação dos mentores, Nivaldo e Marcos foram informados sobre os

equívocos que tumultuaram o velório, o desespero das viúvas e as conclusões precipitadas de todos os envolvidos, que voltaram para casa convencidos de que os falecidos eram amantes.

Entre lágrimas emocionadas e gargalhadas, Nivaldo e Marcos admitiram as falhas e fraquezas durante a vida, compreenderam a falta de consciência e as inferioridades morais dos amigos e familiares, aceitaram passivamente os acontecimentos do velório e finalmente chegaram ao momento de decidir quais caminhos seguir.

Após a elucidação, os mentores se despediram, deixando os guardiões Clemente e Aristides responsáveis pelos últimos questionamentos.

Rindo dos acontecimentos que marcaram o velório, Clemente disse:

— Até hoje os guardiões do cemitério falam sobre esse velório! Fico feliz que vocês tenham aceitado o rótulo de homossexuais com naturalidade.

Nivaldo respondeu:

— Eu não me surpreendo. A Gildete sempre fez dessas! Ela é muito ciumenta e cria fantasias mirabolantes. Nunca a traí, mas sempre fui acusado de traição. Ela vai passar o resto da vida sofrendo com esse absurdo.

Marcos falou entre risos:

— A minha Nega até que se saiu bem, mas se eu tivesse vivo, ela tinha me matado!

Clemente falou com satisfação:

— Irene e Gildete estão bem, já superaram o luto e se tornaram boas amigas.

Nivaldo refletiu por alguns instantes e admitiu:

— Eu sei que os mentores explicaram, mas ainda não entendi por que morri tão cedo, eu tinha acabado de completar quarenta e cinco anos! Se não fui um homem ruim, por que tudo isso aconteceu?

Clemente explicou:

— Vocês tinham um tempo para despertar e colocar em prática o planejamento feito antes da reencarnação. Ambos se comprometeram a evoluir e ajudar no avanço de outros irmãos, mas nunca fizeram nada para ganhar mais consciência e maturidade espiritual! Nivaldo, o espírito anseia por evolução, se isso não acontece na terra, ele é convidado a prosseguir em outro plano, seja reencarnando ou trabalhando no astral.

Marcos falou com pesar:

— Eu trabalhei muito para criar os meus filhos! Não acho que tive uma vida à toa!

Nivaldo completou:

— E eu nem tive tempo de criar a minha, sempre trabalhei igual a um burro de carga!

Clemente explicou:

— Vocês trabalharam muito, isso não podemos negar, mas dentro do nível evolutivo que alcançaram ambos têm capacidade de fazer mais e ajudar outros irmãos! Essa é a questão, espiritualmente vocês não avançaram.

Aristides olhou para Clemente pedindo permissão e disse com seriedade:

— Antes de reencarnar vocês aceitam receber seus filhos, trabalhar honestamente e em paralelo buscar o avanço espiritual, mas o que foi que aconteceu? Vocês se esqueceram do mais importante: o aprimoramento moral e o ganho de consciência! Ao concluir parte do projeto e estagnar na caminhada evolutiva, inconscientemente vocês encerraram a missão na terra

e atraíram a condição que resultou no desligamento do aparelho físico. Há várias encarnações vocês avançam até certo ponto, param no meio do caminho, atraem situações que encerram a experiência, retornam para o astral e repetem o ciclo.

Clemente completou:

— Quando o espírito encarnado decide seguir o planejamento e realizar o projeto com o qual se comprometeu, nós o ajudamos a evitar certos percalços na caminhada, mas caso ele esteja sabotando o próprio avanço, deixamos que os acontecimentos o tragam para o plano astral. É melhor o retorno e um novo planejamento do que uma vida sem consciência que pode acrescentar débitos desnecessários.

Nivaldo interrogou:

— E o rapaz que bateu no nosso carro? Eu entendi que ele foi uma ferramenta do universo que agiu de acordo com as nossas escolhas, mas ele vai ficar impune?

Aristides respondeu:

— Nada fica fora da ordem e do reajuste Divino! No momento certo esse rapaz vai colher tudo que plantou. Naquela noite ele queria se divertir e foi imprudente, mas nunca planejou matar dois estranhos. Nesse exato momento milhares de espíritos estão nascendo e morrendo na Terra e em todo o universo.

Dentro desse sistema tudo se movimenta em sincronia e somos ferramentas das leis de causa e efeito. Em todas as situações se manifestam os acontecimentos necessários para o encerramento de ciclos.

Outra vez Nivaldo questionou:

— Por que foi com aquele rapaz e naquele momento?

— O processo em cadeia levou aquele rapaz até vocês. Antes da reencarnação ele aceitou passar por determinadas provas e caso fraquejasse, uma delas poderia levá-lo a acontecimentos como aquele acidente. O fracasso dele o levou de encontro ao fim do ciclo que chegava para vocês.

Aristides fez uma pausa em busca de explicações compreensíveis e prosseguiu:

— O acidente aconteceu quando o prazo estabelecido antes da reencarnação se encerrou. Vocês tinham um tempo para se ajustar dentro do projeto reencarnatório e começar o trabalho de elevação espiritual. Tendo em vista que isso não aconteceu, os acontecimentos em cadeia os levaram ao fim da missão.

Clemente completou:

— O acidente, além de encerrar um ciclo, os ajudou a quitar débitos passados. Tudo foi pré-estabelecido e concordado antes da reencarnação. Vocês aceitaram os desafios da existência, as tarefas de avanço espiritual, e as condições e provas que impulsionam o crescimento. O abandono do projeto reencarnatório criou uma energia de atração que os levou ao ponto de encerrar o ciclo. Se não fosse com aquele rapaz, seria qualquer outro incidente.

Marcos coçou a cabeça e reclamou:

— Não consigo entender como isso acontece!

Clemente refletiu por alguns instantes e respondeu:

— Marcos, como já foi dito, o universo trabalha em perfeita sincronia. Toda escolha gera um resultado, não apenas na vida de quem decide, mas em todo o entorno. Veja bem, antes de reencarnar você fez várias escolhas, uma delas foi desenvolver a sua mediunidade e trabalhar conosco. Caso tivesse seguido esse caminho, ainda seria útil na Terra e estaria encarnado. Dentro dessa escolha, provavelmente você não teria conhecido o Nivaldo naquela circunstância, o acidente não teria acontecido, as suas esposas não teriam se cruzado etc. Quantas vezes durante a existência você sentiu o chamado para seguir outros caminhos?

— Ahh, muitas vezes, mas eu sempre deixava para amanhã!

— Exatamente, a sua decisão sempre foi essa, deixar para amanhã, mas o prazo acabou! As suas prioridades o levaram ao ponto em que o acidente aconteceu para encerrar um ciclo onde você não estava mais avançando espiritualmente! As escolhas do Nivaldo e daquele rapaz seguiram o mesmo fluxo e por magnetismo vocês se encontraram.

O universo está em constante movimento, é como uma engrenagem que se movimenta inteira com a alteração de uma única peça! É um processo em cadeia, basta a decisão de um espírito para que tudo em seu mundo se altere! O mais importante é que existe uma ordem dentro desse movimento, e tudo, exatamente tudo age em benefício do Todo.

Marcos questionou:

— Mas como poderíamos saber? A reencarnação apaga aquilo que aprendemos aqui!

Aristides explicou:

— A reencarnação não apaga o conhecimento e as informações que o espírito conquista durante a jornada. Elas ficam temporariamente arquivadas no inconsciente, mas a todo instante ressoam e enviam lampejos que servem para lembrar o espírito encarnado sobre a sua missão de vida. Os acontecimentos que aparentemente parecem banais, também apontam o caminho a ser seguido. Tudo acontece em perfeita sincronia. Basta estar atento!

Clemente disse entre risos:

— Orai e vigiai meus amigos! Ora pedindo a indicação do bom caminho e vigia, pois o pedido sincero é sempre atendido!

Percebendo que Marcos e Nivaldo se olhavam de canto, Aristides acrescentou:

— Vocês não têm dívidas um com o outro. Foi apenas uma sucessão de acontecimentos necessários para o encerramento de um ciclo. Não comecem a se culpar ou acusar!

Nivaldo perguntou:

— Poderia ter acontecido com outra pessoa e em outro dia qualquer?

Clemente respondeu:

— Poderia ser com outra pessoa e em outro momento, mas acabaria acontecendo! Apenas uma mudança drástica de atitude poderia evitar a finalização do ciclo. Para os encarnados a morte ainda é um tabu, mas aqueles que alcançaram um nível de consciência um pouco mais aprimorado, sabem que é apenas uma mudança de dimensão. O espírito é realocado para um plano onde possa aprender, crescer e ser mais útil ao Todo.

Aristides acabou de falar algo importante, vocês não devem se culpar, nem a si mesmos e muito menos um ao outro. Esse tipo de sentimento pode facilmente criar laços negativos entre vocês. Caso isso aconteça, essa ligação terá que ser transformada por meio de provas, perdão, amor e experiências lado a lado.

Aristides falou:

— Essa é a nossa maior preocupação! Garantir que essa experiência não crie laços negativos entre vocês! Sabendo que nenhum dos dois pretende reencarnar agora, vamos colocá-los para trabalhar juntos, dessa maneira poderão se conhecer melhor e extinguir qualquer traço de rancor ou culpa.

Marcos interrogou:

— Trabalhar com o quê? Aonde?

— No cemitério, o mesmo lugar onde o corpo de vocês está sepultado. Mas se preferirem podem reencarnar em seguida, nós os acompanharemos ao Ministério da Reencarnação. A proposta reencarnatória não apresenta grandes desafios, mas, por favor, da próxima vez tentem fazer melhor! Vocês acham mesmo que a vida na matéria é feita apenas para trabalhar, juntar bens materiais, dormir, comer, evacuar e procriar? Pensem um pouco! No universo cada espírito tem um papel importante no avanço de todos! Se os encarnados refletissem um pouco sobre o próprio papel dentro desse intrincado sistema, as coisas seriam muito diferentes!

Marcos abaixou a cabeça tentando esconder o constrangimento e perguntou:

— Como é a proposta reencarnatória, vocês podem falar um pouco?

Clemente acenou a cabeça concordando e esclareceu:

— Para garantir que não ficará nenhuma ponta solta entre vocês, a programação oferece a oportunidade de uma existência como irmãos. Ambos têm frequências, conhecimentos e jornada espiritual semelhante. Isso contribui para o reencarne na mesma família.

Nivaldo questionou com surpresa:

— Vou ser irmão do Marcos? Tem que ser assim?

Como quem espera a primeira pista para provar uma teoria, Aristides respondeu com energia:

— Está vendo? Esse questionamento é a prova de que existe algo para ser resolvido! Escutem muito bem, não queremos que comecem a se acusar! Coisas do tipo: Eu não deveria ter entrado no seu carro, eu não deveria ter oferecido carona. Você não deveria ter feito aquele caminho, etc.! Antes de

dar vazão às acusações, pensem nas escolhas que fizeram durante a vida! Foram elas que os levaram até aquela situação!

Nivaldo protestou:

— Até parece que fomos pessoas ruins! Nós fomos trabalhadores!

Aristides se levantou, arqueou o corpo na direção da dupla, olhou fixamente e disse:

— Querem saber mesmo? Eu estava escolhendo as melhores palavras, mas acho que não fui claro o suficiente! Em proporções idênticas, ambos não fizeram nada além de nascer, crescer, se multiplicar e morrer, o mesmo que qualquer animal faz! A única diferença entre a maioria dos encarnados e os coelhos, está no fato de que os coelhos não colocam seus filhotes no carro e os levam para escola!

Decidido a despertar Marcos e Nivaldo, o guardião olhou para o alto, esfregou o queixo e falou com sarcasmo:

— Até hoje nunca vi um coelho carregando seus coelhinhos pelas orelhas e os levando para a escola, mas seria algo interessante de analisar! Certamente seria um salto evolutivo para a espécie, algo que vocês nem chegaram perto!

Espantado com a sinceridade provocativa do guardião, Nivaldo estalou os olhos e interrogou:

— Você está querendo dizer que somos animais?

— Estou afirmando que vocês se comportam como animais e não usam a inteligência que adquiriram durante as múltiplas existências! Observe a vida em sociedade! Os humanos comportam-se como macacos um pouco mais evoluídos! Veja a maneira com que se matam para proteger territórios, a prole e o grupo! O comportamento irracional, a falta de controle sobre as próprias emoções, a indiferença com o próximo e o egoísmo são provas de que falo a verdade! Mas tem algo muito importante a se ponderar, os macacos estão cumprindo com o seu papel no universo, eles não assumiram determinados compromissos antes de reencarnar, mas fazem exatamente o que precisa ser feito para o avanço da espécie e do Todo!

Contendo o riso, Clemente concordou:

— É verdade, os macacos nascem, crescem e se reproduzem, mas antes de morrer realizam uma tarefa importante dentro do ecossistema, eles ajudam no reflorestamento! Infelizmente não podemos falar o mesmo de vocês, que além de não cumprir o planejamento reencarnatório e nunca plantar uma única árvore, ainda contribuíram com o aumento da poluição.

Marcos cruzou os braços e perguntou com indignação:

— Então quer dizer que agora passamos de humanos para coelhos, e de coelhos para macacos?

Aristides olhou para o alto, outra vez coçou o queixo mostrando-se pensativo e retrucou:

— Não, isso é impossível, o espírito não regride, mas precisamos concordar que os macacos cumprem a função que lhes foi dada no universo, e caso os coelhos começassem a levar seus coelhinhos para escola, certamente teriam avançado mais do que vocês! Para ser franco, acho que um único macaco consegue fazer mais pelo bando do que vocês dois juntos fizeram pela a sociedade!

Nivaldo revirou os olhos e resmungou:

— Não acredito nisso.

Marcos olhou de canto com desconfiança e protestou:

— O senhor não acha que isso é discriminação?

— Não, não é discriminação! Eu estou falando de todos os humanos e também me incluo nessa lista. Quero que vocês se libertem desse estado de cegueira! A maioria dos encarnados acha que está fazendo muito, mas na verdade está longe de realizar a proposta reencarnatória! No plano astral

todos prometem lutar para conquistar mais consciência e ajudar no avanço da humanidade, mas ao cair na matéria comportam-se como primatas!

Com um tom de voz mais brando que Aristides, Clemente explicou:

— Nesse momento nós ocupamos o posto de guardiões, já vivemos muitas experiências na matéria, estamos conscientes, mas ainda precisamos reencarnar e corremos o risco de cometer erros semelhantes. Mas não podemos negar a verdade, a condição evolutiva da humanidade é inferior e muitos encarnados ainda se comportam como primatas!

Clemente olhou para o alto como quem suplica a benevolência divina e continuou:

— Que Deus não me permita estar errado, mas acredito que já superei grande parte das inferioridades que mantém o espírito na ignorância, no entanto, ainda preciso reencarnar e evoluir muito! O mesmo acontece com vocês e a maioria dos espíritos que estão na Terra, apenas o ganho de consciência os levará a fazer o que é realmente importante. A vida na matéria exige o trabalho, a aquisição de bens materiais para sustentar os filhos e aproveitar as alegrias da existência, mas não pode se resumir apenas a isso! Se a humanidade continuar assim, nunca conseguirá superar a condição de primata um pouco melhorado e jamais passará para um nível mais elevado.

Aristides bufou deixando evidente o cansaço e sugeriu:

— Vamos fazer uma breve análise das possibilidades para a próxima vida na matéria. Vocês podem reencarnar como irmãos em uma família humilde e repetir a proposta reencarnatória. Quem sabe dessa vez vocês consigam fazer um pouco melhor! Nivaldo, por acaso você tem algum problema com negros ou homossexuais?

— Não, claro que não!

Observando atentamente a tela mental de Nivaldo e as alterações emocionais que mudavam o padrão vibratório, o guardião deu um sorriso de canto que durou apena alguns segundos, retomou o semblante austero e perguntou:

— Então me explique por que tanto medo de se aproximar daquele negro que trabalhava na fábrica?

— Não era preconceito! Eu queria evitar as brincadeiras dos peões! As piadas eram de mau gosto e começaram a me incomodar, eles passaram dos limites.

Captando a sinceridade nas palavras, Aristides concordou:

— Está certo, eram brincadeiras de muito mau gosto!

Voltando o olhar investigativo para Marcos, o guardião interrogou:

— E você Marcos? Algum problema para reencarnar negro?

— Não, de jeito nenhum! Nunca tive problema com a cor da minha pele.

— E com homossexuais? Algum problema?

Marcos inclinou levemente a cabeça para o lado, deu um sorriso acanhado e respondeu:

— Não tenho nada contra, mas também não sou a favor!

Aristides estendeu a mão sobre a boca tentando esconder a risada e perguntou:

— E posso saber o que aquela revista de homem nu estava fazendo na sua borracharia?

Marcos respondeu com contida indignação:

— Aquela revista era de um cliente! Ele deixou cair do bolso. Quando eu achei tive a péssima ideia de guardar na oficina e esqueci em cima da

bancada, pensei que o rapaz iria voltar para buscar, se soubesse que poderia causar tanta desconfiança teria jogado no lixo!

Ainda disfarçando o riso, Aristides manteve a postura enérgica e perguntou:

— Muito bem, então podemos seguir para o Ministério da Reencarnação ou para o cemitério, o que vocês querem?

Nivaldo abaixou a cabeça, refletiu brevemente e perguntou:

— Somos obrigados a reencarnar em uma família pobre e como irmãos?

Marcos interrogou com aborrecimento:

— Poxa vida cara! Por que você não quer ser o meu irmão?

— Não é isso, o problema não é com você, na verdade, eu não quero reencarnar!

Clemente falou:

— Vocês podem passar um tempo trabalhando no cemitério, mas não esqueçam que qualquer sinal de rancor ou culpa deve ser eliminado! A parceria de trabalho os ajudará a criar laços de amizade e na próxima existência, além de irmãos vocês serão grandes amigos.

Marcos concluiu entre risos amigáveis:

— Então vou trabalhar! Eu espero o Nivaldo criar coragem para a próxima aventura na matéria!

Aristides concordou:

— Muito bem, então vamos levá-los até os colégios de guardiões, apresentar algumas colônias e em seguida acompanhá-los até o posto de trabalho!

Guiados por Clemente e Aristides, Nivaldo e Marcos iniciaram o trabalho como guardiões do cemitério onde foram sepultados, com o passar dos anos e a cumplicidade se tornaram grandes amigos e provaram que os acontecimentos do desencarne foram realmente superados.

No plano físico, anualmente Gildete e Irene fazem visitas ao cemitério. Movidas pela amizade nascida da dor, elas levam flores, arrumam as sepulturas e homenageiam os falecidos maridos, que até os dias de hoje são lembrados como amantes.

Invisíveis aos olhos das companheiras, Nivaldo e Marcos acompanham o ritual, escutam as lamentações, se compadecem pelas ilusões enraizadas nas mentes das esposas, e expressam o grande amor por meio dos passes e pensamentos carregados de benevolência.

Irmãos Clóvis/Zé da Gafieira - Abril de 2023

A Top Model

Lembro-me daquela tarde como se fosse hoje. Na dimensão física o céu estava acinzentado, a garoa fina descia lentamente molhando as alamedas do cemitério e o vento gelado que passeava entre os ciprestes e as sepulturas denunciava o inverno de julho.

No plano astral o cenário não era muito diferente, com o sol encoberto por nuvens escuras e pesadas, o cenário acinzentado criava uma estranha mistura entre a dimensão física e extrafísica.

Seguro de que os guardiões da entrada e das alamedas faziam a proteção do perímetro, eu trabalhava tranquilamente no meu escritório fazendo um levantamento das almas sepultadas nos últimos meses quando o Baianinho, um dos coveiros recém-integrado ao grupo, entrou às pressas e chamou:

— Chefe! Chefe! O senhor precisa ver, tem uma coisa esquisita lá fora!

Acostumado com o alarde dos coveiros novatos, eu continuei concentrado no trabalho e apenas resmunguei:

— Hã, hã.

— Chefe, é sério! Venha ver! É a coisa mais esquisita que eu já vi!

Notando que o Baianinho não me deixaria em paz, eu soltei o relatório e perguntei:

— Mas o que tem de tão esquisito lá fora?

— Os coveiros encarnados estão fazendo uma exumação!

— E qual é o problema? Hum, já sei, eles estão roubando de novo.

— Não é isso, dessa vez é outra coisa.

— E o que tem de tão assustador?

— Eles abriram o caixão de uma moça, mas o corpo parece um robô.

— Robô? Mas que raios é um robô?

Baianinho coçou a cabeça, contraiu o rosto olhando para o alto e respondeu:

— Robô é igual uma pessoa feita de lata, isso não existia na época que o senhor estava vivo, mas hoje em dia é normal.

— Ah sim! Já vi algo parecido nos filmes que os coveiros encarnados assistem na televisão.

— O senhor precisa ver aquilo, é a coisa mais esquisita! Acho que essa moça ficou presa no corpo, mas não sei o que ela andou fazendo enquanto estava encarnada. Os restos mortais parecem de um robô, ou boneco, não sei direito!

Persuadido pelo assombro do Baianinho, eu guardei os relatórios e concordei:

— Vamos até lá, quero ver do que se trata.

Quando nos aproximamos da cova, que estava sendo exumada no plano físico, eu observei de longe os três coveiros encarnados cobertos de ectoplasma denso e perguntei:

— Baianinho, por que vocês não estão limpando a cova? Os encarnados estão cobertos de gosma! Será que preciso pedir tudo? Vocês não tem iniciativa?

— Eu estava limpando a cova e os coveiros chefe, mas quando eles abriram o caixão decidi chamar o senhor. Dê uma olhada!

Quando eu parei ao lado da sepultura e estiquei o pescoço para olhar os restos mortais, fui tomado pelo impacto. Depois de tantos anos trabalhando no plano astral do cemitério, raramente algo me surpreendia, mas naquela ocasião fiquei primeiramente chocado e em seguida confuso.

Percebendo a minha surpresa, Baianinho aproximou-se falando entre risos:

— Tá vendo, chefe? Eu disse que era esquisito.

— Mas o que é isso?

— Eu não sei, mas parece um robô!

— Por que você ainda não limpou os resíduos ectoplasmáticos? Dá para ver daqui que a terra embaixo do caixão está impregnada. Isso deveria ter sido removido há tempos! Quando o espírito é removido a cova deve ser completamente saneada de qualquer energia.

Baianinho abaixou a cabeça mostrando certo constrangimento e admitiu:

— Ainda não consigo atravessar a matéria. Pra limpar aquele ectoplasma tenho que penetrar a terra, não sei como fazer.

Ciente de que muitos coveiros recém-desencarnados tinham bloqueios mentais que impediam a transposição da matéria física, eu peguei a rede que o Baianinho usava para remover o ectoplasma e respondi:

— Deixe que eu faço, nós precisamos limpar essa cova.

— Parece que não tem muito ectoplasma, chefe.

— Realmente não tem muito e está bem fundo, dificilmente algum ladrão de cova vai conseguir pegar esse ectoplasma. Esses infelizes não conseguem romper a matéria, mas de qualquer maneira precisamos limpar.

Quando o Baianinho meneou a cabeça concordando, eu penetrei a terra que os coveiros encarnados cavoucavam em busca de algum pertence valioso, alcancei o ectoplasma e me surpreendi ao perceber que uma egrégora ainda continuava ativa.

Diante do ectoplasma carregado de energia e informações sobre a dona da sepultura, eu me concentrei ao máximo para juntar as peças soltas e pouco a pouco consegui visualizar as imagens de sofrimento geradas pela mulher que ficou presa no corpo físico e agonizou durante alguns meses. As cenas dignas dos melhores filmes de terror me deixaram profundamente comovido, era evidente que se tratava de um caso de apego ao corpo físico,

mas com toda certeza uma valorização muito além daquelas que vemos com frequência.

Depois de remover o ectoplasma carregado de informações e limpar os coveiros encarnados que sempre se contaminam com a energia densa impregnada nas sepulturas, eu entreguei a rede carregada para o Baianinho e pedi:

— Despache no expurgo. Eu vou atrás de informações, quero saber o que aconteceu com essa moça[4] .

4.Nota do Editor: Expurgo: Portal interdimensional responsável pela fragmentação de energias densas coletadas no cemitério. Para maiores esclarecimentos consultar a obra “Os Intocáveis do Além”.

— O senhor não estava aqui quando ela foi enterrada?

— Não, na época eu estava em outro setor, se não me engano era o Gilmar que cuidava desse perímetro. Eu vou conversar com ele.

— Chefe, eu posso ficar olhando? Quero ver o que os encarnados vão fazer.

— Fique e aproveite para mantê-los limpos.

Depois de deixar o Baianinho observando a exumação, eu segui até o perímetro do Gilmar e quando o encontrei na entrada do cemitério me aproximei perguntando:

— Gilmar, foi você que cuidou do meu perímetro na época que eu fui transferido?

— Olá, Lebeau! Sim, fui eu quem ocupou o seu lugar. Algum problema por lá?

— Não, na verdade está tudo bem, mas estou curioso com uma coisa, talvez você possa me ajudar.

— Pois então fale.

— O Baianinho me chamou para assistir uma exumação, quando fui conferir fiquei espantado e até agora não entendi o que é aquilo.

— Em qual sepultura?

— É na sepultura 321, aquela que está abandonada já tem tempo. Você lembra-se do que aconteceu por lá?

Gilmar arqueou as sobrancelhas mostrando surpresa e respondeu:

— Sei sim! Então quer dizer que os restos mortais da top model foram removidos?

— Top model? O que é isso?

— É apenas uma expressão usada para indicar modelos que ficaram muito famosas.

— Ahh! Então ela era modelo?

— Sim, e foi uma modelo bem famosa nos anos oitenta e noventa, ela desencarnou no início de noventa e nove.

— Famosa? De que famosa você está falando?

— Você ouviu falar de uma modelo e atriz chamada Débi Motta?

— Sim! Claro que sim! Então é o corpo dela que está naquele caixão?

— Ela mesma! A Débi desencarnou há pouco mais de cinco anos e desde então a sepultura foi abandonada, nunca vi um familiar fazer uma visita.

— Isso explica por que os coveiros estão fazendo a exumação sem a presença da família.

— Pela conversa que eu ouvi entre os guardiões da Débi, parece que a família sempre foi interesseira e quando o poço secou, eles simplesmente esqueceram e deram as costas.

— Conte-me mais, quero saber sobre essa história. Você sabe o que aconteceu com a Débi?

— Sei um pouco, eu fiz a contenção durante o enterro, o cemitério ficou lotado de espíritos perdidos e do lado de fora se formou uma multidão de fãs acompanhados por desencarnados.

— Me diga quando o enterro de um famoso não causa esse tipo de confusão? É sempre assim! Os familiares trazem seus acompanhantes desencarnados para dentro do cemitério e não podemos impedir a entrada, afinal, são convidados! Para dificultar os fãs trazem uma tropa de espíritos perdidos que ficam como loucos querendo entrar para subtrair o ectoplasma.

— É verdade, enterro de gente famosa é sempre uma confusão e o dobro de trabalho.

— Me explique o que são aquelas coisas grudadas nos restos mortais. O Baianinho deveria saber, ele desencarnou há pouco tempo, mas parece mais perdido que eu!

Gilmar coçou a barba, olhou para baixo como quem tenta escolher a melhor maneira de falar e depois de algum tempo perguntou:

— Você sabe o que é plástico?

— Não existiam essas coisas na minha época, mas ouço os encarnados falando, é aquela caixa que fica envolta da tela do televisor?

— Isso mesmo, a caixa que fica ao redor da tela é feita de um tipo de plástico, a pior invenção da humanidade! O plástico ainda vai se tornar um enorme problema na Terra.

— Aquilo que tem no corpo da Débi é plástico?

— Não exatamente, mas é parecido. O que você viu grudado nos despojos são próteses.

— Próteses? O que são próteses?

Outra vez Gilmar olhou para baixo em busca de boas explicações e disse:

— Eu sei que você gosta de acompanhar os coveiros encarnados enquanto assistem filmes. Por acaso já viu alguma atriz com seios, coxas e bunda avantajadas?

— Sim, já vi muitas. As mulheres de hoje em dia são bem redondas. Nos filmes antigos as atrizes pareciam mais naturais.

— Boa parte dessa mudança aconteceu por meio do avanço da indústria farmacêutica e cosmética. Depois dos anos oitenta aconteceu um salto nesses setores e uma das maiores novidades foi às próteses de silicone que prometiam avolumar o corpo. As mulheres adotaram imediatamente a ideia e começaram a usar as próteses para aumentar, destacar, corrigir e alcançar a perfeição.

— Que interessante! Então quer dizer que aquelas bolsas nos seios, nas coxas, panturrilhas e no bumbum do defunto são próteses?

— Sim, você não imagina como aquele corpo ficou quando entrou na fase de putrefação! Posso dizer que não parecia humano.

— Não consigo nem imaginar, eu nunca presenciei um processo parecido.

— A Débi era uma mulher muito vaidosa que durante a vida fez várias cirurgias para corrigir o corpo, depois passou para as próteses, botox e tudo que a indústria da estética oferecia para manter a ditadura da beleza. Acredito que quarenta por cento daquele corpo no caixão passou por algum tipo de alteração.

— Quarenta por cento? Tudo isso?

— Sim! Por que você acha que essa mulher sofreu tanto até ser recolhida? Era uma vaidade excessiva e, por consequência, um apego enorme pelo próprio corpo. Essas pessoas investem muito dinheiro, tempo, energia, esperanças e vida para alcançar a perfeição, mas esquecem de que não levarão nada depois da morte.

— Como foi o resgate?

— Foi bem difícil e demorado. A Débi acordou uma semana após o enterro e entrou em estado de tormento. Eu tentei aplicar passes para acalmá-la, mas foi totalmente inútil, a frequência era muito baixa, a energia que envolvia o corpo estava extremamente densa e o passe não conseguia atravessar a barreira.

— E os protetores? Não apareceram guardiões, mentores ou guias?

— Claro que sim! Quase todas as semanas eles desciam em grupos de três ou quatro pessoas, aplicavam passes, tentavam removê-la do corpo, mas não conseguiam. A Débi morreu de câncer pouco depois de completar

quarenta anos e durante toda a vida se preocupou apenas com a beleza, ela não tinha a mínima noção de espiritualidade e sentiu-se completamente sozinha em seus tormentos.

Lembrando-me dos casos que acompanhei durante os anos de trabalho no cemitério, eu comentei:

— São condições bem propícias para manter o espírito ligado à matéria.

— Foi exatamente isso que aconteceu. A Débi não aceitou o desencarne, afinal, como ela poderia abrir mão daquilo que idolatrou durante a vida? Ela depositou tudo que tinha naquele corpo e nunca se lembrou de que um dia teria que abandoná-lo. Os guias fizeram o desligamento, mas o desejo de preservar o corpo criava novos laços que a mantinha presa na matéria putrefata.

— Ela ficou em um ciclo? Você viu?

— Sim, eu vi! Ela acordava, sentia-se viva em um corpo podre que se tornou banquete de larvas, entrava em pânico, gritava, arranhava o caixão, se debatia e quando alcançava o esgotamento espiritual caia em sono profundo. Durante esse estado de coma, a Débi se lançava em memórias dos momentos de fama, via-se nas passarelas, diante das câmeras, acenando para os fãs, dando autógrafos e, é claro, cultuando o corpo. Quanto mais ela revivia essas lembranças, maior era o desejo de permanecer no corpo e mais laços se formavam ligando o espírito aos restos apodrecidos.

Gilmar me olhou de canto com o rosto contraído e prosseguiu:

— Foi horrível! Quando a pele e a carne putrefata começaram a se desfazer, as próteses do rosto saíram do lugar, os lábios, nariz e bochechas perderam a forma e a deixaram com um aspecto monstruoso! Os vermes se multiplicavam incessantemente sob as bolsas de silicone e a Débi gritava, se debatia tentando afastar os invasores, mas a luta era inútil.

Gilmar apontou na direção da sepultura da Débi e pediu:

— Vamos até lá, quero ver como ficou o corpo. Não consigo imaginar como deve ser uma ossada coberta de pele e próteses. Essa moça colocou silicone até nos lábios e nas bochechas.

— Tudo isso? Eu nem sabia que essas coisas existiam!

— Existe de tudo! Eu falei para você que quarenta por cento da Débi é pura prótese! De que adianta tanto sacrifício? Por fora uma bela viola, por dentro pão bolorento!

Acompanhei Gilmar até a sepultura e quando nos aproximamos os coveiros encarnados estavam ensacando os ossos e se divertindo com as próteses.

Parados diante dos homens ignorantes que entre gargalhadas faziam piadas depreciativas, nós observamos em silêncio durante algum tempo até Gilmar

lamentar:

— Veja que tristeza! Tanto apreço e sofrimento por algo que se tornou lixo, nada mais do que lixo.

Olhei para o coveiro que usava um galho fino de árvore para cutucar as próteses e comentei:

— Lixo é piada para esses ignorantes! Você quer apostar que eles vão cogitar a possibilidade de vender essas próteses?

Gilmar gargalhou e respondeu:

— E você tem dúvida? Esses daí vendem até a própria mãe! Quero ver quem será o primeiro a dar a ideia.

Ouvindo a conversa dos coveiros encarnados, em pouco tempo percebemos que as nossas suspeitas estavam corretas. Além de revirar o caixão em busca de qualquer pertence de valor, eles começaram a pensar sobre a possibilidade de vender as próteses no mercado negro.

Notando que Gilmar olhava fixamente e parecia reflexivo, eu perguntei:

— Você estava aqui quando ela foi removida?

— Ahh sim! Era um dia muito chuvoso na crosta, estava caindo um temporal! Não esqueço porque foi em um feriado de Sete de Setembro, inclusive ouvi um dos amparadores brincando que aquele dia marcaria a liberdade da Débi.

— Será que ela reencarnou? Você tem alguma informação?

— Nunca fui atrás para averiguar, mas ouvindo a conversa dos guardiões e mentores eu concluí que ela seguiria para uma reencarnação compulsória. Você sabe como é, nesse tipo de situação o espírito fica em um estado de tormento muito grande, a mente entra em colapso e não consegue sequer compreender o esclarecimento, tudo que resta é a benção do esquecimento temporário e uma nova experiência com o objetivo de atenuar o apego ao corpo.

— O apego dessas pessoas é tão grande, que muitas reencarnam com graves problemas de autoestima. Na tentativa de alcançar a beleza, a perfeição e a admiração, acabam caindo na vaidade excessiva, sacrificam a vida e aumentam as dificuldades existenciais.

— Com toda certeza, em minha opinião a maior dificuldade dessas pessoas está na idolatria de algo impermanente e fugaz. O corpo começa a morrer no momento em que nasce, é apenas uma questão de tempo para a beleza dar lugar aos traços da idade que indicam o fim da jornada. O que sobra quando o corpo perece e os bens materiais não podem atravessar as barreiras interdimensionais?

— Acredito que para essas pessoas resta apenas o medo e o profundo arrependimento por ter dedicado uma existência ao culto do efêmero. Com toda a certeza a vaidade é importante para a vida na matéria, mas não pode se transformar em uma prisão que encarcera a alma.

— Aqueles que durante a vida procuram algum tipo de elevação espiritual conseguem vencer essas tendências, pois aos poucos percebem que a beleza interior reflete no corpo mantendo-o belo e garante a paz da alma. É praticamente impossível descrever os tormentos que essa mulher experimentou.

— Vejo que você se ressente por não ter ajudado.

— Às vezes sim, quem é que gosta de ver um irmão sofrendo tais horrores? Em certa ocasião eu me aproximei da sepultura e nem precisei penetrar a matéria para ouvir os gritos desesperados que ecoavam da egrégora criada pela Débi, eu até consegui ouvir a respiração ofegante. A densidade era tão grande que ultrapassava a terra, a sepultura e criava uma verdadeira atmosfera de medo ao redor. Bastava se aproximar para sentir o tormento.

— Eu sei que é triste, mas quando os próprios mentores e guardiões não conseguem ajudar, não temos o que fazer e ficamos de mãos atadas. Nesses casos o melhor é impedir que desordeiros e obsessores se aproximem da sepultura.

— Esse foi um dos motivos que trouxe os amparadores várias vezes para o cemitério. A Débi tinha uma grande quantidade de perseguidores que

começaram a rondar a região no intuito de capturá-la. Em algumas ocasiões eu vi de longe os guardiões lutando para expulsar os obsessores que tentavam a todo custo se aproximar para arrancá-la do caixão.

— Como ela estava quando foi retirada do corpo? Você viu?

— Vi de longe. Apesar de todo o sofrimento e desequilíbrio mental, ela conseguiu manter o corpo curvilíneo. De onde eu estava consegui ver as curvas de um perispírito acinzentado e denso. Parecia que estava coberta por uma fuligem escura.

Compartilhando as telas mentais de Gilmar, eu vi as imagens assustadoras de um espectro enegrecido, senti profunda piedade da moça e em seguida dos coveiros, que no intuito de ganhar alguns trocados com o furto dos objetos, sequer imaginavam as consequências futuras.

Quando os ossos da Débi foram colocados no saco, durante alguns minutos os coveiros continuaram cavoucando a terra em busca de algum pertence e quando se deram por vencidos encerraram o trabalho.

Reconhecendo o fim da exumação, Gilmar suspirou com pesar e disse:

— É isso que restou. Apenas um saco de ossos! As próteses vão para o lixo, os restos mortais para uma gaveta qualquer e acabou! Veja o quão frágil é o deus da nossa querida irmã.

— Ainda bem que os coveiros tiveram o bom senso de descartar essas coisas horrorosas! Já pensou nas consequências de vender essas próteses velhas?

— Eles jamais conseguiriam vender essas próteses!

— A família da Débi nunca mais voltou? Nem sequer para uma visita?

— Depois do enterro nunca vieram. A Débi não quis ter filhos, o medo de perder a beleza do corpo era tão grande, que ela decidiu sacrificar a maternidade. Os pais também eram pessoas materialistas que perderam o interesse quando a fonte de renda e a fama acabaram.

— Fico imaginando quantas alegrias essa mulher deixou de viver. Pessoas que se tornam escravas do próprio corpo perdem os prazeres que a experiência na matéria pode proporcionar. Coisas simples como saborear um doce se tornam um pecado!

Gilmar meneou a cabeça concordando:

— É algo bem complexo, pois além de sacrificarem os prazeres que dão felicidade à vida, elas se submetem a tratamentos e procedimentos dolorosos, vivem com medo da rejeição, inseguras quanto à própria imagem e escravas de um padrão de beleza cruel que foi criado para enriquecer as grandes indústrias. Eu ouvi o guardião da Débi comentar que em várias ocasiões ela invejou as amigas que se tornaram mães, no fundo ela queria experimentar a maternidade, mas a vaidade e a adoração pelo corpo a

impediam. A infelicidade, as frustrações, as mágoas e os sentimentos conflituosos se transformaram em um câncer de mama que rapidamente se espalhou pelo corpo e corroeu justamente o que ela mais adorava.

Gilmar suspirou com certo pesar e concluiu:

— É isso, meu caro amigo Lebeau, o fim de uma história triste.

— Você sabe o que aconteceu com ela?

— Nunca fui atrás para saber, mas descobri que ela continua em tratamento nas colônias e realmente será enviada para a reencarnação compulsória.

Consciente de que o nosso trabalho não para, pois a todo instante um encarnado deixa o plano físico e encontra no cemitério a morada final para o corpo, eu agradeci o Gilmar, me despedi e retornei para o escritório.

Casos como o da Débi se espalham pelos cemitérios do mundo. Pessoas que durante a vida divinizam o corpo não conseguem abandonar o veículo físico mesmo quando os vermes devoram a matéria e o odor nauseabundo entorpece os sentidos.

O corpo é o templo sagrado do espírito e como tal deve ser respeitado, protegido e amado, mas nunca idolatrado. Ele deve estar a serviço do espírito e jamais se tornar o seu senhor.

Lebeau – Agosto de 2023

CONHEÇA AS OUTRAS OBRAS DA ESCRITORA

1. Guardião: A Luz na Escuridão

2. Tragédia na terreira: A História de Zulmira

3. Romeiro do astral

4. A Odisseia de Um Preto Velho

5. Memórias de um Malandro

6. A Casa das Loucas

7. Caminhos de Vitória

8. Los Três Ciganos

9. Contos de Malandro

10. Contos de Senzala

11. Contos de Guardião

12. O Lado Oculto da Gira

13. Contos de Boiadeiro

14. Amélia

15. Contos de Baiano

16. Uma Lua de Mel Arretada

17. O Pistoleiro do Sertão

18. O Santinho do Sertão

19. Tudo Sob Controle

20. As fantasias de Maricóta

21. Em Nome do Perdão

22. Contos de Guardião Vol. II

23. Contos de Malandro Vol. II

24. Contos de Cigano

25. O Outro Lado Oculto da Gira

26. O Bom Baiano

27. Os Caminhos da Ilusão

28. La Chica

29. O Retorno do Guardião

30. O Assediador

31. O Velho da Porteira

32. Papai Não Pode Morrer

33. Os Intocáveis do Além

34. A Queda do Sacerdote

35. Contos de Senzala Vol. II

36. O Egum

37. Contos de Malandro Vol. III

38. Os Extremos da Fé

39. A Cabritinha

40. Contos de Baiano Vol. II

41. Enigmas do Céu e do Mar

42. O Mundo dos Suicidas

43. Um Parafuso a Menos

44. Contos de Boiadeiro Vol. II

45. Os Fofoqueiros

46. Um Anel Dentro de Outro Anel

47. Reencontros e Reajustes

48. Lebeau: A Intrigante História de um Guardião

49. A Prova Final

50. Ventre Livre

51. O Expatriado

52. Desventuras de Um Pirata

53. Contos de Senzala Vol. III

54. Um Espírito Ensinou

55. O Roque da enxada

56. Contos de Guardião Vol. III

57. Contos de Malandro Vol. IV

58. Contos e Boiadeiros Vol. III: Os sete boiadeiros

59. Histórias de Cemitério Vol. I

60. O Mediador Vol.I

61. O Mediador Vol. II

62. O Mediador Vol. III

TIPOLOGIA

Book Antiqua, Baskerville old face 8/12/28/36